

marilusa moreira vasconcellos

INCONFIDÊNCIA DE UMA CONFIDENTE

Tomás Antônio Gonzaga



INCONFIDÊNCIA DE UMA CONFIDENTE

Marilusa Moreira Vasconcellos

Inconfidência de Uma confidente.

**Pelo espírito de
Tomás Antônio Gonzaga
2ª edição.**

**Distribuidora
Editorial Espírita Radhu Ltda
R. Maria Oliano Gerassi-288
Moinho Velho- São Paulo- CEP-04284-065
Fon-(11)2274-3818
www.radhu.com.br
radhu@terra.com.br**

Vasconcellos, Marilusa Moreira

Inconfidência de uma confidente: romance mediúnico

**Marilusa Moreira Vasconcellos, ditado p/ Tomás Antônio Gonzaga.
São Paulo Radhu- 1992**

1. Brasil- narrativa 1980/1992

2. Psicografia. Gonzaga, Tomás Antônio, 1744/1810

II Título.

ACV-92-93 TAG-MMV- 8742

19942

Índices para catálogo sistemático.

1. escritos psicografados. Espiritismo 33.92

2. relatos históricos. Literatura brasileira-8942

3. romances mediúnicos. Espiritismo 19942

2ª. Edição.

**Os direitos autorais desta edição foram cedidos à
Fundação Cidade do Alvorecer do Milênio. São Paulo**

**Todos os direitos reservados a
Editorial Espírita Radhu Ltda.**

R. Maria Oliano Gerassi -288

Moinho Velho -São Paulo- CEP- 04284-065

Fon-(11)2274-3818

www.radhu.com.br

radhu@terra.com.br

DEDICATÓRIA

**Dedico este livro ao médium
Francisco Cândido Xavier.**

ÍNDICE

DEDICATÓRIA

INTROITO

PALAVRAS INICIAIS

DO AUTOR

CAPÍTULO I - RENASCER

CAPITULO II- UM SALTO NO TEMPO

CAPÍTULO III- CARMEN E CAIRBAR

CAPÍTULO IV - COMO CONHECI ZÉ BENTO

CAPÍTULO V - NO BARCO "HORIZON"

CAPÍTULO VI- PRIMEIRO ENCONTRO COM CHICO
XAVIER

CAPÍTULO VII- CONHECENDO O COMANDANTE
ARMOND

CAPÍTULO IX- EM OURO PRETO... NOVAMENTE

CAPÍTULO X- EM S. PAULO -A EDICEL

CAPITULO XI- UMA REUNIÃO ESPÍRITA MAÇÔNICA

CAPÍTULO XII- COMENDO A CAPA DO CONFIDÊNCIAS

CAPÍTULO XIII- COM CHICO XAVIER PELA SEGUNDA
VEZ

CAPÍTULO XIV - NO GRUPO DA PRECE

CAPÍTULO XV- UMA REUNIÃO DIRIGIDA POR MÁRIO DE
ANDRADE

CAPÍTULO XVI NO CHILE - UM PRESENTE: UMA CURA.

CAPÍTULO XVII - MEU CAMINHO DE SANTIAGO

CAPÍTULO XVIII - PROGRAMAÇÃO

CAPÍTULO XIX- JOSÉ COSTA ANDRADE - (Um caso à parte).

CAPÍTULO XX - UM ARDIL INTELIGENTE

CAPÍTULO XXI - RADHU

CAPÍTULO XXII -LOBATO EM LINHA DIRETA.

CAPÍTULO XXIII - DECIFRANDO

CAPÍTULO XXIV - O LEILÃO DA ESTÁTUA

CAPÍTULO XXV- DE QUANTAS “MORTES” SE FAZ UMA ALIANÇA

CAPÍTULO XXVI - ENCERRAMENTO

INTROITO

... Não suponhas que te baste publicar um livro, dois livros, dez livros, para em seguida ficares tranquilamente em casa. Tens que expor a tua pessoa. Suscitarás contra ti ódios terríveis; inimigos encarniçados se conjurarão para tua perda; ver-te-ás a braços com a malevolência, com a calúnia, com a traição mesma dos que te parecerão os mais dedicados; as tuas melhores instruções serão desprezadas e falseadas; por mais de uma vez sucumbirás sob o peso da fadiga; numa palavra: terás de sustentar uma luta quase contínua, com sacrifício de teu repouso, da tua tranquilidade, da tua saúde e até da tua vida, pois, sem isso, viverias muito mais tempo.

Ora bem! Não poucos recuam quando, em vez de uma estrada florida, só vêem sob os passos urzes, pedras agudas e serpentes.

Para tuas missões, não basta a inteligência. Faz-se mister, primeiramente, para agradar a Deus, humildade, modéstia e desinteresse, visto que Ele abate os orgulhosos, os presunçosos e os ambiciosos. Para lutar contra os homens, são indispensáveis coragem, perseverança, e inabalável firmeza. Também são de necessidade prudência e tato, a fim de conduzir as coisas

de modo conveniente e não lhes comprometer o êxito com palavras ou medidas intempestivas. Exigem-se, por fim, devotamento, abnegação e disposição a todos os sacrifícios.

Vês, assim, que a tua missão está subordinada a condições que dependem de ti.

ESPÍRITO DA VERDADE.

(Obras Póstumas - pg. 283 - 25ª edição Federação Espírita Brasileira)

PALAVRAS INICIAIS

Querido irmão e amigo:

Jesus nos guarde em alegria, trabalho e oração.

Dores guardadas no baú são espinhos da alma, a ferir-nos por dentro, tanto quanto alegrias e experiências repartidas são como tesouros, que não devem ficar trancafiados num cofre de trevas.

Muitas vezes, durante as palestras feitas em nossas peregrinações doutrinárias, usamos os recursos da ilustração narrativa, com contos e fatos, a pedido dos amigos espirituais que nos inspiram e observamos o quanto alguns relatos interessaram aos companheiros de ideal.

Numa das noites em que orávamos, antes de dormir, Tomás apareceu-me, muito feliz, e disse-me que ele conseguira uma permissão especial. Iria escrever um novo livro, cujo título era "Inconfidência de uma Confidente". Entendendo a proposta, perguntei-lhe se tal obra só seria publicada "post-mortem," ou seja, depois de minha morte. Ele sorriu e me informou que, sem dúvida, seria um livro inacabado, mas que objetivava libertar-me do peso excessivo de algumas recordações, como se fosse uma psicoterapia, que ele me faria, mas com o objetivo de servir de incentivo a outros médiuns e de documentar o modo de nossos contatos, explicar a concatenação das tarefas e as finalidades últimas e amplas das mesmas.

Aceitei com preocupação a nova etapa, pois ela envolveria outras pessoas, porém ele, naquele seu modo terno, propôs ocultar com letras a identidade dos detratores e apenas dar testemunho de que, se para nós este labor era um presente do céu, não nos caíra ao colo embrulhado em papel celofane ou em fitas doiradas.

Dito isto, pusemo-nos a trabalhar, e, depois de escrito o livro, alguns capítulos foram guardados para posterior divulgação, (registrados em cartório e censurados por hora.)

Não guardamos mágoa nem relacionamos dissabores.

Entendemos perfeitamente tudo o que se passou, dentro de um plano elaborado, onde cada um fez a parte que lhe competia, para harmonia total.

Agradecemos a todos que, direta ou indiretamente, nos incentivam a prosseguir, porque, mesmo os que nos “perseguiram”, julgavam ter motivos para isto, e, de alguma maneira, nos fortaleceram e cimentaram ainda mais nossas convicções.

Que Jesus nos permita prosseguir, com um sorriso nos lábios, mesmo com lágrimas nos olhos ou os pés macerados pelos pedrouços do caminho, e que tu, meu amigo, conheças um dia as mesmas doces alegrias que me são companhia nesta jornada.

Com carinho,
marilusa.

DO AUTOR

Querido irmão:

Jesus nos abençoe.

Inconfidências houve que geraram o pânico, a dor, a tragédia, e a cilada.

No entanto, mesmo assim, estas inconfidências transformaram seus artífices em geradores de novos movimentos emancipacionistas.

A palavra utilizada como azorrague ou lâmina, corda, força ou cadeias de prisão, hoje se transforma em estrelas de luz a traçar a rota terrena, no negrume da noite, que antecede o milênio.

Como Davi tangia sua lira e Akenaton se inspirava no Sol, estas inconfidências são fulcros de luz, sal, gema e lágrimas, neste cipoal de mentes e juízos.

Elas servem tanto para elementos de um psicodrama, do divã do analista, como refúgio de uma alma massacrada pelas múltiplas revelações que a felicitam e infelicitam, engrandecem e esmagam.

Nós nos propomos vertê-la em relato simples e natural, que servisse de elemento renovador e base experimental, a todos aqueles que se sentirem flagelados, pelo tamanho da tarefa que se lhes apresenta a mediunidade, e as alegrias interiores que aguardam os dispenseiros fiéis.

Se elas servirem para enxugar o pranto ou desabrochar o riso nos lábios de quem amei e amo, já terá tido para mim sua finalidade, mas se, além disto, auxiliar os outros no caminho do entendimento, terei conseguido atingir algo além do entressonhado.

Como das outras vezes, confio no tesouro incomensurável do Criador e endereço a Jesus todo o pleito de nosso trabalho, grato e feliz, pelo que pudemos contar e, aguardando realizar mais, fazendo tudo o que nos compete e atingindo a permissão de um dia podermos contar algo mais.

Jesus te abençoe e a nós.

Tomás.

CAPÍTULO I - RENASCER

Não nos sentimos importantes. Não cremos que tenhamos sido alguém de destaque, porém nossas ações extrapolaram o ambiente restrito onde trabalhamos, vivemos e aprendemos as lições imortais que a vida nos dá.

Lemos muito. Vimos a vida de Chico Xavier contada por terceiros, ouvimos dele mesmo relatos de suas experiências, recebemos suas exortações fraternas, advertindo-nos quanto às dificuldades e incompreensões que viríamos a receber. Nós o sabíamos pelos Amigos Espirituais que nos têm auxiliado.

Sabemos que muitas vezes, levados pelo entusiasmo, falamos de nossas experiências, de nossa vida, até demais, diante de companheiros amigos. É que as narrativas particulares do Chico e de outros muito nos auxiliaram. Lemos o livro "No País das Sombras," de Me. D'Esperance, "Recordações da Mediunidade," de Ivone Pereira, meditamos as palavras judiciosas do Codificador, na análise de suas lutas e na concretização do ideal superior, palavras estas que abrem o presente volume, por alertar, a quantos lerem este opúsculo, que nem sei se virá um dia a lume, que abraçar a Verdade e testemunhá-la nos trará imenso júbilo interior, porém acerbos dores, pela incompreensão e perseguição das criaturas.

Eu mesma me pergunto: — quando tudo começou em minha existência?

Corria célere o final da Segunda Guerra Mundial, e minha mãe, tendo já uma menina de nome Santusa (cujo parto lhe fora muito difícil) estava aguardando a chegada de mais filhos. Sim, porque o médico já advertira, e tudo levava a crer, se tratasse de gêmeos.

Meu pai, homem afeito ao trabalho, era um espírito que demonstrava larga bagagem espiritual anterior, pois, tendo vindo de família humilde, do sítio, aprendera com maestria o violino, que tocava desde os doze anos, tendo sido profissional, como músico e maestro de Orquestra Sinfônica. Papai tinha mediunidade de cura, intuição e fora maestro; porém provia o sustento da família com o ofício humilde do alfaiate. Conhecedor profundo do Evangelho e das obras espíritas, labutava junto a obsedados comuns, que, em número mais ou menos numeroso, vinham dos sítios dos arredores de Penápolis, muitas vezes em estado de violência extrema. Hoje, muitas vezes, ao ver a falácia de certos "espíritas teóricos" penso em como dariam "sebo às canelas" se se vissem frente a frente com um destes irmãos infelizes. Minha vida nunca poderia ser contada, nem mesmo as vitórias que conseguimos, sem a análise da influência exercida por meus pais e meus irmãos, na formação de minha personalidade. Mas deixemos para o futuro a análise de tais fatos.

Voltemos ao meu nascimento. Mamãe sofria muito, tanto que chegou a pesar 38 quilos, pois nada lhe parava no estômago. Ao completar os sete meses de gestação, levou um tombo e, após algumas horas, entrou em trabalho de parto. Assim nascemos eu e minha irmã gêmea, Marileusa, que fomos descritas por minha mãe em seu diário:

"Nasceram duas feias gêmeas, mais parecendo duas taturanas, de tão enrugadinhas, como velhas."

Tendo nascido em casa, sob a assistência de uma parteira, não havendo incubadeiras, fomos, eu e minha irmã, colocadas em duas caixas de sapatos de meu pai, envolvidas com algodão, e tijolos quentes do fogão de lenha e bolsas de água quente eram colocadas dia e noite, para nos manter aquecidas. A roupa do enxoval não nos servia. Eu pesara um quilo e minha irmã um quilo e meio. Fico a imaginar o trabalho sacrificial para nos manter vivas. Minha mãe sempre foi uma mulher de muita fibra, trabalhadeira, nunca pude avaliar de onde lhe vem tanta disposição. Mesmo hoje, já na casa dos 74 anos, (agora 94) considero que trabalha muito mais do que eu, o que me envergonha deveras. A alimentação nos era dada por um conta gotas a intervalos. Nascêramos aos 19 dias de setembro de 1942. Após três meses eu estava muito doente e fui desenganada 'pelos médicos. Às vésperas, contudo, do dia 22 de dezembro melhorei e, inesperadamente, minha irmã adquiriu uma broncopneumonia. Não existiam ainda a penicilina e antibióticos. O remédio administrado foi sulfa. Dia 23, ao lado de minha irmã Marileusa, meu pai confortava minha mãe, dizendo:

—Nada mais podemos fazer. Vamos orar, para que ela tenha uma "passagem" tranquila.

Embargados de pranto oravam ao seu lado. Ela parou de respirar.

Neste momento, eu, que dormia n'outra cama, acordei aos gritos.

Muitas vezes depois, minha mãe descreveria a cena, que tão vividamente ficara em sua memória:

—Marileusa morrera e você deu um grito lancinante.

Corremos e vimos que você estava verde, e corvoveava feito cobra.

Meu pai falou:

—Vamos orar, senão esta morre também. Ela percebeu a partida da outra e também está querendo ir embora!

Só depois de muito orar é que você se aquietou e voltou a dormir profundamente.

Papai estava em situação financeira muito difícil. Sempre me conta que, nas festas da passagem do Ano, daí a uma semana, estando tocando num baile, enquanto minha mãe esperava fora por ele, junto à minha irmã

mais velha de dois anos e meio, ouvia os comentários maldosos das pessoas:

—Olha este aí! Faz uma semana que a filha morreu e ele aqui, tocando no baile todo "lampeiro."

O que estes infelizes não sabiam é que papai aceitara o “serviço extra” para pagar o próprio caixão que levaria para o túmulo o corpo de minha irmã.

Hoje sei que a sua partida me ferira muito, pois éramos dois espíritos muito unidos um ao outro. Os comentários surgidos, a partir de então, apenas me fortaleceram para que eu aprendesse a avaliar sem constrangimento, mágoa ou fraqueza a análise quase sempre maldosa e superficial das criaturas. Muitas vezes depois, quando eu soube destes fatos, ouvi dizer:

—Você é tão ruim que não queria nascer! Foi preciso que alguém a enganasse e a trouxesse “na marra.”

Estes comentários, no entanto, só me fizeram raciocinar em termos de saber que alguém que eu amara muito me trouxera e não quisera ficar. Porém, o que eu não sabia é que este espírito jamais se apartaria de mim, enquanto eu vivesse, pelo pacto que tínhamos feito há séculos.

Só contamos estes fatos, para situar que nosso primeiro contato com a mediunidade data daquele 23 de dezembro de 1942, quando tentamos a fuga pela morte, na procura de alguém que representava toda nossa sede de afeto imorredouro.

Graças aos cuidados que nos tinham e à vibração de nossa casa, que era um lugar à parte, onde o mal não encontrava guarida, dada a elevação moral de meu pai e minha mãe, fui crescendo, e, mesmo dentro das dificuldades materiais, minha mãe nos trazia como se fôramos princesas.

Mamãe é de um capricho extremado. Qualquer modelo de roupa que visse na mais elegante loja de confecções, fazia com perfeição. Éramos tratadas com disciplina de horário, atenções e lições maravilhosas.

É minha mãe ainda quem me traz a lembrança do primeiro ano de minha infância. Eu trazia sempre os braços levantados, de modo que passou a me apelidar de “anjinho da asa quebrada.” Esta posição incômoda era a que mais me satisfazia, e é a mesma utilizada para captação de “forças cósmicas.” Com um ano, contudo, entrei a definhar, a

dormir por longos períodos e os médicos procurados para me tratar, me desenganaram.

Conquanto papai fosse médium de cura, tendo conseguido, mercê de Deus e dos espíritos que o assistiam, muitas maravilhas, eu não reagia ao seu tratamento. Muitas vezes, depois, quando recebia ataques e febres, não conseguia tê-lo perto, pois via rostos horríveis em sua fisionomia. Tal fato se repetiu com minha filha mais velha, que ficava com medo de mim, quando as febres a tomavam, só a custo conseguindo aproximar-me e auxiliá-la com prece e passe.

Minha mãe ficou desconsolada. Procurou, sob orientação de amigas, uma benzedeira. Minha avó, mãe de meu pai, era benzedeira muito querida na região. Era católica e curou muita gente. Era também parteira. Nós sabemos que esta gente consegue muitas curas, mercê de sua mediunidade, da assistência espiritual que têm e do seu merecimento, quando muita gente douta, cheia de teoria, às vezes, não consegue nada. Assim, minha mãe procurou uma benzedeira. Logo que começou a me "benzer", a mulher sentiu lágrimas a lhe correrem dos olhos e falou para minha mãe:

—Nada posso fazer por ela. Procure D. Fulana de Tal, na rua tal, que ela é mais forte que eu. Quem sabe ela pode lhe ajudar.

O local indicado era longe. Minha mãe nunca conseguiu andar de sapatos de salto baixo. Lá se foi comigo e minha irmã mais velha, atravessando a linha do trem, à busca da tal senhora. Em lá chegando, encontrou uma antiga lavadeira que a auxiliara durante o resguardo do parto. A tal mulher informou:

—É a irmãzinha gêmea dela que está perto. E ela quer ir embora com ela. Vou ter que "benzer" durante um mês.

Deste modo, durante um mês, diariamente, minha mãe fazia tal caminhada. A senhora me tratava com seus recursos e, durante o tempo em que punha sobre mim suas mãos calejadas, pelo rude labor no tanque, as lágrimas desciam sem parar dos seus olhos.

O engraçado da lembrança deste episódio, é que, hoje, quando trabalho em serviço de desobsessão, na irradiação sobre uma entidade recebida por outro médium, quase sempre me destilam lágrimas sem parar dos olhos, de modo que preciso sempre ter à mão um ou mais lenços. Sei que através delas faço doação de fluídos e ectoplasma, gerando efeitos

positivos na entidade manifestante, ao mesmo tempo em que canalizo um potencial negativo, que anulo pelas lágrimas.

Após um mês, voltaram-me as cores ao rosto e tornei a ser a menina peralta que sempre fui. Este foi, portanto, o segundo ponto de referência mediúnica de minha infância, segundo me foi relatado.

Na primeira vez, tentara eu o rompimento violento dos liames carnaís e, na segunda, o fizera pelo adormecimento cataléptico gradativo.

Aos dois e três anos, como toda a criança, entrava a falar sozinha, brincava e era muito rebelde. Muitas foram as vezes em que minha mãe teve cuidado especial comigo. Eu fugia para a alfaiataria de meu pai e colocava grandes porções de algodão nos ouvidos. Dizia, quando admoestada:

—Barulho! Estão fazendo muito barulho!

Mamãe tirava o algodão e eu embirrava, tapando os ouvidos e continuando a reclamar do barulho que ouvia, de muita gente falando ao mesmo tempo.

Nas ocasiões em que passava mal, via rostos medonhos sobre o de meu pai e falava chorando:

—Papai não me olhe assim! Não fale assim comigo! Não ande tão depressa!

Muitas foram as vezes em que, à noite, no meu quarto, via sempre a mesma coisa: Formava-se um painel, como se fora feito de palha de aço. (uso esta comparação por não saber de outra mais adequada, e porque ela me suscitava então, esta lembrança). Na frente dele uma bolinha branca se punha a pular. Isto já me dava medo, pois a cena sempre se repetia. Eu acompanhava com os olhos a tal bolinha (que era usada, hoje o sei, como recurso hipnótico de meus inimigos espirituais). Após algum tempo, entrava a ver uns rostos feios e deformados. Estes se aproximavam de mim em atitude ameaçadora. Quando chegavam bem perto surgia SEMPRE uma espécie de vidraça, sem bordos ou divisões, pois eles não podiam passar, conquanto eu continuasse a vê-los e ficavam ali, com o nariz achatado e mãos espalmadas. Só então me vinha um alívio feito de cansaço. Uma chuva fina como de névoa de ouro ou prata me envolvia, então. E, com ela, eu me desprendia pelo sono. Esta névoa dourada, que eu passei a chamar de “Chuva de Ouro” sempre me acompanhou. Só visualizei o espírito que assim se mostrava muitos anos depois, quando se

apresentou como Dr. Tomás Antonio Gonzaga, tendo que se identificara para me dar ciência do trabalho que me aguardaria.

Muitas vezes, depois daquele primeiro ano de vida, estive desenganada pelos médicos, vindo a ser liberta para a vida. Costumo dizer, segundo o adágio popular, que “vaso ruim não quebra”, modo como me ensinaram a não dar valor demais a mim mesma e a não considerar privilégio as muitas vezes pelas quais Deus, através de seus Mensageiros, me protegeram durante a presente existência, para que eu pudesse executar o pouco que venho fazendo.

Penso ser deselegante e até mesmo chato fazer este relato, por considerar que falar de mim e das coisas que me têm acontecido pode soar como jactância ou imodéstia, além de ser cansativo, porém, como a narrativa de outras pessoas melhores do que eu muito me felicitou, nos momentos difíceis pelos quais passei, até o amadurecimento de minhas faculdades, também me sustém e impulsiona a esperança deste relato ser útil a alguém, nas mesmas condições. Ele está sendo escrito a intervalos do meu tempo, porém apenas nos dias de treino psicográfico, diretamente batido à máquina (pois nosso tempo é curto), sem preocupações literárias.

A perda de minha irmã gêmea não me foi contada, até o dia em que um fato diferente abalou a todos. Era de manhã. Eu calculo que teria, na ocasião, meus quatro anos de idade. Acordei, levantei-me e sai do meu quarto, indo ao de minha mãe procurá-la. A casa era térrea. No aposento havia cama, guarda-roupa, dois criado-mudos, uma penteadeira, da qual me lembro bem. Ao entrar, vi uma menina em tudo igual a mim, com os mesmos cachinhos que mamãe fazia-me nos cabelos, exceto por um pormenor. Eu me olhava e me via de pijama. Ela estava com uma vestimenta que lembrava uma camisola.

Imediatamente percebi que não via a minha imagem refletida no espelho. Eu via uma outra menina, igual a mim, penteando-se com graça. Aquilo me intrigou, pois ela se voltou, olhou-me e sorriu.

Neste momento, tive medo, um medo terrível, que eu não sabia explicar direito. Queria falar, mas não conseguia articular nenhum som. Do sorriso, a menina passou a uma expressão de tristeza e eu a ouvi dizer, embora nenhum movimento fizessem seus lábios:

—Você está com medo de mim? Então, vou embora!

Faz tantos anos, mas a lembrança do fato permanece vívida na minha mente. Eu não queria que ela fosse, contudo, estava incapaz de

esboçar qualquer reação. Vi-a atravessar a parede e sair voando pelo céu azul cada vez mais longe, olhando para trás. Só aí eu consegui dar um grito agudo, que fez com que minha mãe viesse correndo, pensando que eu tomara algum choque, mexendo no abajur do quarto, pois eu era muito “reinadeira.”

—Olha lá, mamãe, um anjinho! Igual eu! Igual eu! Está indo embora, voando!

A imagem de “anjinho” eu associara ao voo e à camisola semelhante a dos “anjinhos” das procissões que eu via passar à porta de casa.

Eu apontava através da parede e o quarto estava envolto em penumbra, pois entrava luz pela porta, mas a janela estava fechada.

Minha mãe, diante de minhas confusas explicações, lembrou-se de Marileusa, de minhas duas “quase partidas” e pôs-se a chorar.

Relatou o fato ao meu pai. À noite, ambos me chamaram muito sérios e me contaram da existência de minha irmãzinha, fazendo-me orar por ela. A partir de então, cada vez que chegava o dia 23 de dezembro, eles me chamavam e perguntavam:

—Sabe que dia é hoje? É aniversário da partida de sua irmã gêmea. Vamos orar por ela.

Agora, passados 71 anos de nosso nascimento, às vezes me ocorre esquecer a data. Então profunda tristeza me abate, até que, num relance, me lembro e a tristeza desaparece, instantaneamente.

Se conto o fato é que ele se liga perfeitamente ao fenômeno mediúnico da vidência, quase com tangibilidade, pois eu a vi como se viva fora. Além disto, minha ligação com ela e fatos a ela pertinentes influíram demasiado na minha maneira de ser, quer pelos comentários desairosos “que eu fora tão ruim, que alguém precisara me trazer”, como por outros fatos que relatarei.

CAPITULO II- UM SALTO NO TEMPO

Era o ano de 1967. Eu me casara em 19 de setembro de 1963. Tinha já uma filha, Marilei, nascida em 28/2/65.

Havíamos passado por muitos aborrecimentos e morávamos no Conjunto dos Bancários, em Santana.

Pelas aperturas financeiras, acostumara-me a comprar roupas a prazo da senhora H., que, uma vez por mês, vinha receber o pagamento e trazer mercadorias. Costurava para fora, fazia bolos e, anteriormente, chegara a montar cordões de ouro, para um vizinho, que laborava no setor de joalherias. Era um trabalho que exigia paciência e gastava muito a vista.

Participara dos movimentos de Mocidades Espíritas. Tinha mais de dezoito volumes escritos por mim guardados, porque sempre gostara muito de estudar, escrever e desenhar. Sentia profunda satisfação nisto, mas, o fato de morar longe, e com uma criança pequena, sendo que meu marido viajava muito a serviço, me levava a apenas pegar serviços esporádicos, para dar mais atenção à filha. Além disto, estava novamente grávida.

Meu esposo era gerente administrativo da área internacional do Itaú, trabalhava no setor de câmbio e, como eu dizia, viajava muito.

Poucas pessoas ainda moravam no Conjunto. O mesmo fora construído pelo IAPB (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários) e, o então presidente da ditadura, Mal. Castelo Branco, quisera entregá-lo a Aeronáutica. Diante disto, o IAPB publicou uma lista com os nomes dos contemplados com os apartamentos, ainda que não estivessem com água e luz instalados. Estávamos entre os contemplados.

Quando fomos escolher o nosso apartamento, havia um balcão e, na frente, um mapa com os módulos, em números e ruas. A escolha tinha que ser feita rapidamente e estávamos meio atarantados.

Lembro-me que meu marido forçava a vista, tentando entender aquele mapa e escolher, quando, de repente, se destacou, aos meus olhos, de toda aquela parafernália de números e ruas, que não se enxergava, algo e eu lhe disse:

—Rua C, Bloco 8, entrada B, apartamento 4.

Ele repetiu aquilo, sem bem entender.

Pegamos a papelada, assinamos e fomos ver o que tínhamos escolhido.

Tínhamos em mãos um bom apartamento, na melhor das ruas, (uma rua sem saída, com um parquinho infantil no final, bem localizado)

A Cia. Construtora nos emprestou luz e um bom homem, um sitiante que morava nas imediações, cedia água a muitos moradores de seu poço artesiano.

Eu tinha que fazer baldeações de galões de água o dia todo, enquanto grávida de minha segunda filha, levando comigo a primeira para lavar a roupa, limpar o apartamento, cozinhar e ter água para beber e para o nosso banho. Fazia-o num carrinho destes de fazer feira, subindo três lances de escada. Este trabalho era duro, o que levava o bom homem a comentar que numa destas idas e vindas eu acabaria dando a luz no caminho.

Sempre agradei ter “visto” no mapa o que deveria escolher, pois fora realmente impossível enxergar direito, e não tínhamos noção a respeito do local.

Por estas e muitas aperturas financeiras, chamava a Marilei então com uns dois anos, de “meu tesouro”. No dia dois de setembro de 1967 nasceu a Marla, que por ser muito quieta e triste passei a chamar de “minha alegria”.

Lembro-me que eu chegara de táxi em casa, após três dias no Hospital, e uma semana em casa de minha mãe e, no dia 13 de setembro, levando a Marilei pela mão e a Marla nos braços.

Subi o primeiro lance de escada da rua e vi que alguém mudara no prédio em frente. Isto me causou uma forte e estranha satisfação. Poucas pessoas ainda moravam no Conjunto. Não tínhamos quase vizinhos. Mas não fora isto que me causara emoção e alegria íntima. Ver aquela senhora com seus três meninos à janela, mexeu com meu íntimo. Sorri-lhe e abanei as mãos muito feliz, orgulhosa de minha maternidade.

Subi ao apartamento e pus-me a trabalhar. Não havia quem me auxiliasse e não importava que eu estivesse chegando de um hospital, havia muito a fazer.

Daí há instantes, tocou a campainha. Era a Sra. Sílvia, a nova vizinha do prédio em frente, se oferecendo para me ajudar, muito sem jeito.

Com o tempo, consolidamos nossa amizade. Muito mais tarde me segredou que, quando me viu chegando, sentiu uma profunda tristeza. Pensou:

—Como ela está sozinha!

Entrou para seu quarto e chorou perdidamente. Depois resolveu ir oferecer-me seus préstimos. Tive, no futuro, visões de vidas anteriores que confirmaram nossas ligações e afinidades, o que explicaria meu íntimo regozijo ao vê-la e a tristeza e cuidados que se apoderaram dela,

com relação a mim. Muitas vezes, mesmo morando distantes, tivemos avisos do sofrimento pela qual uma ou outra passava. Nossa ligação de amizade perdura até hoje, conquanto não tenhamos muito tempo para nos ver.

Relato isto, porque minha mediunidade “explodiu” de forma estranha, envolvendo esta pessoa.

Nesta época eu não frequentava nenhum Centro Espírita. Tinha conhecimentos teóricos firmes, nascera em berço espírita, frequentara e participara das atividades doutrinárias na área divulgação e na área social, mas as viagens constantes de meu marido, as meninas pequenas, a ausência de um Centro Espírita nas imediações, e a quase proibição de meu companheiro impediam-me a continuidade da frequência à casa espírita. Lia, orava, trabalhava, ocupava-me com as meninas, porque adorava brincar com elas, participava, aprendia.

Às vezes ia a casa da Sra. Sílvia e ela vinha à minha.

Um dia, a Sra. H., de quem eu comprava roupas, veio cobrar a mensalidade de suas vendas e a notei muito abatida.

—O que está acontecendo? - perguntei querendo ajudar.

— É meu marido. Ontem ele quase morreu.

—O que ocorreu?

—Saiu à noite e não voltou. Era madrugada e um espírito me dizia que ele estava morto no IML.

—Um espírito? - perguntei curiosa - Como você falava com a entidade? Você a via?

—Não. Não o via, mas conversava com ele.

—De que forma?

Minha curiosidade fora aguçada. Dentro dos meus conhecimentos, aquilo me soava de forma estranha.

—Eu falava com o espírito através do copo. Colocava o alfabeto e o copo andava...

Lembrei-me de um amigo que, na mocidade, tentara fazer experiência na Faculdade de Curitiba e ficara decepcionado, por não conseguir. Ele queria, com isto, provar aos colegas a interferência e sobrevivência dos espíritos. espíritos, e Afastada dos trabalhos espíritos,

embora me sentisse inclinada mais para a área da divulgação e assistência social, propus-lhe:

—Quero ver isto. Quer fazer comigo agora? Proponho que façamos uma prece antes, e, se nós nos sentirmos mal, pararemos.

Assim combinado, cortei os papéis, fiz as letras do alfabeto, os números, o “sim” e o “não” nas extremidades de uma oval, e coloquei o copo no centro da mesa da cozinha.

Pusemos os dedos em cima.¹

Em pouco tempo, o copo começou a movimentar-se. Rapidamente corria pela mesa. Perguntei:

—Alguém presente?

—Sim! Guaxu. - foi a resposta.

—Você é amigo de alguém aqui?

—Sim. Da Sra. H.

—Foi você que a avisou da “morte” do Sr. O.?

—Sim. Fui eu.

—Mas era mentira, pois ele chegou bêbado de madrugada.

Ao meu comentário, o copo começou a pular sobre a mesa, como que zangado.

—Você mentiu! - insisti.

—Quero que ele morra! - foi a resposta. - Gosto dela.

—Só Deus decide o que deve ser feito. O instante da morte não deve ter nossa interferência. Você não agiu certo. Fez sua amiga sofrer...

—Ela quer que ele morra.

— Pode até desejar isto, pelo sofrimento que ele lhe causa, pois o Sr. O. a faz sofrer, mas isto não justifica você.

Estava falando com ele com muito carinho, quando ele gravou indo letra à letra:

—Duda!

Aquilo me espantou porque eu tivera uma visão àqueles dias.

Eu vira toda uma vida de uma jovem chamada Duda.² Pensara até em escrever aquela história, mas, cada vez que tentava, faltava-me vocabulário, e eu acabava desistindo. A saga da personagem, sua vida não me saía da mente, porque eu sabia que aquilo era coisa vivida e, toda a

vez que pensava muito nela, o “Chuva de Ouro” estava por perto. Eu já percebera que ele era um espírito de um homem loiro, atraente, de uma irradiação muito terna e de olhos azuis lindíssimos, mas, quando tentava observar-lhe melhor a figura, ele se transformava num foco de luz doirada e na “Chuva de Ouro”.

Duda fora uma mendiga loira, sofrida, morrera cedo.

Perguntei, tentando bloquear em minha mente a figura de Duda.

— Você a conhece?

— Sim.

— Como ela é?

— É uma índia.

— Mentiroso! - respondi.

O copo corria e pulava indo à palavra "Não" e quase se atirando fora da mesa. A Sra. H. estava admiradíssima.

— Se você não falar a verdade, vou cortar sua comunicação. - falei com firmeza. - Não voltaremos a conversar.

Neste momento, senti a presença do “Chuva de Ouro” e soube que deveria agir daquela forma.

— Não! Não! - insistia o copo.

— Há quanto tempo você faleceu?

— Oito anos.

— Qual seu nome?

— Meu nome é Mário...

A esta informação a Sra. H. ficou pálida, pois conhecera o moço, que fora seu vizinho e morrera metralhado, com vinte e poucos anos.

Comentou isto. Eu continuei conversando com ele.

— Então, você mentiu. Seu nome não é Guaxu.

Ele insistia no “Sim”.

— Guaxu, há dois anos.

Entendi. Ele se ligara a uma “gangue” no plano espiritual, e nela fora rebatizado com um nome indígena: Guaxu. Provavelmente

manifestava-se em terreiros com este nome. Sentia-se protegido e, ao mesmo tempo, escravo do grupo, do qual não conseguia se libertar.

Disse-lhe isto mesmo.

O copo se aquietou e ele confirmou:

— Sim... Mário... 8 anos, Guaxu... 2 anos.

Com sacrifício, letra a letra, comentou:

—Minha mãe me esqueceu. Ia sempre orar no meu túmulo. Desde o nascimento de meu sobrinho, ela não foi mais orar...

Podia-se sentir sua mágoa. Procurei ser o mais compreensiva possível..

—Mário, você teve uma irmã?

—Não. Apenas um irmão.

—Você quer que eu seja sua irmã?

—Ficaria muito feliz.

—Eu orarei por você.

Sentíamos um ambiente emotivo, agradável. Ele continuou com sacrifício, seu relato:

—Eu deixei minha família muito bem de situação financeira. Eu era da Máfia. Marquei meu noivado. Eles não queriam. Desobedeci e me mataram. Mas deixei minha família rica. - terminou com mágoa.

—Isto agora não importa. Você não deve mais assustar a Sra. H.

—Eu gosto muito dela. Não gosto do O.... Queria que ele morresse.

—Deve esquecer isto - falei.

Neste exato momento, pude sentir que uma outra entidade interferiu.

Mário foi tirado da comunicação e o copo "escreveu":

—Exu!

Um cheiro forte de enxofre invadiu o ambiente.

Oramos e encerramos.

No outro dia, tomei o lápis, após orar, e escrevi algumas perguntas, esperando respostas.

A mão mecanicamente com dificuldade ia respondendo. Deu o nome de meu tio, irmão de minha mãe, que morrera antes de eu nascer.

—Inácio Nogueira.

Depois, vó Maria, Doris Verri, e me escreveram:

—Você vai desenvolver a mediunidade de psicografia.

—Como? Se meu marido não quer que eu frequente um Centro Espírita?

João, meu marido, havia concordado com tudo antes de nosso casamento, mas sempre arrumava uma desculpa, para que eu me afastasse da Doutrina, e, quando eu insistia, me acusava de estar querendo abandonar os filhos.

Por isto, minha pergunta era muito pertinente, na época. Além disto, não havia nas redondezas nenhum Centro Espírita que eu conhecesse.

—Você vai conseguir através do Cairbar, esposo da Carmen. Ele mora aqui perto. Fale com a senhora Sílvia.

Anotei tudo o que ocorrera nas duas sessões, como se fossem atas.

Perguntei a Sílvia onde morava a Carmen. Era num bloco de apartamentos, ao lado do meu. Bati à sua porta e entreguei as anotações e disse-lhe:

—A senhora não me conhece. Isto aconteceu em minha casa. Leia e depois me diga o que acha.

E fui embora.

No dia seguinte, a Sra. Sílvia me chamou:

—A Carmen passou por aqui e disse que domingo à noite ela faz o Culto do Lar às 20 horas. O marido dela é psicógrafo e recebe um espírito de um médico francês. Ele pode tentar uma orientação para você. Eles a esperam.

Pensei:

—Como vai ser possível? Meu marido não vai deixar. Eu não contava com o tremendo auxílio espiritual.

Enquanto conversava comigo a Sra. Sílvia escrevia mecanicamente num caderno. Como o seu esposo, o Sr. A, frequentasse a Umbanda, ele comentou:

—Não acredito que isto seja uma comunicação de um espírito, pois no centro que eu frequento os médiuns são inconscientes.

Percebi que a Sra. Sílvia estava fazendo um treino de psicografia, totalmente mecânico, enquanto conversava conosco.

Passei a argumentar, dentro de meus conhecimentos kardecistas:

—A maioria dos médiuns é consciente, apenas se comporta como se não fora e se entrega com total passividade, na comunicação para se eximir da responsabilidade, do que recebe.

Creio que o ambiente do Centro Umbandista, e, falo teoricamente, porque não conheço, é de uma imantação magnética forte, devido ao ritual e sincretismo.

O Sr. A. considerava o kardecismo "fraco" e os centros umbandistas "fortes", como é idéia comum à maioria da população brasileira.

Na minha natural curiosidade teci extensos argumentos, dentro do conhecimento de Kardec e, porque a Sra. Sílvia demonstrasse uma extraordinária mediunidade mecânica, entre os muitos argumentos que disse, falei:

—Percebe-se que ela tem uma faculdade firme de psicografia mecânica, escrevendo as palavras ininterruptamente e até emendando-as. Se alguém tem uma tarefa a executar nesta área, os espíritos podem fazer com que as mãos desta pessoa balancem por vinte e quatro horas, por exemplo, e darão um atestado mais do que evidente de sua influência.

Ficamos ali conversando ainda algum tempo. Como a Sra. Sílvia tivesse que sair, indo para um bairro distante visitar sua sogra, com seu marido e os três filhos, despedimo-nos. Ela somente voltaria no dia seguinte, pois pernoitaria em casa da mãe de seu marido.

Despedimo-nos, a Sra. Sílvia saiu, e eu retornei ao meu apartamento com as duas meninas pequenas. Marilei estava com quatro anos, Marla com dois.

Nem bem pendurei a chave à porta, e o chaveiro, com o molho todo, começou a balançar. E não parou mais. Olhei para a sala e os puxadores da cortina balançavam, tangidos por algo mais que o vento.

Fiquei admirada, porém não com medo, e pensei:

—Alguma entidade que acompanha o Sr. A., por certo, não gostou de meus comentários e deve estar querendo pregar-me uma peça!

Tentei explicar o estranho fenômeno como que proveniente do vento, e, então, observei que os pesos, bastante pesados de dar corda no relógio cuco da sala, balançavam sincronicamente, de um lado para o outro.

Gaiatamente pensei:

—Ainda bem que balançam para o mesmo lado, sem se chocar.

Demandeí o quarto das meninas, onde, entre as camas, eu colocara uma balança pesada de madeira, com armação de ferro, e a balança, contra toda a lógica, balançava também.

Pensei estar tendo uma ilusão de ótica, e chamei as crianças:

—Digam pra mamãe. A balança está balançando?

—Está sim, mamãe. - disseram as duas, sem nenhum temor.

A pequena Marla dirigiu-se à balança, e, como se desse a mão a duas crianças, ajudando-as a descer da mesma, falou:

—São dois anjinhos. Um azul e um rosa. - e como se conversasse zangada com eles, continuou:

—Que feio! Dando um susto na mamãe!

E, continuando a repreendê-los, deu as mãos às duas invisíveis crianças e levou-as à sala, conversando com elas. A balança, para minha surpresa, parou. Interessante é que, anos depois, eu tive por filhos um menino e uma menina.

Tão logo ela saiu, e senti forte pressão nos ombros. Era como se me houvessem acoplado algum sistema mecânico, pois meus dois braços passaram a balançar, levemente, para frente e para traz.

—E agora?- perguntei preocupada. - Estou aqui, só com as duas crianças, e ninguém que me acuda!

Como, porém, sabia que nenhuma entidade poderia atuar sobre mim contra minha vontade, disse em voz alta:

—Vou fazer o jantar! Ninguém me impedirá!

Rumei para a cozinha e pus-me a descascar um chuchu. É sabido como o chuchu gruda na mão, ao ser cortado, e como é necessário fazê-lo sob a água.

Já nesta ocasião tínhamos água nas torneiras, conquanto faltasse muito. Pois foi tomá-lo e ele, “como que vivo”, saltou-me das mãos para a pia, como que impulsionado por mãos invisíveis.

—Eu vou descascar este chuchu, cozinhá-lo e comê-lo!- retruquei muito zangada com quem causava aquilo, sem conseguir, contudo, ver a entidade que causava o processo.

Distraídas com a TV, na sala, as meninas não se incomodavam com os objetos, que estavam como que “criando vida”, no apartamento.

Muito tempo depois, não foram poucas as vezes em que elas, vendo-me tarde da noite trabalhando, vinham perguntar:

—Mãe, quem está aí hoje?

E, quando eu declinava algum nome, logo davam um recado ao “amigo” que nos vinha visitar.

Continuei fazendo, pois, minhas tarefas. Passei roupa, mas observava que precisava exercer o dobro do esforço, pois, se deixasse as mãos soltas, ao longo do corpo, elas voltavam a balançar.

Era noite. Estava exausta. Coloquei as duas a dormir, fizemos nossas preces e me dirigi automaticamente para um espelho que estava no corredor do apartamento e no qual podia me ver de corpo inteiro.

À frente dele, passei a observar que meu rosto se transfigurava.

Aquilo, de certa forma, atraiu a minha curiosidade.

Em poucos momentos, eu estava com rugas no rosto, cabelos brancos.

Depois, a pele se acobrou, os cabelos escureceram e ficaram longos, sobre os ombros, e até um pomo de Adão vi no pescoço.

Achando graça naquilo, fiquei observando as transformações com curiosidade, mas os rostos que se sobrepunham ao meu não me falavam. Aos poucos, fui ficando cansada. Não era apenas pelo longo dia de trabalho, pelas surpresas novas, mas porque as entidades causavam todo o processo de manipulação dos objetos e transfiguração, usando meu recurso, meu ectoplasma.

Queria dormir, era tarde, mas os braços não paravam.

Lembrei-me de meus avós, e pedi-lhes auxílio. Orei sentidamente.

Por fim, após a meia noite, dormi com os braços cruzados sobre o peito, um segurando o outro. Meu marido estava em Manaus a serviço, onde ficaria por dez dias. Acordei de madrugada, pensando:

—Que bom! Acabou o pesadelo!

Porém, foi só soltar as mãos e elas voltaram a balançar.

Esperei com ansiedade a volta da Sra. Sílvia, trabalhando com dificuldade toda a manhã. Quando a vi chegando, gritei-lhe da janela:

—Preciso falar com você. Dê um pulo aqui!

—Já vou! - prometeu-me.

Realmente, em instantes, após acomodar os filhos e objetos em casa, tocava a campainha.

—Entre! - disse-lhe eu - Desde que saí ontem de sua casa que fatos estranhos vêm acontecendo aqui. .

Levei-a a ver os pesos do relógio, os puxadores das cortinas os chaveiros a balançarem.

—Eu tento orar, mas nem posso fechar os olhos, pois fico muito tonta, tendo medo de cair, desmaiar, com as duas meninas sem condição para me socorrer. Não posso concentrar-me mais profundamente, para ver a solução disto.

Então ela propôs:

—Que coisa! Vamos em casa, e vou tentar escrever, para ver se alguém dá alguma explicação.

Ao colocar o molho de chaves na porta de sua casa, ele começou a balançar.

Em seu apartamento recomendou-me que orasse no quarto ao lado do oratório do marido, enquanto ela, na sala, tomava seu caderno de psicografia, e orava, pedindo uma ajuda. Nossos filhos como sempre se deram muito bem, brincavam sem nos dar trabalho.

Orei com muito fervor, pedindo que, se eu houvesse magoado alguém com meus comentários, que esta pessoa me perdoasse. Quando terminei de orar, senti um alívio nos ombros e, ao soltar os braços, eles não mais me incomodavam

Corri feliz para a sala, dizendo:

—Olha, Sílvia. - como se ela pudesse, ao me ver, perceber o alívio que eu sentia, e ela me respondeu:

—Venha ver o que eu escrevi.

Mecanicamente suas mãos haviam escrito:

“Maria Genoveva Moreira. Ore pelo sr. C... Pode descansar os braços agora.”

O nome grafado era o de minha avó paterna. E eu jamais o referira àquela amiga. C... era meu sogro, padrasto de meu marido, que eu não via, desde a viagem que meu esposo empreendera para Manaus, onde estaria por dez dias, a serviço do Banco Itaú. Como explicar aquilo?

As dúvidas foram dirimidas, quando ele tornou da viagem, e fomos procurados pelo meu concunhado.

Meu sogro, padrasto de meu marido, fora internado e iria ser submetido a uma cirurgia delicada, na semana entrante. O envolvimento

espiritual do acontecimento foi terrível e doloroso para mim, pois a mediunidade canalizou todas as influências negativas, (eu não conseguia controle total da situação.) Ia diariamente à casa de minha mãe, com sacrifício e tomava duas conduções, com as duas meninas, mais as sacolas com suas roupas, mamadeiras, etc.

Deixava-as com mamãe e demandava o Hospital. Minha presença tinha o dom de melhorar as condições de saúde dele. Retornava para casa à noite, e fazia todo o serviço acumulado.

Após uma semana agindo assim, meu sogro veio a falecer. O veria muitas vezes depois em espírito, como o vejo até hoje. (conversamos muito).

Mas, a partir daí, adquiri um hábito. Escrevo perguntas aos amigos espirituais e aguardo que me respondam mecanicamente.

Com isto, tenho muitos cadernos de anotações, recebo orientações sobre coisas que nem penso e tenho registrado em cartório respostas antecipadas a fatos e ataques, que nos buscariam no futuro.

Daquela conversa em casa dos amigos Sra. Sílvia e Sr.A., veio o empurrão para o desenvolvimento mediúnico. Com isto, brinco dizendo que tenho a mediunidade do “empurrão.” O primeiro veio ao nascer num lar espírita, com pais equilibrados, que me ensinaram disciplina, lógica, bom senso, calma, equilíbrio, fuga ao orgulho, egoísmo e vaidade. Os outros “empurrões” foram vindo através do tempo, e de amigos, que jamais me regatearam críticas ou ajuda. Até hoje Sílvia é uma das “irmãs” mais queridas que tenho, conquanto a vida das duas, com suas muitas atribuições, nos impeçam maiores contatos. Mas nos vemos espiritualmente, e sempre recebo notícias dela. Somente sinto que não haja prosseguido na sua mediunidade extraordinária, nas tarefas da psicografia.

Mas dela me veio a ajuda e a sinceridade, a orientação que se comprovou com os fatos, que culminaram com o desencarne de meu sogro e o início do desenvolvimento da psicografia.

CAPÍTULO III- CARMEN E CAIRBAR

O domingo chegara e eu era aguardada em casa de Cairbar e Carmem, porém não falara ainda a respeito com meu marido.

Escrevera mecanicamente, perguntando aos espíritos:

—Como faço para ir à casa da Carmem?

—Maria Genoveva Moreira - fraseara a mão em resposta. - Não tenha receios. Daremos um jeito.

Que jeito seria aquele, bem que eu gostaria de saber, pois só de tocar no assunto “ir à Casa Espírita” ou coisa que o valha meu marido “virava bicho.”

Na terça feira anterior acontecera um fato inusitado. Uma senhora me convidara para uma reunião em sua casa. Apesar da zanga de “João” (meu marido) acabei indo. Ali se realizou. um Culto Cristão do Lar com leituras evangélicas, preces, comentários. Mas o que atraíra as pessoas era a presença da Sra. L., médium de reconhecidos méritos que recebia um pretinho, cuja foto ela trouxera e deixara sobre a mesa. Ao final da reunião, ela “incorporou” e cada pessoa presente podia fazer-lhe uma pergunta.

Eu não sabia o que iria perguntar, pois não tinha “problemas”, nem de saúde, nem emocionais, por isto, quando ele me arguiu com carinho:

—Não quer dizer nada, minha filha?

Eu respondi:

— Gostaria de saber se algum dia farei algo com relação a pintar ou escrever, pois gosto muito disto.

Eu me recordava das vezes inúmeras que escrevera, “meio tonta”, poemas, crônicas, contos. Como tinha facilidade de redigir mais de cinco redações nas aulas de português, ora em poesia, ora em prosa, e como discutia com os amigos espíritas do tempo da mocidade, quando afirmavam que eu estava escrevendo impulsionada pelos espíritos:

—Vocês têm mania! Tudo é espírito! Sou eu que escrevo, pronto. Fico um pouco tonta, porque é um meio do meu inconsciente dar um sinal de que estou com alguma idéia amadurecida mentalmente.

Nas sessões espíritas a que era levada, si quer tomava o lápis e, ao ver os demais médiuns tentando receber mensagens, ria e pensava:

—Quer todo mundo ser Chico Xavier!

Negava-me a participar. Voltava para casa e era tomada de um acesso forte de tosse. Eu “sabia” que a tosse só passaria quando eu tivesse

escrito. Às vezes, ela vinha tarde da noite. Levantava-me, tomava qualquer pedaço de papel e punha-me a escrever. Minha mãe, sempre muito severa, vendo luz acesa na cozinha, vinha com admoestação:

—Vai dormir! Isto não são horas!

Apagava a luz, obrigava-me a voltar para a cama. Era um suplício. Ficava acordada, segurando a tosse, esperando que ela dormisse. Acabava indo ao banheiro, trancando a porta à chave e escrevendo no cimento frio. Só então tinha sossego. Guardava o que escrevera (às vezes em papel de embrulhar pão) e lia, no dia seguinte, achando bonito e comentando:

—Que coisa bonita escrevi!

Publicava em revistas, jornais, lia no programa de rádio, declamava nas concentrações espíritas. E, agora, com aqueles fatos inusitados acontecendo, vinha um espírito me perguntar:

—Não quer dizer nada, minha filha?

Seu carinho me cativara. Seu amor me dobrava, me fazia perguntar, ainda que não diretamente:

—Gostaria de saber se algum dia farei algo com relação a pintar ou escrever, pois gosto muito disto.

—Sim, minha filha. Você vai escrever e desenhar com os olhos fechados, pela glória de N. S. Jesus Cristo. Não vai demorar muito não.

Apesar do carinho da entidade, da forma direta como ela informara que eu desenvolveria a mediunidade, sai dali achando que ela diria isto a qualquer um que lhe perguntasse.

Era, pois, domingo, dia de ir à casa da Carmen e do Cairbar, que eu não conhecia, e qual seria o jeito de que minha avó falara?

Saimos para visitar minha mãe e minha sogra, como fazíamos aos domingos. Tínhamos um DKV (saia e blusa) e, como quase ninguém tinha automóvel, muitas vezes meu marido era chamado a levar alguém ao médico, à maternidade, embora nosso carrinho velho, praticamente quebrasse à cada saída, antes de chegarmos ao destino.

Não tínhamos andado, ou melhor, rodado, nem dois quarteirões, quando vi o carro encostar no meio fio. Perguntei:

—Desta vez está “quebrando” mais cedo?

—Não. - respondeu meu marido - Estou vendo ali um amigo que sempre toma condução comigo. Ele trabalha no Banco do Brasil e no Itaú. Vou ver se vai para o mesmo lado que vamos e dar-lhe uma carona.

Realmente, parou e ofereceu ajuda. Diante disto, passei ao banco de trás, pois as meninas tinham costume de enjoar e chegavam a vomitar no trajeto, e eu não queria incomodar o nosso “carona.” Meu marido logo fez as apresentações:

—Minha esposa...

—Muito prazer, Marilusa.

—Muito prazer, Cairbar.

Faláramos ao mesmo tempo, e sincronicamente, continuamos:

—Você que é a Marilusa?

— Você que é o Cairbar?

Meu marido olhava intrigado.

—Estamos esperando você hoje à noite em casa. - comentou o senhor, amavelmente, tecendo outras considerações acerca das anotações que eu entregara à sua esposa.

Deste modo, acompanhou-nos parte do trajeto e, tão logo desceu, João veio com perguntas.

Expliquei-lhe o que ocorrera, e como haviam me convidado.

Não gostou nem um pouco, porém não queria desfeitear um amigo e, à noite, lá me fui para o Culto em casa do Cairbar.

Durante o mesmo, após as leituras, comentários, Cairbar recebeu uma mensagem de seu orientador, falando dos perigos da mediunidade, dos escolhos, dos cuidados. Antes, porém, fez-me uma pergunta mental.

Minha mão sobre o papel e eu nervosa e intranquila, não permitia quase a ninguém comunicar-se. Em dado momento, a mão começou a traçar fortemente a letra M... e não saía disto.

—Está certo. - falou Cairbar. - Eu perguntei o nome do meu orientador.

—Marcus Parreaux, um médico francês. Você está acertando.

Este espírito pediu-lhe que magnetizasse meu braço.

Eu vinha tendo fortes dores no ombro e pensava que isto se devesse aos afazeres domésticos ou a algum “bico de papagaio.” A entidade informava que minha mediunidade estava retida, e a dor era causada por isto. Desta forma, magnetizou-me os braços e tomando minha mão sob a sua, começou a escrever. Depois soltou-me a mão e ela continuou mecanicamente, enchendo páginas com ma-ma-ma... até chegar à mamãe.

A partir daquele dia, iniciei um treino sistemático da psicografia.

Durante o treino, como fosse mecânica a escrita, um espírito começou a escrever palavras. Xingava-me e eu chorava, constrangida, sem compreender porque isto acontecia, se eu orava, vigiava e tinha uma conduta ilibada. Este espírito se dava a conhecer por Maria Anunciatta Saturnino e só parou, quando eu me neguei a recebê-la. - uma entidade tão endurecida, que até hoje, 25 anos após, ainda tenta nos prejudicar.

Isto foi se passando e os nomes se sucediam. Vinham coisas estranhas, informações a vizinhos, que depois eram confirmadas, sobre parentes que, longe, estavam doentes, sobre amigos de infância que haviam desencarnado. Tudo para mim era novo, apesar da teoria, pois não supunha que seria envolvida num caudal de acontecimentos. Carmen e Cairbar, carinhosa e pacientemente me orientavam.

Após o início da psicografia, um dia, a minha língua começou a enrolar.

Sentia-a grande na boca e às vezes ia dizer uma coisa e falava outra. Perguntamos ao orientador espiritual de Cairbar o que ocorria, Ele nos informou que desabrochava a mediunidade de incorporação ou psicofonia, mas que, para desenvolvê-la, eu precisava frequentar um Centro Espírita. Como meu esposo não queria que eu lá fosse, Carmen pediu-lhe que me permitisse acompanhá-la, pois havia tirado carta de motorista há pouco tempo, e não gostaria de dirigir à noite sozinha.

Com isto, comecei a frequentar o Centro de Preparação Cristã, em Santa Terezinha.

Na psicografia um espírito se destacava dos demais. Começou a dar comunicações muito agradáveis, pelo conteúdo, mas que, pelos elogios exarados à minha pessoa, me fizeram desconfiar dele.

Eu desejava mostrar estas produções à Carmen e ao Cairbar, mas ele se opunha, o que aumentou minha desconfiança. Resolvida a desmascará-lo, pois, para mim, a verdade é sempre a mesma, onde se apresenta, entreguei as mensagens aos amigos, solicitando uma análise franca.

Ambos se preocuparam muitíssimo. Senão pelo que estava ocorrendo, mas de que forma abordariam o assunto comigo. Tinham receio que eu estivesse fascinada pela entidade, e não lhes ouvisse as ponderações.

Em razão disto, ao invés de falarem comigo abertamente, convidaram uma médium vidente de sua confiança, para a reunião seguinte.

Logo que cheguei para a reunião, observei a senhora desconhecida, que estava com outra pessoa, e percebi o que estava acontecendo. Entendi a preocupação dos amigos, e perguntei:

—Qual das duas pessoas tem mediunidade de vidência?

Ficaram assustados com minha pergunta e disseram:

—Nenhuma.

Toda a reunião transcorreu normalmente, e a entidade que mistificava deu vários nomes, e, ao final, veio minha avó Maria Genoveva Moreira, que escreveu por mim, e Marcus, pelo Cairbar.

Ao término, a médium vidente identificou o primeiro espírito como de uma mulher, com uma vestimenta de freira, e descreveu minha avó, até mesmo por um defeito provocado por reumatismo, no anular da mão direita.

Verdadeiras eram as mensagens de vovó e de Marcus.

Ao final, meu avô Moreira mostrou-me uma estrada íngreme, tortuosa e estreita, cheia de pedras e disse-me:

—Este é o caminho que você escolheu. Pense bem. Este caminho não tem volta.

Nunca mais me esqueci deste dia. Mas, a partir daí, a entidade mistificadora, não podendo mais me enganar, passou a atuar sobre minha pequena Marla, que não tinha nem três anos ainda, e acabou por provocar-lhe problemas pulmonares.

Eu frequentava as reuniões no C.P.C. e, logo no primeiro dia que fora, recebera pela psicofonia uma comunicação. Eu o ouvia, falando por mim, era Mário, o amigo da Sra. H, que se manifestara pelo copo, em casa. Ao falar eu o ouvia, como que fora de mim, usando minha boca, e um linguajar jovem, cheio de gíria, característico dele. Seu carinho e jovialidade me encantavam. Para não me denunciar, quando foi socorrido, pelo “Chuva de Ouro”, comentou:

—Eu já tinha visto este espírito, na casa daquela “moça.”

Se ele tivesse me feito assim (e fez um gesto com os dedos, (como se chamasse alguém) eu o teria seguido.

Achei muita delicadeza dele não comentar quem era “aquela moça”, ou seja, eu, nem falar como nos conhecêramos. Continuou comunicando por mais uns dois anos, e depois se despediu, dizendo que não voltaria, pois tinha uma tarefa a executar.

Até hoje oro por ele, e lhe agradeço o empurrão, em direção ao trabalho que nos traria tanto crescimento, alegrias e lutas.

Lembro-me que sua comunicação me causou tanta impressão e comentei com meu marido, ao que este retrucou:

—Máfia, no Brasil? Que bobagem...

Muitos anos depois, houve um rumoroso processo envolvendo Tomazzo Buschetta, relacionado à presença da Máfia italiana no Brasil. Foi minha vez de lembrar:

—Lembra do Mário? Máfia no Brasil? Que bobagem...

Altas horas da noite, após a comunicação de Mário eu ainda raciocinava com aquela gíria dele, não porque ele estivesse ali com a gente. Fora socorrido e amparado aquela noite, vira sua “gangue” do lado de fora do Centro, sem poder obstar-lhe a escolha, então, porque eu não conseguia dormir, pensando com os mesmos termos de gíria dele, como se lhe sentisse a influência?

Só tempos depois, com o aprendizado dos treinos, é que pude compreender. Eu não aprendera ainda a me libertar dos fluídos e psicofona da entidade comunicante. Com o tempo e a orientação dos companheiros aprendi a me desligar da entidade, e de seus problemas, logo após a comunicação, a ponto de muitas vezes não conseguir recordar o que acabara de falar pela psicofonia.

. Isto se dá porque a gama das informações passadas é tão imensa, que ficar pensando nelas, no dia a dia, causaria uma carga pesada de preocupações.

. Muitas vezes dei esta informação aos médiuns iniciantes, que tem dificuldade de saírem equilibrados, descansados e bem, sem se envolverem, emocionalmente, com os diversos casos tratados nas sessões praticas de desobsessão.

A experiência, o raciocínio lógico auxiliam a não nos envolvermos sentimentalmente nos casos, além do que é necessário ao auxílio, para não fugirmos à rotina do dia a dia.

O amparo do C.P.C. era muito, seus mentores espirituais foram muito bondosos e firmes comigo, os médiuns da casa me davam orientação, porém nenhum médium conseguia receber o mistificador que tentara enganar-nos pela psicografia.

. Quando eu perguntava porquê aquilo tinha sido permitido as entidades nos diziam que era parte do aprendizado e que eu me saía muito bem no teste de avaliar, pela lógica, o teor do que me era passado, e que, na análise fluídica do comunicante, teria toda a evidencia de sua atuação,

Um senhor, muito simples, médium vidente, orientou-me:

—Há uma entidade que lhe é afim e trabalhará muito com você. Ela se dá a conhecer de um modo particular, que você já sentiu.

Era verdade. Dr. Tomás me dava uma sensação de profunda de plena felicidade, de tranquilidade que se manifestava mansamente na área cardíaca, e num sorriso que me tomava o rosto.

Muitas outras entidades tentavam imitar estas sensações, que ele me transmitia, sem, contudo, conseguir.

Hoje relembro da Carmen e do Cairbar e dos membros do C.P.C., com profundo reconhecimento a Deus por sua preciosa ajuda, no início do labor mediúnico.

Porém, a entidade mistificadora causava tanto mal estar aos médiuns desenvolvidos da casa, que eles não conseguiam verbalizar-lhe a comunicação. Marla acabou internada com broncopneumonia e eu tinha dificuldade em tratar a entidade.

—Fala-lhe, sobretudo, com respeito. - recomendou-me o presidente do Centro.

Na verdade, a atuação da entidade sobre a criança me indignava, pois achava uma covardia que me atingisse de forma indireta.

Minha avó havia prometido ajudar-me. Numa das sessões, sentindo-lhe a presença, solicitei a Deus que, já que eu estava sendo prejudicada, que pudesse auxiliar, recebendo-a para ser doutrinada e amparada.

Realmente houve a incorporação. Eu me sentia um gigante, um verdadeiro "King-Kong", e meu sangue corria com tal ímpeto e violência pelas veias, que pensava que elas iriam estourar. A sensação era horrível.

Por fim, consegui auxiliá-la a falar. Disse que era “esposa do Cristo”.

O presidente a doutrinava, mas eu sentia que ela não era freira e que mentia.

Um dia em que visitava uma parente, a Sra. E., senti a presença de minha avó que me intuiu telepaticamente a fazer-lhe perguntas, Em meio à conversa disse:

—Tem a Sra. algum parente freira que morreu?

—Não.

—Tem certeza?

—Tenho. - respondeu-me com estranheza.

—Mas acaso não teve nenhum amigo ou parente que fosse enterrado com roupas de freira?

—Ah, sim! Minha madrinha de batismo, a Srta. A. C.

À noite, em desdobramento, estive no túmulo de uma pessoa que fora em vida devota de Santa Terezinha, e pedira para ser enterrada como freira. Ela amava muito a Sra. E. e viera a desencarnar de tuberculose galopante. Sua influência sobre minha menina fora provocada pela incapacidade de agir sobre mim. Tratava de atingir-me por tabela, através dos pedidos da Sra. E.,que ia ao seu túmulo acender velas, pedindo-lhe que destruísse meu casamento. Ela atendia e isto nos prejudicava muito.

Com o tempo passei a vibrar muita piedade e amor para ela, que não suportava que lhe tivesse pena. Durante muitos anos ainda sofri-lhe a interferência, que se constituiu em lição de paciência e discernimento, até que fosse apartada de vez de nosso caminho.

As lições difíceis de mediunidade, no entanto, continuavam com a psicografia, psicofonia, desdobramento e um pouco de vidência. Pacientemente os amigos nos preparavam para novos cometimentos.

Quando marcamos nossa mudança para o bairro do Ipiranga, compareci ao Centro e ninguém sabia que deixaria de frequentá-lo.

O clima, contudo, era de despedida. Conversei com o espírito de um “espanhol”, que prometera uma conversa comigo em particular.

—Eu sou um espírito. - disse-me. - Lá, onde você vai, há outros. Eles conversarão consigo.

Realmente, no primeiro dia, à tarde, quando compareci ao Lar do Amor Cristão, para pedir socorro à minha mãe, que vinha tendo fortes dores de cabeça, a médium, que atendia e se chamava D. Iris, foi dizendo:

—Antes de falar sobre sua mãe, preciso falar consigo. Ontem, passando roupa, você chorou muito, lembrando que Meimei lhe prometera aos treze anos que teria um grande trabalho a fazer com crianças. Está na hora de começar. Você pensa que isto foi afastado, devido ao seu casamento e aos filhos. Mas não. Procure o Sr. L. ou o Sr. C., aqui no Lar e eles a encaminharão.

Na semana seguinte, aquela médium não mais compareceu. Falei com a Sra. A., esposado Sr. C. e iniciei o trabalho de Evangelização Infantil. Passei a dar as histórias que recebera, durante o tempo que frequentara o C.P.C e foi o início da série do Microcópus, pelo espírito de Zé Bento.

CAPÍTULO IV - COMO CONHECI ZÉ BENTO

Certa noite adormeci e fui levada por duas entidades, as quais eu não conseguia ver, mas que me falavam e me infundiam muito respeito, segurança e amor, para um enorme anfiteatro.

Eu percebia que muitas pessoas iriam assistir ao mesmo espetáculo que eu. Sentia-me feliz, tinha a certeza de que guardaria as impressões deste passeio noturno, e que ele era muito importante.

—

Observe - dizia um dos meus acompanhantes - Veja quantas pessoas, encarnadas como você, estão hoje aqui presentes e assistirão tudo quanto você vai assistir. A única diferença, Marilusa, é que você, ao acordar, vai se recordar perfeitamente do que irá ver.

—Por que? - perguntei intrigada.

—Porque vai escrever sobre o que assistir. Vai iniciar uma tarefa, com relação a isto que vai ver.

Eu estava admiradíssima com o espaço imenso do local onde me encontrava, em que fileiras de cadeiras se perdiam de vista, colocadas em degraus, e proporcionando uma visão ampla de todo o conjunto, bem como do palco central, amplo, sem cortinas, ou qualquer tipo de cenário.

Entre as fileiras de cadeiras havia passarelas, ligadas ao palco, de tal sorte que, se algum artista quisesse circular pelo público, teria facilidade em

fazê-lo. Nunca havia visto uma construção tão bonita, confortável, ampla, moderna, arejada e onde se podia sentir uma vibração superior.

Não apenas sentia curiosidade, mas sabia que, de algum modo, estava sendo premiada com uma oportunidade ímpar.

Não demorou e logo uma pessoa se fez presente no palco.

Não entendi como entrara, pois simplesmente surgiu e comentou sobre a necessidade de se educar as crianças, falou com propriedade sobre os métodos, os meios utilizados para tanto e de como, na terra, os recursos ainda eram poucos, sendo que equipes encarregadas de direcionar alguns setores se haviam unido e utilizando seus recursos de criação, de conhecimento na literatura,

desenho, música, teatro, vinham agora apresentar o resultado destes esforços, numa apresentação pública.

Eu, então, percebi que inúmeras crianças estavam presentes.

Imaginei que seus corpos, como o meu, deveriam estar dormindo, naquele momento, em suas camas, e não entendi direito porque não apenas professores, educadores, psicólogos, e pessoas ligadas à educação, literatura e arte estivessem presentes. Como que sintonizando minha pergunta mental, a pessoa que se sentara à minha esquerda respondeu:

—

Estas crianças vão levar no inconsciente as imagens que aqui verão. Quando ouvirem as histórias contadas, será como se estivessem revendo algo...

Dei-me conta que dois homens me haviam levado ali. Um, sem dúvida, era o “Chuva de Ouro”. Quem, no entanto, seria o outro?

Por mais que tentasse vê-lo, não podia.

No palco, uma cena começou a se desenrolar. O personagem era projetado, como que por um projetor de cinema, que lançava um foco de luz no palco, mas, para minha surpresa, não era um filme que eu via, e sim um ser de três dimensões. Este ser era Microcólus, e toda a primeira história, que depois eu viria a grafar, se desenrolou ante meus olhos abismados com a agilidade, graça, leveza e trejeitos do personagem.

Ele, inclusive, chegou bem perto de mim, caminhando por uma daquelas passarelas que intermediavam o palco e as fileiras de espectadores. Ele falava conosco, brincava, e isto me encantou.

Quando terminou a apresentação, todos foram saindo e eu voltei ao meu quarto, levada pelos dois “homens”. Um deles falou-me:

—

Não esqueça o nome. Escreva logo que puder. Micro, de micróbio, e colus, de colo, de “barriga” furada.

Acordei com ótima disposição, porém minhas duas meninas vinham apresentando um problema de pele sério. Elas se coçavam até mesmo dormindo e, embora as levasse a diversos especialistas, nada havia conseguido diminuir o problema. Vários fatos intrigantes aconteceram relacionados com isto, mas não nos alongaremos a respeito neste livro, porque ele se destina a falar de outros episódios.

Eu havia pedido a uma jovem que passasse em casa, para ir a um outro médico. Era época próxima do Natal, e eu havia “conversado” com meu

avô desencarnado, na véspera da noite em que sonhara com o Microcólus.

Colocara sobre a penteadeira letras e números, o “sim” e “não” e no centro uma tampa de um vidro de perfume. Coloquei o dedo sobre a mesma e orei pedindo orientação para o “caso” de saúde das meninas.

Aos poucos,a tampinha começou a mover-se. Escreveu:

—Ula!

Estranhei, pois aquele fora meu apelido de infância, dado por meu irmão.

—Quem está aí? - perguntei.

—

Fernando. - foi a resposta.

No momento não identifiquei o espírito e ele continuou:

—

Vovô.

Somente então me lembrei que o avô que eu sempre chamara de vô Moreira, tinha por primeiro nome Fernando. Fiquei encantada.

Aos poucos ele continuou:

—Leve as meninas no médico que está pensando. O problema é alergia a amendoim, chocolate, pera, guaraná...

E foi dando uma lista, que me surpreendeu, pois a fruta pera eu quase obrigava as meninas a comerem.

O médico citado era um especialista em alergia, cuja consulta era muito difícil de se obter, e eu pensei em usar um stratagema, dizendo que viera do interior, em visita a parentes, e conseguir a consulta.

O preço da mesma redundaria no gasto de todo um mês de salário, e eu estava pensando nisto, quando meu avô, ou melhor, o espírito de meu avô, manipulando a tampa do perfume, foi empurrando as letras até que caíssem fora do tampo da penteadeira.

,

Era como se dissesse:

—Não quero mais que use este tipo de comunicação. Muitas vezes depois, em que tentei novamente usar o alfabeto, os números e o “sim” e “não”, ele novamente empurrou as letras uma a uma, até que caíssem da mesa.

Ao acordar, lembrei-me que marcara com uma moça para levar as meninas ao médico, e levantei apressada, arrumando o café e preparando as crianças para a consulta marcada.

Logo a campainha tocou e rumamos para o consultório. Dentro do taxi que nos levava, lembrei-me do “sonho”, do desdobramento, de toda a história. Procurei na bolsa e não encontrei papel onde pudesse anotar o nome. Com receio de esquecê-lo, devido à recomendação do “espírito” que me trouxera de volta ao corpo, pedi a jovem o seu maço de cigarros e ali gravei MICROCÓLUS.

Como vovô havia previsto, o médico logo acertou o diagnóstico, e o rigoroso tratamento indicado deu os resultados esperados.

Depois disto, às terças feiras, iniciei a recepção das histórias do Microcólus, que contava apenas às minhas filhas e que, depois, vim a desenvolver no Lar do Amor Cristão, e, posteriormente, na Casa do Caminho.

Meimei dera oitenta temas a serem desenvolvidos. Na hora

marcada eu me sentava, ficava tonta, e escrevia rapidamente.

Apesar de ter visto o personagem e de haver estudado desenho, eu não conseguia, contudo, desenhá-lo. Todas as vezes que tentava os espíritos me diziam que aguardasse, que alguém me “ensinaria” a desenhá-lo e aos demais personagens que foram surgindo.

Eu me entusiasmei com todos eles. Aconteceu de algumas médiuns videntes chegarem em minha casa e verem a história se desenrolando, sem entender o que ocorria. Elas me contavam o que viam, surpresas e sem entender. Os espíritos estavam plasmando ideoplasticamente quanto me davam.

Eu, porém, pensava seriamente em lançar as mesmas como se fossem minhas, pois não sentia um envolvimento forte como nos treinos psicográficos. O envolvimento, na verdade, era tão sutil, que eu mal percebia.

Já estava na 14ª história, quando, ao principiar, anotei o tema que deveria ser desenvolvido. Escrevi tudo de um só folego, mas, ao ler quanto “recebera”, tomei um susto. Eu não desenvolvera o tema que deveria ser abordado, e sim reescrevera, de forma diversa, mais completa, a história da semana anterior. Só, então, dei-me conta que “alguém” estava me manipulando e de forma tão sutil, que eu mal dera por isto.

Neste momento, percebi nitidamente o “homem” que estava atrás de mim, à minha direita. Era jovem, tinha grossas sobrancelhas, bonito e sério, moreno. Ele percebeu que eu o via e me disse:

—Melhor que você lance as histórias como suas. Pode até passar por um Walt Disney de saias. Será melhor assim, do que dizer que são

mediúnicas.

—

Mas estarei faltando com a verdade! - repliquei aborrecidíssima, pois gostaria que tudo aquilo fosse meu. Estava manipulando tudo como se meu fora e a decepção de ver-me apenas instrumento de alguém, e não criadora de tudo era forte.

Contudo, o amor à verdade, inoculado em mim pelos pais, mestres e pelas leituras de Monteiro Lobato, que eu adorara

na

infância, tinham forte peso em minha decisão. Por isto, continuei dialogando com o “homem”:

—

Isto aqui é um material muito bom. Deve ser publicado. Não sei como farei para conseguir isto, porém, desde já, afianço-lhe, que deve ser feito com o nome do autor. Quero seu nome!

—Melhor não. Eu autorizo a que publique em seu próprio nome. Dará menos trabalho e menor confusão.

—

Não quero! Faço questão de seu nome.

Ficamos neste impasse, e, vendo que ele não se decidia a dar o nome, argumentei:

—

Pois não escreverei nem mais uma linha, enquanto não souber o seu nome.

Isto o aborreceu e tornou-se invisível aos meus olhos.

Durante um mês, no horário de recepção das histórias infantis, eu orava, me concentrava, ele se apresentava e, porque não desse o nome, eu me negava a escrever.

Sempre fui muito teimosa, desde menina. Creio que isto mesmo o espírito amigo notou, porque, findo um mês, ele se apresentou e me disse:

—Eu posso mentir. Dar-lhe qualquer nome.

—Eu saberia que está mentindo. - falei eu, com tal segurança que era como se já o conhecesse. Eu mesma estava admirada da minha petulância.

—Pois bem. Se quer um nome, põe aí, Zé...

—Eu quero seu nome! - insisti.

—

Pois é meu nome: José Bento de Monteiro Lobato.

Fiquei pasma. Conhecia Monteiro Lobato pelas fotos que vira, com idade, e, diante de mim, estava um homem moço, bonito, diferente do que eu vira em fotografia.

—Vá à estante e tome um livro. - disse-me mostrando um volume. - Procure aí e encontrará uma foto minha mais jovem.

Levantei-me, fui até a estante e tomei o livro em questão, abrindo-o justamente num ponto, onde uma fotografia mostrava vários estudantes e, entre eles, um jovem, que era o mesmo espírito que eu via.

—Colocar meu nome só vai lhe trazer aborrecimentos, com minha família e outras pessoas que você ainda não conhece. - disse-me ele.

—Mas se é você, não me importo com os problemas respondi.

—No entanto, eu me importo. Não quero você discutindo com meus entes queridos.

Ele o disse de tal modo, que eu me senti também importante querida para ele e isto me causou forte emoção.

No entanto, era teimosa e continuei pensando em publicar os contos com seu nome.

No Centro ele dava o nome de Monteiro apenas, e ninguém sabia quem era. Seus conselhos e mensagens eram apreciados. O “Chuva de Ouro”, assinava, mas eu não entendia seu nome. Lia “Somos” ao invés de Tomás, e seguia trabalhando, sem me preocupar com nada.

O primeiro livro de Zé Bento veio a lume no dia 24 de dezembro de 1982. Lembro-me que estava sendo impresso pela Edicel, na LTP, e as máquinas, segundo informavam, haviam quebrado.³

Monteiro me apareceu muito sério e disse:

—É centenário de meu nascimento e queria que saísse o primeiro livro, mas, para tanto, é mister que você apague meu nome da capa. Não deve sair Monteiro Lobato e sim, Zé Bento.

—Se você não fizer isto, o livro não sai.

Percebi que estava desobedecendo a programação feita por meus amigos espirituais, que tão pacientemente vinham me alentando, e mandei colocar uma tarja preta sobre o nome. O primeiro volume do Microcólus saiu pois com a tarja: p/ espírito de Zé Bento.

Só depois que fizemos a modificação no fotolito o livro saiu, às vésperas do Natal.

Havíamos recebido o primeiro livro em 1969, e somente em 1982 ia a lume. Temos mais de 100 histórias com 1500 ilustrações dadas por Oyama. As lutas até chegar a isto iremos contando paulatinamente. Eu conhecera Monteiro antes, mas o primeiro contato mais sério se dera durante aquele passeio no Plano Espiritual, quando vi Microcólus. Ele e o "Chuva de Ouro" me haviam levado. Pensei que o amor que tivera aos seus livros, desde a infância, quando me eram dados por papai, durante suas viagens a S. Paulo, é que haviam provocado a aproximação. Somente muito tempo depois eu

saberia, realmente, de onde vinham nossos contatos.

CAPÍTULO V - NO BARCO "HORIZON"

Enquanto vejo garças voando pela janela do barco Horizon, caminhando de Assuan rumo a Luxor, através do Nilo, lembro que adquiri o hábito de anotar, quase todas as noites, os fatos ocorridos de dia e, após as preces, me vinham mensagens.

O espírito que eu chamava desde a infância e até o nascimento do meu filho João Marcos, em 1973, de “Chuva de Ouro”, numa das noites em que eu passava a limpo as mensagens de psicografia, na máquina de escrever, demonstrou estar presente.

Corria o ano de 1975, e eu pedi que grafasse seu nome nas teclas de máquina, pois não lhe entendera o nome todo. Eu sempre li “Somos” e sabia que não estava identificando sua personalidade.

Ele aquiesceu e, com o indicador .(eu fui datilógrafa do Banco da América e uso todos os dedos para datilografar, sendo muito rápida) Começou pela letra P. Pensei:

—Aquele nome que ele grava não começa com P.

Ele, contudo, continuou, manipulando apenas o indicador da

mão direita:

—Psicodatilografia.
Percebi que estava brincando comigo.
Ele prosseguiu:

—Nossos contatos vêm de muito tempo, através de muitas vidas. Estamos interligados afetivamente por muitos séculos. Temos uma tarefa a executar. Se queres me conhecer, para me apresentar os irmãos em ideal, meu nome é Thomaz Antonio Gonzaga.

A manifestação era totalmente mecânica e eu lia com certa impaciência sua informação, mas, ao final, fiquei perplexa.

Estava tendo contato há muito tempo com ele e há mais de quatro anos Tomás e Monteiro se manifestavam no Lar do Amor Cristão, sem se darem a conhecer. Respondi com ímpeto:

—Não acredito!
Ele respondeu:
—Daremos um jeito de prová-lo, por outros modos.

Realmente, durante muito tempo, apareceu a outros médiuns, enviou-me recados, mostrou-se pela vidência.

Enquanto o barco desce o Nilo, eu penso nos crocodilos que vi há pouco e nas cenas que os espíritos montaram dentro do meu quarto. Lembro que, na última conversa que tive no Brasil com Tomás, ele me dissera:

—Não vais fazer a operação e sim vais para a Europa. E eu respondera:

—Não acredito! - tal como da primeira vez em que ele se apresentara.

Agora, com o auxílio da minha irmã Marileusa e meu cunhado Vanderley a promessa do Dr. Tomás se concretiza. Num retorno ao passado, navego novamente o Nilo e fico a rir, ao lembrar o que ele respondeu ao meu mais novo.

—Não acredito!

—Isto já está virando rotina! Mesmo assim, irás.

Sua paciência, sua graça, seus modos me encantam cada vez mais

Depois que ele me convenceu de sua identidade eu ainda duvidava e lhe disse:

—Creio que não conseguirá trabalhar comigo.. Eu sou teimosa. Não obedeço. Não farei as coisas porque você me manda.

Terá que me provar sempre que é assim, que deve ser feito e porque deve ser feito.

—Para mim está bem assim. - respondeu-me - Foi por isto que escolhemos você. Se não fosse assim, não quereríamos.

Enquanto a água verde do Nilo desliza e vejo, atrás das palmeiras, as brancas montanhas de areia e pedra com seus mistérios velados, lembro-me que, em Madrid, mandou-me ler o "Sonata", escrito há dez anos atrás, falando parabolicamente de coisas que aconteceriam no futuro.

"Samira vai com Toba Loro Tei Mont para o Egito, presente do rei aos queridos amigos."

Samira fora personagem calcada em Marta, do livro "De Mário a Tiradentes". Seu nome quer dizer "amiga". E aqui estou eu, e, enfeitando o quarto, sobre minha cama, um quadro geométrico, é a cópia exata da cidade do Alvorecer do Milênio, que eu vi, quando ia ao Chico Xavier, pela primeira vez em 1977. A cidade com os personagens do Toba Loro Teit Mont, (Monteiro Lobato, de traz para diante). E eu, aqui, no Nilo, depois da viagem pela Ibéria, cujo dono é o rei Juan Carlos da Espanha, com meu cunhado, cujo nome tem todas as letras do nome do cunhado de

Marília de Dirceu, Valeriano Manso Reis e a parabolização do “Sonata de Amor a 4 mãos” de Malba Tahan e Tomás, com seus nomes como criptômios de outros que vim a descobrir, e o Nilo, esta viagem demarcada há anos, e inesperada para mim, e a imensa receptividade dos personagens de Zé Bento, que, durante anos, encantaram gerações no Lar do Amor Cristão, e a partir de 1979 na Casa do Caminho, na feira do Livro na Escola Visconde de Itaúna, no grupo Timbó, em Feira de Santana, da qual acabei de vir, num encontro com evangelizadores, quando vi Meimei flutuando no fundo do Centro e mandando-me ir à lousa grafar o mesmo desenho que ora me “fita” do quadro sobre a cama do quarto; o traçado urbanístico da cidade que devemos construir em algum ponto do Brasil, em benefício do menor carente, da cultura, e da confraternização dos povos.

Lembro-me que, ao retomar daquela primeira “tomando de

consciência” do trabalho que nos aguardava, de tomar nota no cartucho do cigarro, indo ao médico com as filhas, perguntei ao Zé Bento:

—

Como vou conseguir levar adiante um plano tão grande?
Se, ao menos, se pudesse fazer os desenhos em filme animado...
E ele me respondera:

—

Comece com os livros. Primeiro os textos, depois os desenhos. Um dia, de algum modo, faremos o programa todo...

Quase desanimei, mas uma coisa me detinha. Quando Tomás se me apresentou pela primeira vez também dissera:

—

Temos um lema para você. Não precisamos falar de disciplina, coragem, isto você já sabe. Nosso lema para você é:

NÃO VALE DESANIMAR.

—

Puxa! - comentei - Vai ser tão difícil assim?

Ele apenas sorriu, repetindo que eu não esquecesse o meu lema que deveria ser acrescido ao lema do “VAI, AMA E SERVE”, que eu ouvira em voz direta.

Hoje, após 47 anos de luta, daquele 1967, e dos primeiros empurrões com os braços balançando, vejo que conseguimos realizar bem pouco e prossigo, no carinho deles, e na promessa de que “Não Vale desanimar.”

Tanto tempo depois, minhas filhas professoras, meus ex alunos, meus colegas de faculdade, contam as histórias que ouviram de mim às crianças de hoje e percebem a mesma receptividade, o mesmo encanto, tal como senti, e como me repete hoje, na sincronicidade de Jung, o quadro no barco Horizon, mudamente, junto com minha filha Marla, a egípcia de Tel Amarna, enquanto no Brasil, dança a dança ritual do ventre, a dança da sacerdotisa do Egito, a pequena Mayra, minha caçula, dança, acompanhada de Isis, repetindo os mesmos gestos que Tii assistiu encantada, recostada em almofadas, junto às filhas de Nefertiti.

E, deste modo, o barco Horizon, singrando o Nilo, desvela antigos e novos horizontes, em dores que ficaram e virão.

CAPÍTULO VI- PRIMEIRO ENCONTRO COM CHICO XAVIER

Já tínhamos um número expressivo de histórias infantis e as Sras. A. e Y. as haviam levado ao Chico, que nos informara que tínhamos o amparo de Meimei, para aquela obra, comentando, inclusive, que talvez dela viesse a apresentação para as mesmas.

As duas senhoras amigas voltaram entusiasmadas porém, ao levantar o preço para a publicação das mesmas, o entusiasmo se desfez.

Tudo ficaria muito caro, principalmente se os desenhos fossem impressos coloridos. Estas ilustrações, num total de 1500 nos dão muito trabalho, pois temos que refazê-las no espaço da diagramação, e em preto e branco, pois não temos recursos para fazê-las em cores, ainda.

Durante este período, Tomás e Monteiro nos recomendavam a ida ao Chico, e eu cheguei a escrever a respeito para um confrade, que nos

incentivou, dando apoio ao trabalho e aconselhando que realmente buscássemos o Chico. Mas eu nunca sabia quando encontrá-lo em Uberaba, nem como chegar a ele, pois as senhoras do Centro que eu frequentava sempre lá iam, porém em caravanas que incluía mães que haviam perdido seus filhos, e não achava justo tomar o lugar delas, e também tinha certeza de que, apesar do apoio do médium de Pedro Leopoldo ter vindo por elas, julgariam tolice ou vaidade minha pedir para ir buscar a mensagem de Meimei, para a obra infantil, pois não estavam tão ligadas à mesma como eu, que as vinha transmitindo às crianças e sentindo sua penetração e aproveitamento, bem como o encanto que exerciam sobre nossas crianças, a ponto dos meninos mais velhos,

do ciclo intermediário, aos quais não ministrava os personagens, virem assistir às aulas novamente junto aos demais ciclos, numa expressão de nostalgia, saudade e vontade de estar com eles.

Neste tempo, frequentava com a amiga N... as reuniões mediúnicas da Biblioteca Circulante Espírita e o sr. Ni... que possuía excelente mediunidade, inclusive premonitória, nos dizia que iríamos ao Chico, sem precisar incomodar os amigos, ou seja, a solução já existia, eu a sabia inconscientemente, e apenas a minha ansiedade e preocupação me impediam de perceber como agir. Insistia ele:

—Se você precisa ir ao Chico, se é esta sua destinação, agradeça a Deus porque você já foi.

Comecei diariamente a fazer uma prece que me deu a falar em voz alta, meio, segundo ele, de educar meu inconsciente, pois eu dizia ter fé, mas agia como se não a tivesse, ou seja, como se tudo dependesse de mim.

Lembro-me que, antes de dormir, após as leituras evangélicas, preces e contatos espirituais, eu dizia, brincando mesmo:

—Muito obrigado, meu Deus, porque eu já fui ao Chico!

Hoje percebo a paciência, diligência, dignidade e persistência do querido companheiro sr. Ni... (já na Espiritualidade) a me ensinar como agir, conforme minha própria convicção. Entre a teoria e a prática a distância é imensa. Falar em fraternidade, coragem, amor, dedicação, renúncia, humildade e fé é fácil, porém, mesmo quando pensamos agir dentro destes paradigmas, nem sempre o fazemos.

Passavam-se os meses e eu me via a falar “até com as paredes”, durante o dia:

—Como ir ao Chico? Preciso buscar a mensagem de Meimei, porém, como ir lá?

A noite repetia o que costumava chamar jocosamente de “arenga educativa”:

—Muito obrigado, meu Deus, porque eu já fui ao Chico.(falava com ironia, sarcasmo e raiva.)

Mentalmente tentava decifrar o enigma das palavras do Sr.Ni.

—Sem sair de casa, em sua casa mesmo, você tem o modo de ir ao Chico.

Em minha casa, eu pensava:

—Como?

Começaram a acontecer fatos intrigantes. À noite, uma vez me vi numa estrada escura. Não fora pela lua e não enxergaria o caminho. Eu andava como quem sabe para onde se dirige. A estrada era rude, de terra, e eu podia sentir que não caminhava sozinha, porém não via as pessoas que iam comigo.

Cheguei a uma encruzilhada, pensando que rumo tomar, quando divisei uma luz que vinha caminhando de uma das estradas, em minha direção.

Pensei que era alguém que carregasse uma lanterna à altura do peito, como se fosse um lampião. Aos poucos o vulto foi se aproximando, e, sem saber porque, eu esperava por ele.

Quando chegou bem perto de mim, estava com uma túnica marrom, tipo de padre jesuíta, mas usava também um capuz.

Somente quando se acercou é que pude identificá-lo. Levei um susto. A pessoa não carregava luz alguma. A luz vinha de dentro dela e ela a ocultava mansamente e humildemente sob o manto. Era Chico Xavier.

—Chico! - exclamei surpresa e feliz.

—Marilusa, eu preciso falar com você, sim, mas “Fulana de Tal” não pode saber...

Dito isto, baixinho, olhou para os lados, preocupado que alguém pudesse tê-lo ouvido, além de mim, fez um gesto de adeus e seguiu pela estrada.

Fiquei ali parada, e, em instantes, acordei, com a impressão

nítida do fato, como que vivido, em algum lugar. Eu realmente vinha pensando em telefonar ou falar com aquela senhora que ele mencionara, pois sabia que ela sempre estava com ele. Adormecera com a intenção de conseguir no dia seguinte seu telefone e tentar chegar a ele, através dela. E agora vinha o Chico, em sonho, me dizer que não falasse com a mesma? Aquilo me intrigou profundamente, mas resolvi não telefonar, pois considerei o encontro noturno real.

Tive outros contatos que se deram da mesma forma e outros em vigília, enquanto orava e, de repente, me via ao lado dele, junto a muitos espíritos encarnados e desencarnados que o cercavam.

Quando podíamos conversar, ele me afirmava que nos veríamos que eu aguardasse mais um pouco, pois precisava mesmo falar comigo.

Prometi a mim mesma, que, se um dia conseguisse chegar até ele, daria um jeito de saber se aqueles encontros eram mesmo reais ou frutos de minha imaginação.

Uma tarde, depois de um dia de trabalho intenso, servira o jantar e meu marido, na sala, lia o jornal, ao mesmo tempo em que ouvia a televisão.

De repente, nitidamente, em minha mente, surgiu a resposta às afirmações do Sr. Ni.

—

Sem sair de sua casa, você tem meio de ir ao Chico.

Sim. Era verdade. Sem sair de casa eu conseguira, várias vezes falar com o Chico, mas ali, diante de mim, estava a pessoa que poderia

conseguir que eu chegasse materialmente diante do Chico Xavier. Verbalizei:

—Você vai me levar ao Chico!

Meu marido deu um pulo. Eu vinha falando tanto sobre o assunto, que todos já estavam fartos dele. No modo que o caracteriza, respondeu:

. —Você está “enchendo” com isto! É mais fácil falar com o Papa. Pare com isto de uma vez! Você está querendo aparecer!

Sempre fui muito franca, direta, clara. Estava no momento enxugando um prato, e respondi, no mesmo tom dele;

—Se eu consigo ouvir isto de você de quem eu gosto, com quem tenho sofrido e partilhado tanta coisa, sem lhe quebrar na cabeça este parto, acho que estou pronta para ouvir isto do resto do mundo! Portanto, está na hora de começar! Você trate de me arrumar uma entrevista com o Chico Xavier!

Desarmado com a resposta, ele perguntou perplexo:

—Como?

—Simples. - redargui. - Em Uberaba, você sabe, tem uma agência do Itaú. Fale com o gerente de lá.

—Para tanto, é preciso falar com o chefe do regional.

—Fale com quem você quiser. - respondi.

Depois de uns dias ele veio a mim e disse:

—Adivinhe quem é o nosso chefe da regional...

E, como eu não soubesse, respondeu:

—O Antonio Tupinambá Timbira de Oliveira Pinto. Antes ele não era espírita, agora se tornou. Ele respondeu:

—“Para a Marilusa, tudo!”

O amigo da Bahia, o “Tupi”, como era tratado carinhosamente, por todos, fora colega meu e de meu marido, fora meu chefe de setor, quando eu trabalhara como bancária. Fiquei muito feliz com o fato. Deixar para trás sempre bons amigos e boas recordações foi lição aprendida, que, naquele momento, mostrava sua consequência direta. Embora nunca se deva fazer algo, pensando em obter favores no futuro, as alegrias, a amizade, o bem sempre nos geram, cedo ou tarde, coisas boas.

Deste modo, o “Tupi” falou com o gerente de Uberaba, Sr. E. e ele disse que o Chico tinha conta naquela agência, e, tão logo aparecesse, falaria com ele.

Fiquei no aguardo. Um dia, veio a resposta:

—O Chico esteve aqui e eu lhe falei que a esposa de um colega queria falar-lhe. Ele perguntou quem era e eu respondi: D.

Marilusa Moreira Vasconcellos. Ao que ele aduziu:

—Ih, filho, preciso falar com ela sim. Mas ela não deve vir ao Centro. Diga-lhe que espere mais um pouco e eu vou marcar uma data, para ela vir aqui em casa.

Fiquei radiante. Tudo caminhava de acordo com as instruções do Plano Espiritual.

Deste modo, o incrível medianoiro marcou o dia 3 de agosto de 1977, uma quarta feira, e, com isto, tendo quatro filhos pequenos, pedi à

minha mãe que viesse ficar em casa e tomar conta deles, pois eu iria de ônibus, com meu pai.

Como gostei sempre muito de escrever, tendo tido facilidade para isto, compondo peças de teatro, no fundo do quintal, e participando ativamente das atividades culturais da cidade, minha mãe e meus irmãos, achavam que não havia

mediunidade em mim, que tudo era fruto de mim mesma, de minha capacidade. Na verdade, também escrevo e tenho mais de 18 volumes escritos que jamais publiquei, pois os que me vêm pela mediunidade considero melhores.

Já quase na hora de ir para a Rodoviária, mamãe, naquele seu modo direto, sério e responsável, chamou-me de lado e falou:

—Marilusa, quem sabe não virá mensagem alguma da Meimei e tudo é “coisa de sua cabeça”. Talvez por isto é que, até hoje, ninguém se ofereceu para levá-la ao Chico e você só vai lá amolar o pobre.

Aquilo me causou uma pontinha de mágoa e lhe respondi:

—Se é bobagem minha, não é melhor eu ir lá de uma vez,

ficar sabendo disto e parar de amolar “todo o mundo” com estas coisas?

Fiquei a lembrar. Eu também duvidara. Todo o tempo. Cada vez que Tomás me mostrava a mensagem, dizendo que a tinha que buscar, eu redarguia:

—Materialize, vire-se, mande por alguém, pois eu não tenho como ir ao Chico.

Além disto, sempre que me informava de coisas que iriam acontecer, volta e meia, eu me saía com um “não acredito”, como ainda faço, quando as “promessas” são boas demais.

Toda a vez, contudo, que eu dizia que não iria ao Chico e que não queria mais saber daquela história, um cheiro forte de perfume, um odor de rosas, invadia o ambiente e eu “sabia” que era Meimei me impulsionando a ter mais confiança. Nestas ocasiões, os próprios filhos me chamavam a atenção, dizendo:

—Está sentindo o perfume? Viu? A senhora vai, sim.

Até hoje, estas lembranças me incentivam, quando alguém duvida do que estamos realizando, com tanto sacrifício do Plano Maior e do nosso. Eu me pergunto:

—Eu também não duvidei, minha mãe, e meus amigos? Por que não os companheiros de ideal ou os outros detratores?

Antes, contudo, da viagem, no ano anterior, eu recebera um recado da Sra. A. e Sra. Y, vindo do Chico. Que eu entregasse os livrinhos para a FEESP. Eles foram para lá dia 21 de abril de 1975 e me foram devolvidos no dia 21.4.1976, e eu não coloquei que eram mediúnicos por orientação do Lobato. Mais tarde, ele me informou que estava havendo um consenso na FEESP de não aceitar quase nada que se apresentasse como mediúnico, porque as pessoas o faziam para terem um aval prévio. O médium de Uberaba também nos dissera que os livrinhos não seriam aprovados e, por isto, obedeci, sem entender porque perderia tanto tempo entregando algo, com a certeza de uma recusa antecipada. Até hoje

não entendi bem o porquê disto, e as explicações que me foram dadas não me convenceram. Talvez um teste para aprender paciência e humildade.

Recebi da comissão elogios pela qualidade e capricho do “meu” trabalho, pelo fato de haver colocado um espírito amigo pretinho, para acabar com o racismo, o que me levou a rir interiormente, pois Lobato não tivera esta intenção e o Benedito fora criado em homenagem à Benedita Fernandes e o Amor Divino ficava por conta da figura histórica de Frei Caneca, segundo ele me contara.

Depois falaram que a linguagem era difícil de ser assimilada e que as crianças acima de seis anos não aceitavam histórias com personagens e situações imaginárias, contrariando a época que mostrava o filme E.T. e Super Homem com sucesso de bilheteria.

Eu não podia concordar, porque citavam Bezerra e o espírito ali presente, informava que estavam interpretando errado o que ele dissera.

Comecei a argumentar:

—Não houve nenhuma intenção premeditada ao criar o Benedito, aliás, cada personagem é de uma cor, amarelo, azul, verde, marrom, preto, lilás, rosa.

Nisto, Monteiro me informa que ali ele era considerado, bem como em outros lugares, racista, por haver colocado a tia Anastácia da forma como a pusera, mas que a Anastácia existira, fora ama de seus filhos, era grande amiga sua, e a intenção racista estava mais nos olhos alheios do que nele.

—O autor espiritual- disse eu,- e precisei calar seu nome, pois fez-me um sinal com os dedos, pedindo omitisse isto. - que está presente, me informa que a obra irá a lume, não sei como nem quando, e que iremos buscar uma mensagem de Meimei para a mesma, através do Chico.

Com isto, pediram para ficar mais uma semana com as histórias.

E também devido ao que eu dissera, começaram a fazer tudo para impedir-me de chegar até Chico Xavier, tendo havido até intervenção na casa espírita onde eu laborara e era ligada à Federação e começou a me proibir de fazer as festas das crianças, alegando que elas não mereciam minha dedicação.

Agora eu estava indo para ver o Chico, e o perfume de Meimei não dava sinal de presença. Quase declinara de continuar na Evangelização Infantil, devido as perseguições, mas Monteiro me parecera e arguira:

—Agora que você precisa testemunhar amizade, perdão, paciência, quer cair fora? Tenha um pouco de humildade.

—Mas não me querem. - argumentei - Meu pai sempre me diz que não se deve forçar os outros a nos aceitarem...

—Se não tem humildade, tenha ao menos cara-de-pau disse-me ele - As vezes a humildade começa por aí.

Prometi e continuei. Muitas vezes tive depois que bancar a “cara-de-pau” em outros locais, para colimar as ações dirigidas pela Espiritualidade Maior. ⁴

Ora, eu iria ver o Chico, em sua casa, na quarta e os amigos espirituais me haviam dito que o pessoal do Centro que eu frequentava iria chegar, com um grupo grande, na quinta feira. Ficara apreensiva.

—E se eles me virem lá, depois de terem dito que não sabiam quando o Chico estaria em Uberaba? Ficarão envergonhados...

—Tenha a santa paciência, mamãe! - redarguiu minha filha Marla, então com apenas doze anos - Eles estão “fazendo um papelão” com a senhora e a senhora ainda se preocupa de magoá-los? Como pode ser tão “besta?” Eles é que deveriam se envergonhar e não a senhora...

No ônibus, papai conversava, mas eu não o ouvia. Pensava:

—Por que Meimei não dá sinal hoje? Por que não a vejo se vou buscar a mensagem dela? - comecei a orar, pedindo a Deus que eu não tomasse o tempo dos outros em vão, que eu não me encontrasse lá com os amigos do Centro, para não constrangê-los...

Estava com os olhos fechados quando, de repente, uma enorme lagarta de parquinho de diversões, com o rosto alegre e amarelo do Microcólus veio para cima de mim, como se eu estivesse em seus trilhos. Levei um susto, abri os olhos e continuei vendo. Vi todo um enorme projeto em prol do menor carente e dos jovens em geral, voltado para o turismo e cultura, vi coisas que ainda não posso relatar e que eram tão lindas e grandiosas que pensei estar vendo algo no Plano Espiritual. A visão durou algum tempo, com detalhes que estão gravados em cartório,

mas só há alguns anos é que eu entendi que é um imenso projeto que deve ser realizado aqui na Terra mesmo. Outros médiuns que o viram, inclusive o Sr. Augusto Cesar Vannucci da televisão, teve a impressão mesma minha, quando da primeira vez, que via um plano elaborado na Espiritualidade e concretizado lá, mas aqueles que se reencarnaram antes e que estão engajados nesta luta, se Deus o permitir, o tornarão possível, porque eu, de mim mesma, nada poderei fazer, pelo menos não sozinha.

A conversa que tive, por duas horas, em casa de Chico Xavier, está vívida em meu espírito e as coisas que ele me disse, das lutas que teríamos até hoje ainda me alentam para as tarefas, em prol do ideal que temos a realizar.

Os amigos do Banco Itaú nos levaram à casa da Sra. E. e seu filho O. à casa do médium, informando-nos que ele mesmo é quem determinara nossa ida lá, porque ele não atendia nem mesmo o pai do sr. O.

Chico, na sua delicadeza, logo veio a nós, e eu pensei:
—Gostaria de segurar-lhe a mão para conversar com ele.

Sentado ao meu lado, ele tocou-me a mão, mas, diante do meu susto, ao perceber que ele “lera” meu pensamento, logo a retirou.

Conversou longamente sobre os percalços de sua mediunidade, desde que cultivara alho nos fundos da mercearia onde trabalhara, dos contatos com Augusto dos Anjos, que eu também conhecera através do Dr. Tomás, e dos trinta anos em que tentara editar o livro “Deus Sempre”, sendo que a FEB lhe devolvia, informando que não era comercial. Tomou um livro, mostrou-me os desenhos coloridos, comentou como seria difícil publicar os livrinhos infantis coloridos, devido ao alto custo, presenteou-me com seu opúsculo para que eu não esmorecesse, lembrando quanto tempo (trinta anos) esperara, obedecendo Emmanuel, até ver o livro ir à lume.

Depois, folheou os livrinhos, e disse:

—Gosto muito deste personagem. - e apontou a “formiguinha hippie.”

Aquilo me fez rir, pois Lobato criara a formiguinha para brincar comigo, quando carregava papel para vender, tentando editar os livros:

—Você não tem mesmo fé em nada! Acha que tudo depende de você! Lá vai a “formiguinha” carregando suas folhinhas. - isto porque eu carregava peso excessivo, para vender sucata. Criou-a medrosa de falar com espíritos, descrente, e, como eu, artista plástica, mas, devido ao meu desprendimento, e por ter sido jovem dos anos 60, a fez hippie, conquanto eu não participasse deste movimento, e, na ocasião, estivesse engajada em lutas políticas, junto ao PCB.

—Fico feliz que goste dela...

—

Um pouco indisciplinada e teimosa, não é? - disse o Chico intencionalmente.

Depois de muito conversarmos, ele me disse que eu teria dificuldade de ter aprovação das Federações para a obra, mas acabaria vencendo. Por fim, perguntou:

—O que eu posso fazer por você?

—

Eu vim buscar uma mensagem de Meimei, através de suas mãos. - redargui, mas quando vinha para cá, não senti o perfume dela como das outras vezes e vi uma cidade estranha.

—

Quem sou eu, minha filha?

—

Eu não queria incomodá-lo, mas foi ela mesma que disse que isto tinha necessidade. O Sr. Newton Nebel dos Santos, diretor do Museu Monteiro Lobato de Santos já deu seu aval, por artigo no Jornal Espírita, e aceitou a obra como de Monteiro, mas Meimei, que dá os temas para serem divulgados, pediu-nos que viéssemos buscar a mensagem consigo. Ah! Escrevi a história que me mandou:

a da Rosa Falante. Ela é uma defesa de tese das outras. -mostrei-lhe a mesma.

—

Onde conseguiu estes dados? - perguntou folheando a mesma.

—Por incrível que possa parecer, numa revista, num consultório médico, enquanto esperava ser atendida. Queria o artigo e a enfermeira, percebendo, disse-me:

—Vou sair um pouco. Arranque as folhas.

Chico sorriu. Talvez aquele fato lhe recordasse outro, quando tivera que pegar um livro por ordem de Humberto de Campos...

—Vamos ver o que a Espiritualidade diz. - falou com simplicidade.

Sentou-se, diante da mesa, com papéis e lápis à frente. Orou e, em poucos minutos, suas mãos deslizavam céleres sobre o papel.

Eu, como sempre, quando as coisas são muito boas para mim, ou quando agem com muita maldade, estava perplexa, mal podia crer.

Ao terminar, ele sorriu e me disse:

—A senhora achou que a Meimei não viria? A mensagem é dela e leu-me toda, comentando em como teríamos que ter toda

uma equipe que auxiliasse a distribuir as mensagens e preparar os evangelizadores. Isto é o que atualmente nos impulsiona, criando grupos que possam fazer este trabalho.

Duas horas haviam se passado. Pessoas entravam no local, pedindo licença para que o Chico pudesse tomar banho, jantar. Ele me apresentou seus sobrinhos, e outros parentes, pedindo que trouxessem alguns livros que dedicou-nos, naquele seu modo desprendido e amoroso.

Estava quase para sair, quando me lembrei do que pedira, que, se aqueles “encontros espirituais” fossem verdadeiros, que o Chico me dissesse ao me ver:

—Foi bom ver a senhora outra vez...

Mas ele não dissera. Nisto, ele se encostou na coluna da varanda, olhou-me, amorosamente, e disse:

—Volte outras vezes, dona Marilusa. Foi muito bom ver a senhora outra vez.

—Outra vez, Chico? - perguntei, o coração saltando de alegria.

—É. A senhora sabe...

—Quem me dera eu possa voltar, Chico... - falei envergonhada.

—Volte, sim, minha filha. Volte. - falou dando-me adeus com a mão.

Saí dali com a alma aos saltos.

Mas ocorrera algo. Eu prometera que, se conseguisse falar com o Chico, ou para chegar até ele eu seria capaz de dar até uma jóia minha. Ora, eu viajara com um broche de ouro, um laçarote, com um pião, cravejado com rubis, presente de alguém querido, e o tal broche simplesmente desaparecera da minha lapela. Achei que o perdera. Voltaria, contudo mais três vezes à presença do Chico; e uma quarta, e, em todas elas, sumiram-me jóias que me eram

particularmente caras, mesmo que eu não estivesse com elas, ou que as levasse ao dedo.

Creio que alguém aceitou meu desafio e “paguei” com o sumiço das peças, que, por certo, foram levadas a algum outro lugar, onde devem ter servido a alguém, mais necessitado.

O tesouro maior, contudo, eu trazia no coração, nas lembranças do contato com o homem-amor de Pedro Leopoldo, e nas palavras de luz, verdadeiras jóias que Meimei nos dava, para abrir os livrinhos de Monteiro Lobato.

Quando falei a dirigentes espíritas que eu tinha a mensagem, duvidaram e precisei dar-lhes um xerox para identificarem a letra de

Chico Xavier!

CAPÍTULO VII- CONHECENDO O COMANDANTE ARMOND

Num dos dias em que me pus a orar, durante minhas vibrações por pessoas necessitadas, comecei a ver cenas que se interligavam, de forma circunstancial e definida. Elas formavam uma linda história e eu a vi desenrolar-se diante de mim. Era a vida de uma jovem, numa ilha do Mediterrâneo, em um núcleo cristão fundado pelo apóstolo Paulo, tentando salvar uma jovem com defeitos físicos de ser morta por um bando de fanáticos. Eu vi toda a vida da referida jovem, menos o final, que me pareceu truncado, quando eles iam se retirando pelo mar afora, após haverem conseguido resgatar a jovem em questão.

Como sempre acontecia em casa, nos dias subsequentes à minha visão, sem que eu lhes tivesse contado nada, minhas filhas começaram a ter sonhos com o local, a gruta, a moça aleijada, e os demais personagens. Era costume nosso combinar “sairmos à noite” juntas, para trabalhar em favor dos outros, aprender algo, fazer visitas, etc. Conseguíamos, inclusive, programar parte de nossas saídas noturnas e pedíamos aos Amigos Espirituais que nos permitissem fazê-lo.

Até hoje é assim, nossos sonhos premonitórios, o tipo de máscara que usamos para bloquear algumas informações mais penosas, nossas lembranças das viagens noturnas, e os sonhos que sempre têm com os livros que estou recebendo me dão conta da perfeita sintonia e confiança, amor e relações antigas que me unem aos meus filhos, ao ponto de sempre lhes presentear no Dia das Mães, pois, por mim, muitas vezes se metem em muitas “encrencas”, pois sempre estou procurando ajudar os outros e “vou fundo”, neste tentame, arranjando não poucas “confusões.”

Neste aspecto, Monteiro aproveitou para criar o Microcópus, pois, me disse, o Disney, que é importante, ao se sentir lesado por um amigo, que

correu a registrar o personagem inventado por ele, criou o Mickey Mouse, dizendo que o homem é um rato. Eu, que sou mais “pobre”, e brasileiro, digo que o homem, que veio dos seres microscópicos, é um micróbio, e, pela fome e sede de justiça que passei, ele tem um furo na barriga, pela fome e sede que teve.

Mas, aproveitando as muitas situações em que eu me metia, minhas dúvidas existenciais, os ataques à minha mediunidade, a falta de visão até mesmo de pessoas amigas, Monteiro criou Microcólus, com a característica da amizade, e, além disto, proveu-o de mediunidade, de tal sorte, que, apesar de tê-la, recebia o “beneplácito” da dúvida dos amigos e até mesmo as admoestações da sua amiguinha de aventuras, a “formiguinha hippie”, meu lado mais prático e, segundo as críticas de Monteiro, até mesmo materialista. Com isto, não poucas vezes, ele me admoestou através das histórias inventadas, através de seus personagens.

Neste interim, Tomás começou a escrever a história da jovem que eu vira, “A moça da ilha” e eu estava apreensiva, pois não sabia o final...

Numa das noites, durante as aulas de desenvolvimento mediúnico, comentei com o Sr. A. nosso orientador, no Lar do Amor Cristão, sobre o que vira, o que vinha fazendo, relatando minha preocupação com o final da história.

Havia muitas pessoas em nosso grupo e uma senhora me chamava a atenção por duas particularidades: primeiro, eu sentia especial simpatia por ela. Segundo, eu sabia que ela sentia especial antipatia por mim.

A noite em que fiz o comentário, após a aula, saí e, já na calçada, lembrei-me que esquecera minha sombrinha. Voltei à sala e vi a referida

senhora, de costas para a porta, comentando com o Sr. A:

—Por que, quando aquela senhora falava sobre a moça, do livro que está escrevendo, eu vi toda a cena, até o final, que ela relatou?

Fiquei eufórica e fui logo interferindo:

—A senhora viu? Que bom! Quem sabe vê o final e ajuda-me para terminar o livro

Conversamos um pouco. Depois, com o tempo, ela se tornou uma de minhas melhores amigas, trabalhando anos a fio comigo na Evangelização Infantil.

A Sra. D. até hoje é uma amiga muito querida e especial, e me informou que “não ia com a minha cara”, me achava intrometida, metida mesmo, porém, após aquele dia, viu que meu jeito espontâneo era natural, aceitou-me e me auxilia muito. Muito mais tarde, eu veria o porquê da antipatia gratuita que me votava, que não era gratuita, e sim tinha raízes fundas numa outra existência, que tivéramos na França, quando vi-me e a mais três companheiras como freiras, dentro da Catedral de Notre Dame. Eu fui muito dura e incisiva com ela, e esta vida foi-lhe muito adversa.

A confirmação de outros médiuns sempre foi uma felicidade para mim, pois as coisas, aos poucos, iam se “deslindando”, como se diz, e, de tal modo, que não me restava outra alternativa do que deixar de lado meu aspecto “formiguinha hippie” e desenvolver mais meu lado “Microcólus”.

Bem, quando a primeira parte do livro ficou pronta, eu pensei que ele terminara, pois minha vidência só vira até aí, e, lógico, pensava em editar, bem como os livrinhos infantis.

Neste interregno, meu amigo, Sr. A, apresentou-me o Sr. C.

H., que muito gentilmente propôs:

—Quem sabe a "Aliança" não edita o livro? Você gostaria de conhecer o comandante Edgard Armond?

Eu já ouvira falar muito do comandante. A D. Pia, fundadora do Lar, fora orientada por ele, e era um das melhores médiuns que conheci, a D. Regina, fundadora da Casa do Caminho, também fora desenvolvida por ele, e, até onde eu sabia, todas as pessoas que o conheciam o adoravam. Ele estava em idade avançada, e, para

conhecê-lo, iriam levar-me à sua casa, para uma conversa informal.

Esperei ansiosamente o dia. E, para mim, ficou marcado para sempre nas lembranças mais felizes.

No dia marcado, o Sr. C. H. muito gentilmente, apanhou-me em casa, com seu carro e nos dirigimos ao apartamento onde morava o comandante.

Entramos. O ambiente era agradável, de muito bom gosto, arejado, limpo.

Sua esposa nos recebeu e disse que logo o comandante viria. Retirou-se e deixou-nos à vontade. Eu levava os opúsculos infantis, e uma copiado livro “A moça da ilha”(somente a primeira parte, que eu julgava ser todo o texto.)

Sentei-me numa poltrona confortável e aguardamos, conversando um pouco.

Não demorou muito e uma figura de um senhor de idade, com um chambre longo, com uma bengala, entrou na sala, apoiando-se nela. Apesar de andar de vagar, seus olhos muito vivos demonstravam uma notável capacidade, inteligência, tirocínio e eu me sentia diante de um jovem.

Fez-me um sinal, indicando que a cadeira onde eu me sentara era a sua.

Cumprimentou-me com curiosidade, olhando-me fundo nos olhos, até mesmo com uma certa malícia, como se me conhecesse e soubesse muito a meu respeito.

Ouviu-me com interesse, folheou os livros, deteve-se na análise da história da moça da ilha...

Conversamos um pouco e o Sr. C. H. me informou que ele não estava bem de saúde e não poderíamos tomar muito seu tempo.

Ele se ergueu, foi para um canto da sala, e começou a conversar com o Sr. C. H. sobre assuntos particulares do mesmo.

Para não interferir, fiquei sentada onde estava, aguardando. Ele me causava curiosidade e uma estranha atração.

De repente, começou a falar de mim e da obra que eu levava.

Conversava falando baixo, longe de mim, de modo que eu não podia ouvir, mas, por uma razão inexplicável, eu comecei a “ler-lhe os lábios” e me inteirar do que dizia:

—

São elementais! - ele informava - São elementais os personagens das histórias infantis. Seres da natureza, captados e transformados pelo Lobato. Vai ser difícil publicar, pois ficaria muito caro, assim colorido, mas ela conseguirá.

Olhou-me com um sorriso complacente e pensei:

Será que percebeu que eu estou a “ler” o que diz?

—Este outro livro - continuou ele - eu vou ficar para corrigir e tentar editar. É mais fácil para ela receber este e outros, do mesmo espírito, pois é coisa vivida por ela, e, deste modo, fica mais fácil captar tudo. Ela tem tudo registrado em si mesma...

Logo nos despedíamos, e eu saí dali com uma impressão muito forte dele, e com receio que não mais o pudesse ver no corpo físico. Realmente tal se deu, mas ainda nos “veríamos” de outro modo.

Passaram-se alguns meses e um dia o telefone tocou. Era ele.

Após as conversas costumeiras, foi ao assunto:

—Marilusa, estou pensando em mudar a passagem em que a moça escala a rocha para chegar à gruta. Não haveria outro meio de chegar a ela, através das informações dos membros cristãos?

Acho muito difícil para a jovem em questão, fazer tal escalada, você não acha?

—Posso até concordar com isto, mas acontece que eu vi a moça fazer o trajeto, eu acompanhei tudo, sei do auxílio espiritual que teve, sei que isto se deu deste modo.

—Mas, minha filha - falou carinhosamente - os espíritos vão falar. Não é melhor evitar?

—Pois que falem!- respondi, como sempre faço de forma direta.- Pois que falem! Não me importo nem um pouco. Sei que foi assim. Não quero que mude.

—Está bem! Está bem!- falou ele rindo do meu modo. Então, tão logo esteja revisado volto a falar com você.

Mas não tornou a falar. Logo adoeceu e partiu para o Plano Maior.

Nem tive coragem de procurar a família para saber do original.

Fiquei muito triste. Ainda o veria outras vezes em espírito, conversaríamos, e, aos poucos, tomaria conhecimento de outros fatos sobre ele, que não sei se poderei relatar neste livro. Quem me auxilia a compor tais notas é que decidirá, mas, uma coisa posso afiançar. Nós já nos conhecíamos. Ele foi uma das criaturas mais injustiçadas pelo meio espírita, introduziu mudanças radicais nos trabalhos, deu informações preciosas, tornou práticas certas posturas meio nebulosas, e deixou, por onde passou, a marca inconfundível de seu espírito brilhante, aberto e corajoso. Apesar de haver estado com ele apenas uma vez, quando “vivo”, e falado com ele mais uma vez, pelo telefone, sei que já o conhecia, e aquele encontro sedimentaria ainda mais a admiração que nutria e nutro por ele. Quantos "capelinos" eu ainda veria?

CAPÍTULO VIII- CONFIDÊNCIAS DE UM INCONFIDENTE

Corria o ano de 1979, e no dia 21 de abril, lembrando a identidade do Dr. Tomás Antonio Gonzaga, pus-me a pensar na Inconfidência Mineira, nos partícipes dela, nos traidores, nas famílias, nos escravos, no ideal tão duramente castigado e comecei, mentalmente; a orar com muito sentimento. Suplicava a Deus, a Jesus por todos aqueles seres que, direta ou indiretamente, teriam tido alguma participação naquele evento.

Com a prece, aos poucos, comecei a me sentir leve, numa vibração diferente, e, nestas ocasiões, esqueço-me completamente que estou encarnada, tudo perde seu significado material, tudo é possível. Mesmo agora, oito anos após o início destas “confidências”, enquanto as rebato à

máquina, tantos foram os acontecimentos que posso melhor observar o passado, conquanto o presente seja tão doloroso e o futuro tão incerto, a não ser pela confiança num Poder Maior que nos direciona e a “teimosia” da escolha pela Verdade...

Estava eu em prece, quando Dr. Tomás se fez visível aos meus olhos.

Trazia seu casaco azul de noivo, as calças de belmoute vinho, os sapatos de topázio, as meias com ligas, os cabelos loiros, os olhos azuis muito doces e uma pena na mão. Dirigiu-se a mim e informou:

—Hoje iniciaremos um novo romance. Seu nome é “Confidências de um Inconfidente”.

E porque o nome, por si só, vinha em resposta aos questionamentos que lhe fizera em 1975, quando se identificara

perguntando se participara ou não do movimento da Inconfidência Mineira, recordei rapidamente, que me respondera duramente, naquela ocasião:

—Não tocarei neste assunto somente para satisfazer sua curiosidade, mas, quando tivermos autorização para tanto, e isto se dê de molde a ser útil a um maior número de pessoas...

... E, porque o nome indicava sua participação, não me deixou perguntar mais nada. Tomou-me pela mão e me levou consigo para um outro lugar, um outro tempo, de volta ao passado.

Comecei a visualizar Ouro Preto, suas ruas, e o ano de 1720 desfilava mudamente pelos meus olhos, enquanto eu escrevia vertiginosamente o que ele me mostrava, quase em pranto, convulsivamente, nomes, cenários, fatos, pessoas.

Eu participava de tudo! Assistia e estava ali, as emoções me tomavam de assalto.

Deste modo, grafiei todo o primeiro capítulo do livro, num só fôlego, e, quando terminamos, ele me disse:

—Se trabalhar direito, daqui um ano, exatamente, no dia 21 de abril, teremos concluído toda a história. Não será fácil. Desde 1975 que venho lhe avisando que as emoções serão muito fortes, que as informações serão muito discutíveis e que, mais de uma vez, pensará em parar.

—Eu estou pronta para tudo. - redargui de forma ingênua, vejo hoje.

— Espero que esteja pronta para todas as revelações que vierem por você, porque muito sofrimento lhe será cobrado à cada uma delas. Em seguida, grafou um poema que principiava:

"Embora creias, preparada estejas,/ para a luta eternal que te visita,/ Nem podes saber como a peleja...etc"⁵

E os capítulos foram vindo semanalmente. Acontecia, então, um fato que me causou muita perplexidade. A cada início, eu via os exércitos de Joana D' Arc, na abertura dos trabalhos. Depois me colocavam duas “cuias de barro” nas mãos. Eu as via, sabia que continham um líquido dentro, mas não saberia dizer, então, se eram vinho, óleo ou água. Ficava segurando as mesmas, sem entender qual o significado daquilo tudo e pensando:

—Quando é que começo a escrever?

Cuias outras eram postas em três tripés de ferro, colocados em forma de vértices de um triângulo e ervas eram queimadas ali em carvão. Tudo me era mostrado espiritualmente.

Somente depois, eu começava a ver cenas vividas. Depois algumas eram escritas e outras, que me pareciam acéfalas com relação a Minas, eu apenas via. Muito tempo depois é que pude entender o porquê disto. As cenas não escritas faziam parte de outros volumes que eu escreveria

depois, e que eram fatos interligados a Minas, mas de outras encarnações e experiências...

Um ano durou a recepção. Por duas vezes parei de escrever.

A primeira vez foi quando o assunto Maçonaria foi abordado no mesmo.

—Tudo o que você vem escrevendo, - falei ao Dr. Tomás - de um modo ou de outro, algum dia, poderei comprovar ou não, pelos documentos ou outros médiuns, mas nada poderei saber de Maçonaria, sendo mulher, e não acho justo que venha a tocar neste assunto, pois o que tem isto a ver com Espiritismo?

—Não posso tocar no assunto da Inconfidência Mineira sem falar de Maçonaria, seria um erro. - ele redarguiu - Além disto, Kardec também foi maçom, e Joana D'Arc, que você admira, empunhou a espada de Carlos Martel, um maçom, libertando a França do jugo inglês e acabando com a guerra dos cem anos, através de sua mediunidade.

—Mas como vou saber que o que escreve está certo, se nunca vou poder “checar” isto?

— Marilusa, mais de três centenas de citações cifradas darei no livro. Você mesma não saberá onde estão, nem quais são. Tem que confiar em mim.

—Eu lhe avisei que só aceitaria o que pudesse entender. respondi e, teimosamente, interrompi a recepção, negando-me a continuar com a psicografia do livro. A obra infantil continuava com Monteiro, nos dias marcados para tanto, e Oyama dava as ilustrações. Tomás, contudo, não conseguia que eu trabalhasse com ele.

Foram precisos algumas viagens ao Plano Espiritual, para que eu aceitasse retornar ao trabalho. São fatos, contudo, que, no momento em que escrevo, não posso ainda relatar...

As páginas vinham, os sonhos dos filhos confirmavam-nos e, na rua, onde eu via, espíritos me acompanhavam com roupas do século XVIII. Eu os sentia durante o dia, no calçamento, e na agitação de São Paulo, no Centro Espírita. Em casa, eram vistos por pessoas espíritas e não espíritas, e as cenas que mais marcavam meu espírito eu decidi gravar em tela, através do desenho, do que aprendera na FAAP.

Foi nesta época, durante a feitura de um dos quadros, que eu fiquei um mês tentando desenhar o rosto do Dr. Tomás de perfil, sem conseguir. Apagava a tela e a estava estragando, quando um dia o Aleijadinho me pediu:

—Deixa que eu faça...

—Mas o quadro é meu...

—Eu esboço o perfil com lápis e você pinta com óleo ou o que quiser. - disse.

Por não ter conseguido fazê-lo, aquiesci. Em poucos minutos, o esboço estava ali, perfeito. A partir deste dia, ele me pediu que reservasse um horário para que ele e outros pintores pudessem se exercitar na pintura

mediúnica. Aquiesci com relutância. Deixara praticamente de escrever, desde que a psicografia se manifestara.

Participava de salões de arte e, com a interferência deles, achei que talvez tivesse menos tempo para exercer a pintura como profissão...

A pintura começou a se processar no sábado à tarde, com a participação de alguns médiuns de confiança, a recepção dos livros se dava às terças e quintas feiras, e as histórias de evangelização eram contadas nas sextas. Depois também o seriam nas quartas feiras, na Casa do Caminho.

Os assuntos vinham de forma natural, sempre as cenas vistas sem diálogo, como mudas, depois escritas. Até que chegamos à parte do encontro de Marília com Tomás, em Cabinda.

Primeiro vi a cena de forma simbólica. Uma águia de duas cabeças carregava Marília, num cestinho, por sobre o oceano.

Depois voltava com duas alianças entrelaçadas num bico e um cestinho de bebê no outro. Outra médium viu a mesma cena, sem entender o que via. Depois seguiu-se todo o cortejo de informações das emoções vividas entre as choças e a gruta. Em vão eu tentava conter-me. Não podia escrever. Racionalmente queria a localização geográfica dos fatos vistos, e, emocionalmente, a carga era tão forte, que me sentia impedida de relatar o que via, mesmo sendo apenas instrumento do autor. Era impossível deixar de envolver-me com os fatos vistos. Fiquei um mês sem aceitar escrever as cenas. Até que Dr. Tomás mostrou-me no mapa o local e eu lhe escrevi um poema, brincando, com seu estilo: "Onde Dirceu Marília encontrara?.. etc" Ele respondeu com sua verve inconfundível: "Foi lá do outro lado do Oceano/ que Marília cortou a todo pano/ por encontrar-me, amor que nunca finda! foi lá, nas terras negras de

Cabinda/ me teve e eu a tive!.../nem o mar que encapela, nem a Corte/ podem mais que és ou eu sou-o!(etc)⁶

Somente depois do poema desabafo é que pude, em prantos, registrar o encontro de Marília e Tomás.

Estes dois poemas foram inscritos à págs. 150e 151 do livro 'Sonata de Amor a 4 mãos.'

Ao final, tive uma longa conversa com ele:

—Não vê? Ninguém aceitará. Endeusam Marília. Falam que você a abandonou, a esqueceu no Brasil. Vão me acusar de denegrir a memória dela.

Ele, sorrindo, naquele seu modo terno, respondeu:

—Para você ser culpada do filho de Marília, era preciso que você fosse o Tomás ou ela mesma, porque o filho é deles, e há registro da existência dele. Se precisar eu farei com que estes documentos te venham à mão. Preciso que tenhas mais confiança - continuou. - Estamos terminando o livro. Quero que vás a Ouro Preto, e lá, procurarás uma pessoa que eu te indicarei. Dirás que estás indo lá para ouvir uma música do século dezoito. Quando a música tocar, acontecerão fatos que te tirarão todas as dúvidas que ainda possas ter, porque sabes que participaste de tudo, sabes quem foste, não podes mentir a ti mesma. Quero que vás, na semana que vem.

Estávamos no mês de janeiro de 1980. O turismo, então, na cidade de Ouro Preto, era forte. Para lá se ir, preciso fora que houvéssemos marcado hospedagem com antecedência. - pensei.

Lendo meu pensamento, objetou:

—Haverá desistência em um Hotel. Não ficará barato. Deve ir e ficar lá uma semana. Fale com João. Ele aceitará.

Falei, portanto com meu marido. Ele achou um absurdo, mas começou a telefonar para os hotéis. Todos lotados. Quando ligou para a Pousada havia uma vaga, a suite presidencial, com dois quartos, banheiro, saleta, televisão, barzinho. Por sincronicidade

corrijo este trecho no Egito, na cidade de Karnac e Luxor. O primeiro hotel que ficamos foi o Pousada-Luxor de Ouro Preto. A sincronicidade do nome faria as delícias de um Jung.

—Gastaremos em uma semana minha gratificação semestral. - comentou. - Além disto, o carro ficará na rua, pois não têm garagem...

Meu esposo é tão apegado ao seu carro que as vizinhas sempre comentaram que eu deveria ter ciúmes do mesmo,

portanto, deixar seu carro na rua era para ele um sacrifício maior do que gastar o dinheiro do semestre da gratificação...

CAPÍTULO IX- EM OURO PRETO... NOVAMENTE

Chegamos. Minha felicidade não tinha tamanho! A cidade era tão bonita, os quartos agradáveis.

—O que você sente aqui? - perguntou meu esposo.

— Muita alegria. - respondi.

—Eu sinto tristeza. - respondeu ele.

Meus filhos também sentiam tristeza.

Sáímos a passear e logo no saguão do hotel a primeira surpresa. Artistas da Rede Globo, que eu via na Televisão, estavam hospedados no mesmo Hotel. Estavam filmando “Chico Rei.”

Pelas ruas, víamos sinhazinhas do século dezoito, cadeirinhas de arruar, soldados vestidos de dragões das Minas, homens com blusas de babados, chapéus, sombrinhas, negros como escravos...

Havíamos levado vários filmes, pois eu fotografava os lugares onde ia em férias e depois transformava as paisagens em quadros comerciais para a venda, mas, diante do inusitado das cenas, acabamos por tirar cinco filmes com trinta e seis chapas cada um.

Uma destas fotos, tiradas pela Marilei, então com 14 anos, se transformaria, dez anos depois, na capa do livro Abolição. Ela mesma a escolhera para ser ampliada, como brinde das revelações.

Tudo sincronizado pelos amigos espirituais, sem que soubéssemos, então.

Marilei foi convidada a ser extra no filme. Ríamos com isto.

Avisei João que precisava procurar a casa onde deveria ouvir a música do século dezoito. Buscava o nome das ruas que escrevera no livro e não as achava, pois os nomes eram outros.

Busquei um lar espírita. Indicaram-me. Bati à porta. Uma mocinha veio atender.

—Aqui fazem sessão espírita? - perguntei.

—Sim senhora.

—Eu vim de São Paulo. Posso assistir?

—Acho que sim.

— Quando terão a sessão?

—Amanhã, às oito da noite.

Agradei e sai contente. Agora era só esperar o dia seguinte, e aguardar a intervenção prometida por Tomás.

No dia seguinte, à noite, munida de um caderno de anotações, fui com Marla à sessão. Era na garagem da casa. Sentei-me com outras pessoas nas poucas cadeiras. O ambiente era seletto espiritualmente. Entrou um homem negro e um rapaz. Uma senhora e depois o dirigente dos trabalhos mediunizado. Olhei para ela e pensei:

—Preciso falar com ele, mas sua esposa é ciumenta. Como vou fazer?

Chamaram-me para tomar passe. Entrei numa saleta.

O homem negro mediunizado disse:

—Ih, filho, esta tem muita proteção. - e voltando-se para Marla -
Você conhece alguma Joana, minha filha?

Eu pensei:

—Conhecemos três (Joana D'Arc, Joana, minha tia bisavó, e Joana,
a avó do Dr. Tomás,) mas minha filha respondeu:

—Não conheço, não.

—Pois ela protege você.

Começou a reunião. Manifestações. desobsessão e, presente,

Jusce

lino Kubitscheck, Maximiliano Leite e outros inconfidentes. Ao final, o
senhor, com quem eu desejava falar disse:

—Nossa irmã escreveu algumas mensagens. Vamos ler. Eu vi oito
profetas ao seu lado, e um, muito iluminado, de ponta cabeça, o que é
isto? Ele nada sabia do livro “Confidências de um inconfidente”. Eu não
queria adiantar nada. Sabia que o profeta de ponta cabeça era Tomás, por
haver negado a participação na Conjura. Os outros sete estavam com ele e
quatro estavam encarnados, mas não podia dizer, e, por isto, respondi:

—Não sei.

Li as mensagens, comentei com eles alguns casos que estavam sendo tratados. As pessoas foram saindo e eu deixei-me ficar. Ao final, comentei:

—Vim de São Paulo para ouvir uma música do século dezoito, aqui, numa casa em Ouro Preto, a mando do meu orientador espiritual, mas não sei qual é a casa.

Eu sabia que a casa era aquela, mas queria ser convidada a voltar.

—Quem sabe esta casa é a minha. - falou o senhor amável.

- Minha esposa participa do coral de músicas setecentistas, minhas filhas tocam flauta e eu rabeca. Venha amanhã, após o meio dia, e lhe mostraremos as músicas que temos. Quem sabe, encontra aquela que precisa ouvir.

Era tudo o que eu desejava. Agradei e prometi voltar no dia seguinte.

Contei no hotel quanto se dera. Marla, como sempre faz, até hoje, criticou-me em tudo quanto eu fizera, minha intromissão, porque escrevera sem ser convidada, porque praticamente forçara os outros a me convidar, etc. Meu esposo também estranhou muito.

Isto me faz rir até hoje. Meus entes mais chegados são meus maiores críticos, fazem-no com carinho, mas severamente. Se as pessoas que tentam “me derrubar” com seus conceitos soubessem

disto, nem tentariam, sabendo que os maiores críticos sempre tive em família... Deste modo, ninguém quis ir comigo no outro dia, e só me prescreveram que não “amolasse os outros, e que não demorasse muito, nem os atrasasse para o almoço...”

Fui só, pelo menos materialmente. Atravessei a ponte de Dirceu, antiga Antonio Dias. Passava pelos mesmos cenários do passado, sem imaginar quantas transformações me reservaria o futuro...

Receberam-me cordialmente, meio sem jeito. Descemos para uma sala de estar, no pavimento interno.

Assim que o dono da casa chegou, apresentou-me uma pilha de músicas em partituras e discos. Fui virando-os com cuidado. Eu sabia que, quando tivesse na mão o disco em questão, eu o identificaria.

Conversávamos sobre trivialidades. Eu não podia falar do livro, do que viera ali fazer. De repente, toquei o disco.

—É este! Só não sei qual é a faixa. Saberei quando ouvir a música.
- comentei.

Tomaram o mesmo e puseram a tocar. Ficamos conversando e ouvindo. Falei que íamos ficar uns dias, comentei dos artistas, da filmagem, do movimento das ruas, de como tudo era bonito, agradecendo

pela paciência e atenção. Convidaram-me para uma reunião no Bairro das Cabeças, em casa de uma senhora, marcamos, combinando que me apanhariam na terça feira no hotel ou no restaurante do Ouvidor.

Nisto, comecei a ouvir a música que Tomás havia me dito e, no mesmo momento, o vi entrar acompanhado de outro amigo inconfidente. Disse ao Sr. M...

—O senhor tem vidência?

—Às vezes...

—Poderia me descrever os dois espíritos que acabaram de

entrar?

Sua esposa, neste momento, ia se sentar num sofá e ele falou:

—Não sente aí, pois um deles sentou-se aí.

Ela se desculpou, o que me encantou, pela naturalidade da comunicação e pelo fato de estarem tratando os espíritos como se fossem dotados de um corpo de carne. Ele descreveu Tomás:

—Entrou um homem loiro, com um tricórnio sob o braço, com um rico casaco bordado a ouro, todo azul e com sapatos com fivelas de topázios. Ele me diz:

—Jamais entraria na casa de um homem de bem encoberto.

Enquanto falava, percebi que Tomás o envolvia. Aos poucos, dos olhos do Sr. M. começaram a descer lágrimas e ele falou sem jeito:

—

A senhora não me conhece, não sei como aceitará isto. Ele quer lhe falar... Não sou eu quem está chorando.

Ao que emocionada comentei:

—Eu vim de São Paulo aqui para isto. Deixa-o falar.

—Não debes mais duvidar. - falou Tomás por ele - Ainda posso sentir as vinhas de minha casa, e a janela de onde avistava minha amada. Não debes duvidar que eu tive uma filha com Djanira.

Eu errei, precisas aceitar isto, aceitar tudo como foi. Precisas compreender. Pena que eu não possa ver minha amada antes de partir, que eu siga prisioneiro, sem lhe dar um último olhar... Não debes mais segurar o livro. Precisas lançá-lo logo, precisas aceitar, entender...

As palavras e as lágrimas caíam dentro de minha alma como raios de luz e de amor. Todos chorávamos. Tomás ainda falou das dificuldades que viriam, do sofrimento, do seu esforço para demonstrar a imperecibilidade da vida, das motivações particulares e do grupo que nos sustentavam, dos compromissos assumidos...

Tudo aquilo era o que eu sabia e não queria acreditar, dito por alguém que ele mandara que eu buscasse, alguém que eu já conhecia, e de quem sabia muitas coisas, e que vinha me alicerçar as certezas.

Quantas outras revelações me seriam feitas depois disto. Quantas pessoas eu encontraria e me seriam desvendadas, como aquele amigo, marcando-me profundamente a alma com as mesmas lágrimas que eu via correr dos seus olhos, demonstrando os sentimentos do espírito que até ali me direcionara.

Ficamos conversando depois que ele se calou. Conteí então do livro, abri o caderno de anotações, falei do Aleijadinho, dos inconfidentes.

A esposa do Sr. M. então comentou:

—Foi preciso que a senhora viesse de São Paulo, para acontecerem estas coisas em minha casa.

Ficamos amigos. Eu sabia de outros fatos, mas ainda não tinha como dizer-lhes sem os magoar...

Contudo, no dia seguinte, demandei o Alto da Cruz. Íamos pelo “vira-saia” e meu esposo e os filhos menores não aguentavam a subida íngreme. Ficaram no meio do caminho.

Eu ouvira falar do Dr. Tarquínio, o povo comentava quanto ele sabia da Inconfidência Mineira. Eu desejava, pois, falar-lhe, frente à frente.

Subíamos somente eu e Marilei. Tomás ia ao nosso lado e dizia:

—Não falarás com ele. Somente com quem eu permitir. E não permitirei que fale com nenhum historiador, para que não se diga que tomaste informações com eles. Contudo, permitirei que entres na casa, pois desejo mostrar-te algo.

Contei isto mesmo a Marilei e ela deu risada, pois estavam meus filhos acostumados a ouvir-me falar com os chamados mortos, quando menos se esperava...

Chegamos à casa do Dr. Tarquínio, bati à porta. Havia gente da TV por lá, e uma empregada veio atender. Perguntei pelo dono da casa e, contra todas minhas expectativas, mandou-nos entrar, sem nos conhecer.

Quis mostrar-nos a sala, a mesa com a roda de carroça, mas o que me chamou atenção foi o quadro com a foto do dono da casa, sob o vidro,

e, ao lado, a imagem nítida e igual de um rosto, que eu conhecia, por tê-lo visto durante a recepção do Confidências.

Sim. Não podia haver dúvida para mim. Tarquínio era o mesmo Cláudio Manoel da Costa! Fui para os fundos meio tonta. E, no quintal, dei com nada mais do que o altar maçônico, descrito por Tomás. Queria tirar fotos e pedi que pudesse fazê-la, tendo como base as escadarias da Igreja Santa Efigênia.

Sem perceber exatamente o que fotografávamos a senhora gentilmente atendeu nosso pedido.

Sai dali grata. Sabia que Tomás interferira para que entrássemos e víssemos o que ele quisera.

Muitas vezes depois, em minha casa, em São Paulo, fui visitada pelo Dr. Tarquínio em espírito. Conversamos diversas vezes, falava-me dos acertos e dos erros de suas pesquisas sobre a Inconfidência, e, em espírito, contava-me suas mágoas, desencontros, sua família. Quando desencarnou, um pouco antes de nosso livro vir à lume, veio, no mesmo dia, em casa me avisar:

—Já estou livre!

Telefonei para Ouro Preto. O Sr. M. me confirmou:

—Seu enterro sai amanhã!

Passeamos, e eu me lembrei que o Sr. M. havia me recomendado que fizesse uma coisa, quando falara com Tomás:

—Vá no lugar onde eu prendia os cavalos, atrás da ouvidoria, e, nas argolas, jogue um copo de vinho tinto!

Eu achara o pedido absurdo, fora dos parâmetros do que eu

vinha aprendendo na obra kardequiana, mas nunca fui mente bitolada por conceitos, sempre procurei saber o porquê das coisas e sempre testei as teorias.

Deste modo, tomei um copo do Pousada e rumamos, pela manhã, para a Praça Tiradentes, onde, num dos bares, meu esposo comprou um copo de vinho tinto. Saímos pela viela da praça e descemos até a porta de trás do prédio da Ouvidoria, buscando e encontrando as argolas, presas no muro de pedra.

, —Deve ser aqui, pois só existem estas. Será que estão aqui há tanto tempo? - perguntei duvidando um pouco.

Todos esperavam, ansiosos. Peguei o copo de vinho e joguei o conteúdo no muro.

Foi, então, que aconteceu algo tão inusitado que até hoje me espanta um pouco.

Todo o muro ficou da cor do vinho. Pensei que só eu estava tendo esta visão, quando ouvi a pequena Mayra; de apenas quatro anos, exclamar:

—Olhe, mamãe, a parede ficou toda vermelha!

—Vocês estão vendo o que eu vi!? - perguntei surpresa.

Todos eram unânimes. A parede estava cor de vinho e eu estava tão tonta, como se houvesse bebido, a ponto de meu marido precisar me amparar para que não caísse.

Fomos descendo a viela até a Rua dos Paulistas, porém acontecera algo novo para mim. Era como se o despejar do vinho me houvesse aberto

as portas de nova percepção. Eu olhava para as casas e sabia quem morara nelas.

—Esta casa era do bom português. Aqui havia saraus. Esta era de Emerenciana, esta de Carlota... e assim por diante.

Cada dia em que lá estive, ganhei uma surpresa nova.

Na reunião do Morro das Cabeças, em casa da Sra. E., o Sr.

M. ficou envolvido pelo espírito do Toledo, que dava o nome de

Oswaldo Lustosa.

— Marilusa, o Ferrão ainda dói?

A esposa do médium, não entendendo, perguntou:

—É o ferrão da dor, meu irmão?

—Não. - eu respondi. - É do Solar dos Ferrões que ele fala.

-

E inquiri. -Qual dos dois?

Eu sabia que um ser ligado a mim era João Carlos da Silva Ferrão, tio de Marília.

Sorrindo, o espírito me indicou quem era. Ninguém na reunião compreendeu. Eu sim. Era mais uma revelação dolorosa que me vinha de forma inusitada...

Naquela noite, chovia em Ouro Preto e os lampiões da rua e os holofotes da Escola de Minas, antigo Palácio dos Governadores, repetia para mim o espetáculo da “Chuva de Ouro” que eu via desde a infância.

Recebera, no início da reunião, como que duas facadas nas costas, dadas por espíritos infelizes, que vinham para a desobessão e, ao final, desdobrada, passeava pelas ruas com oito dos antigos profetas do adro de Congonhas, enquanto ouvia Tomás dizendo um poema, cujas estrofes foram colocadas para encerrar o livro "Sonata de Amor a quatro mãos", a pag. 233, retirando-se dele as partes particulares, referentes aos membros presentes àquela reunião simples, em casa de uma pobre viúva...

Enquanto escrevo estas “inconfidências”, penso na sincronicidade do tempo. Iniciamos este livro em 1982, e, de lá para cá, muitas coisas me aconteceram. Estou a caminho de Ouro Preto mais uma vez. Meu amigo, Sr. M. partiu para o Plano Espiritual e já retornou à carne, sendo hoje um menino... outras pessoas me chegaram. Grandes transformações passou o Brasil e o mundo. O “Sonata” se concretizou com a morte de um “Tomar”, no lugar de Samira, que foi para o Egito... e eu caminho para Ouro Preto, quem sabe, pela última vez, nesta existência.

Havia tanta alegria quando para lá fui pela vez primeira. Todas as vezes que tornei, joguei novamente vinho no lugar das argolas, onde os cavalos eram presos... jogarei novamente. O vinho é o sangue derramado pelo ideal de ontem, hoje e sempre, e as lágrimas novamente descem pelos nossos olhos. Desde então, até hoje, é sempre tempo de chorar... O poema do Dr. Tomás encerra todas as palestras que fiz sobre a Inconfidência Mineira.

Quando terminou aquela semana de peregrinações por Igrejas, casas, ruas, cemitérios e museus, eu me decidira. Nada me impediria de publicar o livro "CONFIDÊNCIAS DE UM INCONFIDENTE".

Minha vida nunca mais seria a mesma.

CAPÍTULO X- EM S. PAULO -A EDICEL

De volta da cidade de Ouro Preto, algo em nós havia se ampliado.

Não diria que era a confiança num Poder Maior, nem o contato espiritual que se abria de forma inexequível, após os encontros com os espíritas daquela cidade, e da jogada do vinho, atrás da viela da Ouvidoria antiga, onde Dr. Tomás morara. Estávamos mais animados a prosseguir.

Dia primeiro de abril de 1980 meu esposo aposentou-se no cargo de chefe da área Internacional do Itaú, com salário equivalente ao cargo, e, estando em casa, deixei-lhe as laudas datilografadas para que lesse. Dia 21 de abril daquele ano, segundo os prognósticos do Dr. Tomás, quando o relógio da sala dava as doze badaladas da meia noite, estávamos terminando de datilografar o “Confidências...” com a transcrição do quadro que fora colocado no Panteon do Museu da Inconfidência, antigo prédio da Câmara e Cadeia.

Meu esposo leu rapidamente o volume e me falou:

—Isto aqui é muito bom! Se ninguém ajudá-la a publicar eu o farei.

Era muito mais do que eu poderia esperar. Deste modo, ele e meu pai, unidos, começaram a ir às Editoras.

Há algum tempo eu telefonara para a FEB e conversara com o Sr.Thiesen, então, apenas sobre a obra infantil, contando que tinha mensagem da Meimei desde 1977, pelas mãos de Chico Xavier. Aquele senhor me informara que a FEB estava com o departamento editorial tomado pelos próximos cinco anos, com livros a serem lançados e que os pais espíritas não se interessavam em dar livros aos seus filhos.

—A senhora não deve se iludir. - dissera-me, na ocasião sem dinheiro não se faz nada.

Eu sempre fui um tanto direta nas minhas respostas, até mesmo reconheço que as vezes sou ríspida.

Respondi:

—Eu penso que sem Deus não se faz nada. Qual a religião do senhor?

Seguiu-se um silêncio constrangedor, ao que aduzi:

—O senhor não me conhece e nada me dá o direito de ser malcriada consigo. Não sei como nem quando, mas a obra sairá. Só espero que o fato de eu estar sendo tão ríspida consigo não me granjeie nenhum obstáculo. Desculpe-me.

Muitos anos depois, na abertura do Congresso Internacional do Espiritismo em Brasília, ano 1989, enquanto Marilei, minha filha, se recuperava de um acidente sofrido, quando íamos à Vitória da Conquista,² fui recebida carinhosamente pelo Sr. Thiesen, que me disse:

—Agradecemos sua participação e o fato de haver aceito nosso convite. Prazer em conhecê-la.

Sorrindo lhe disse:

—Já nos conhecemos. Falamos por telefone. Fico feliz que haja esquecido.

Ele me olhou sem entender. Durante a abertura, ouvindo-o falar pensei:

—Quanta gente vibra negativamente para os diretores da FEB, sem saber que o estão fazendo em prejuízo do movimento espírita!

E pensei abismada:

—Meu Deus! Este homem está morrendo!

Percebia-se-lhe a dificuldade, o esforço em se expressar. O ambiente estava maravilhoso, mas minha intuição não falhou. Logo depois do evento, Francisco Thiesen desencarnou, Sempre fico muito desolada, quando percebo que

alguém está para partir e não consigo impedir. Sofro muito com isto. E Tomás, aparecendo-me me

—Marilusa, você não é Deus!

Teimosamente argumento:

—Quem sabe um dia. Não está na Bíblia: Vós sois deuses?

Também, naqueles anos, visitara a cidade de Matão, cujo movimento espírita é muito expressivo, tendo eu conectado com ele através de meu pai, que sempre se referiu carinhosamente à pessoa de

Cairbar Schutel, enquanto vivo, e das comunicações recebidas do mesmo em nosso núcleo em Penápolis, no Centro Espírita Discípulos de Jesus.

Fui a Matão, para receber uma medalha de bronze do Salão de Belas Artes, promovido pela Prefeitura e tentei, então, entrar em contato com o pessoal de “O Clarim.”

Vieram ao Hotel do Sr. Silas, o Sr. Aparecido Belvedere e Marlene. Conversamos, como soe acontecer entre amigos e irmãos de ideal, e falei-lhes do “Confidências”, que eu ainda estava terminando de datilografar. Me informaram que a Editora de Matão, infelizmente, também estava com o departamento editorial tomado com publicações já programadas.

Tentei em vão entregar o mesmo à FEESP, e, finalmente, como papai fosse um dos consultores, que analisavam as obras enviadas à publicação pela Edicel, ele mesmo, amigo do velho Saraiva, tendo já um livro seu, o “Orlas do Evangelho” publicado, procurou o Sr. Gianinni, junto com meu esposo.

Neste ínterim, a Edicel analisava a obra por sete consultores, e, claro, meu pai não participava deste grupo, por razões óbvias.

Tomás me avisou que, destes sete, seis haviam aprovado a publicação e apenas um não admitia que tal se desse e fazia todo o esforço para que ela não saísse. Deu-me, inclusive, o nome da pessoa em questão. Falou-me que outras quatro me tentariam obstar, no futuro, sendo uma mulher e quatro homens. Deu-me o nome de todos os homens, mas se negou a dizer quem seria a mulher.

Dr. Tomás é um espírito muito terno, suas maneiras são tão cativantes, que eu mal podia pronunciar uma frase mais pesada e ele me chamava a atenção. Esta foi uma das razões de minhas dúvidas, quando ele me contou do que fizera de errado em Ouro Preto. Eu não podia aceitar que alguém tão exigente comigo nas mínimas coisas, pudesse ter cometido certas atitudes, que eu considerava desrespeitosas.

Enquanto isto, na Edicel, diante da insistência do consultor em querer impedir a publicação da obra, o Sr. Frederico Gianinni resolveu lê-la e o fez com sacrifício, pois tinha problemas que o impediam de ler, tendo que fazê-lo de lado, com uma lupa. Isto ele me contaria algum tempo depois, quando nossa amizade estava consolidada, e eu já sabia quem ele teria sido em Ouro Preto, e ele adivinhava minha participação naqueles tempos. Lembro-me que, quando cheguei à São Paulo, em 1960, procurara na Edicel alguma obra de teatro de Leopoldo Machado, ou alguma obra para crianças e não encontrara nada. Indignada, falei alto, sem perceber:

—Pelo visto, eu mesma terei que fazer alguma coisa!

Os empregados e o Sr. Gianinni, ao ouvirem aquilo, caíram na risada. Pensaram que estavam diante de alguém sem equilíbrio.

Fiquei sem graça, pois apenas “pensara alto”, como costumo fazer, quando prognostico alguma coisa, impulsionada por algo que não sei bem explicar. Não pensava, naquele momento, que um dia tornaria ali, para publicar a primeira obra mediúnica adulta de nossa lavra.

Como eu contei, o Sr. Frederico Gianinni leu a obra e resolveu publicá-la, mas como não dera a resposta ainda, a conselho do Sr.

N., havíamos proposto a outra Editora que o fizesse, entregando-lhe alguns originais infantis. A pessoa responsável por esta outra editora veio à minha casa e jantou conosco. Conversou com meu marido e gravou o que dissemos num gravador. Lembro-me de que lhe falei da obra infantil e como eu gostaria de fazê-la em quadrinhos, que não os havia na literatura espírita. Mais tarde, esta nossa idéia seria utilizada por aquele senhor, que era um dos quatro que nos tentariam obstar, mas eu não o identificara, então, pois só tinha seu primeiro nome e não o ligara à pessoa. Entreguei-lhe, em confiança, algumas produções para crianças, do espírito de Lobato, ele me pediu que providenciasse o original do “Confidências,” dizendo que precisaríamos abrir mão do direito autoral, em benefício das obras assistenciais da Editora, à qual ele estava ligado e pediu-nos uma importância razoável, a título de financiamento, do que ele dizia ser 70% dos custos da edição.

Meu esposo e meu pai saíram a campo, para levantarem os custos da edição e vieram desolados:

—O Sr. W. pediu nada menos do que o dobro necessário para a publicação, dizendo que era 70% dos custos. - informou meu marido. - Eu

sou muito mais espírita do que ele! Seus amigos espíritas são uma decepção!

Fiquei desolada. Vinha tentando trazer meu marido para as lides no movimento, principalmente naquele momento em que ele estava com tempo livre, mas as atitudes dos companheiros com os quais entrávamos em contato, solapavam minhas esperanças.

Neste tempo, a Edicel deu-nos a resposta afirmativa quanto à publicação, mas pediu também um financiamento que era um pouco menos da metade do que o Sr. W. pedira.

Telefonei ao Sr. W. pedindo a devolução do material infantil que lhe entregara. Durante seis meses tentei em vão falar-lhe.

Sempre mandava dizer que não estava, não respondia aos meus apelos, recados, cartas, ou o que fosse.

Neste interregno, consegui o telefone da senhora Z., médium

já reconhecida nos meios espíritas. Atender-me-ia, sem me conhecer?

Ao contrário do que eu pensava, ela bondosamente me ouviu.

Expus-lhe os problemas que vinha enfrentando, e ela me aconselhou a não financiar nada. Eu estava doando tudo o que tinha. Não era justo. Falou-me que o Sr. Gianinni era o mais honesto dos editores que ela conhecia, e que ela não sabia nada sobre a Sra. D.

estar financiando sua obra na Editora comandada, então, pelo Sr.

W.

Achando tudo muito estranho, agradei-lhe a orientação firme, nas quais exarou sua opinião sobre a conduta do Sr. W. Decepcionada mesmo, eu ouvia o espírito do Dr. Tomás dizer-me que eu deveria ir ao Chico Xavier, pegar uma mensagem, para abrir o “Confidências” e os livros que depois viriam relacionados ao mesmo, Eu pensava:

—

Por que as Editoras pediam dinheiro? Como alguém, médium ou não, sem dinheiro, levaria uma obra avante? - Eu pensava...

Dona Z. dissera que não estavam agindo corretamente comigo. Alertou-me quanto à desonestidade de algumas pessoas.

Isto me deixou intrigada, já que a Edicel pedira também financiamento para a composição, diagramação, revisão e fotolitos.

Diante disto, conversei com meu esposo e ele e meu pai, que tentavam me ajudar, foram levantar novamente o preço dos custos.

João, meu marido, estava muito desencantado. Comentou:

—Seus amigos espíritas não são honestos. O Sr. W. pediu mais do que o necessário, para a publicação e ainda disse que era 70% apenas. Eu sou mais espírita do que eles. No entanto, o Sr.

Gianinni parece-me desejar ver se você confia na obra e investiria nela, por isto, eu emprestarei o que ele pede.

R

ealmente o fez. Esta importância era bem menor do que a exigida pelo Sr. W. Somente quando o Confidências estava na terceira edição, dois anos depois, é que meu marido recebeu seu empréstimo, sem juros, nem correção monetária, o que o indispôs

ainda mais com os espíritas.

—Eles não são honestos! - me dizia.

Esta atitude das pessoas o colocou em prevenção contra o Espiritismo. Por mais eu tentasse, não consegui fazê-lo participar do movimento, do qual foi se afastando aos poucos.

No entanto, no período de recepção do “Confidências” e, algum tempo de seu lançamento e após, o apoio espiritual era tanto que víamos Tomás a miúde. Ele se fazia ver por outros médiuns, mandava-me recados de outras cidades, recados que só para mim eram significativos, e influía na disposição de meu esposo.

Lembro-me de um dos fatos interessantes ocorridos neste tempo.

Meu marido brincava na sala de nossa casa com os filhos.

Inventava-lhes apelidos extravagantes e riam muito. Eu, na cozinha, arrumava a louça, com a torneira aberta, lavando os pratos.

—Você é Rosquitof...

—E ela?

—Ela é Remechelda, ele é Forquitinho...

Nisto, Tomás se aproximou de mim e sorrindo disse:

—E você é “um doce!”

Ele sempre foi muito gentil, e eu brinquei, pois quando o vejo até me esqueço que é espírito e o trato como gente encarnada. Isto acontece não apenas com ele, mas com todos os espíritos que vejo com clareza:

—Se é assim, quero que faça com que João o diga!

—Duvidas? - perguntou sorrindo. - Vais ver - e dirigiu-se andando para a sala.

Em meio aos risos dos filhos, Mayra, minha caçula, perguntou, certamente instigada por Tomás:

—E mamãe, o que ela é?

Fez-se um silêncio. Eu, querendo ouvir o que diziam, tratei de fechar a torneira e, como diz o caboclo, “espichei as orelhas.”

—Mamãe é... é... um doce!

A algazarra veio correndo com eles da sala:

—Não vale! Você ouviu, mamãe? Você ouviu? Papai disse que você é um doce! Não vale!

Atrás deles, Tomás ria como a me dizer:

—Você duvidou, não foi? E agora?

Outros fatos como este eram rotineiros durante a recepção e lançamento do “Confidências”, mas contaremos somente alguns.

Lembro-me que, certa vez, conversando com ele, expus-lhe a idéia de entregar à Maçonaria, antes do livro vir à lume, os originais, pois, para mim, era, antes de tudo, uma questão de ética, já que se falava dela.

—Não é necessário. - foi sua resposta, séria e incisiva.

—Mas eu quero! Não para obter apoio. Acho que é ético agir assim. Eles que pensem o que quiserem.

—Pensarei no caso, e, se achar devido, providenciaremos.- prometeu-me.

Esqueci nossa conversa. Uma tarde, quando fazia faxina em casa, ele me chega apressado:

—Largue tudo e vá se arrumar!

—Ora, para que?

—Vou por você hoje em contato com a Maçonaria!

Eu estava, como se diz na gíria “em petição de miséria”, o cabelo mal arranjado, unhas sujas, suada, cansada, horrível.

—Deste jeito? Nem pensar!...

—Você recebeu um convite para uma exposição de pintura. É hoje. Guardou na gaveta. Vá buscar!

Fui automaticamente até a gaveta e procurei uns envelopes que guardara, encontrando aquele a que ele se referia, uma exposição na Biblioteca do bairro, na qual um grupo de doze artistas faria uma vernissage.

Arrumei-me mal e mal, pois estava quase na hora do evento corri para lá, sem nem bem saber, ao certo, o que se daria. Estava curiosa, mas confiante. Isto sempre acontece, até hoje. Vou obedecendo orientações que recebo diretamente ou de médiuns de minha confiança, ou me dirijo aos locais, muitas vezes apenas impulsional pela minha vontade e

teimosia, sem bem mesmo saber, ao certo, ao que vou. Quando chego ao local, os fatos vão e desenrolando. É muito bonito e gratificante perceber como a espiritualidade nos conduz. Há fatos interessantes, engraçados, intrigantes, espantosos. Lembro-me que, quando meu marido me pediu em casamento, sem que eu esperasse, eu o olhei aturdida e respondi:

—Você não sabe o que está fazendo! Se eu resolver aceitar, sua vida não vai ser monótona!

Também meus filhos sempre dizem que conviver com uma mãe como eu pode ser tudo, menos monótono. Marla, a mais crítica de todos eles, comenta:

—Ter uma mãe assim, é uma aventura, um perigo...

A reunião era agradável. Havia um coquetel, as obras eram diversificadas, e eu já conhecia alguns membros do grupo, de salões de arte que vinha participando.

Tudo corria normalmente, até que Dr. Tomás se aproximou de mim e apontou-me um membro do grupo, uma senhora, com um estranho pedantif no pescoço, que logo me chamou a atenção, como coisa já vista. Ele me ordenou:

—Por mais estranho que possa parecer, fale o que eu lhe disser e não tema parecer extravagante.

Meio constrangida à princípio, aproximei-me da senhora em questão e comecei a comentar alto, chamando a atenção das pessoas por perto, sobre os quadros expostos:

—Por mais absurdo que possa parecer, um artista, quando cria algo, coloca sua alma transparente naquilo que faz. Ele se denuncia, ele se entrega, praticamente... ele se desnuda...

A impressão que eu tinha era aquela de que eu estava “querendo roubar a cena”, como se diz, ou seja, eu estava querendo aparecer, acima e apesar dos artistas. Eu imaginava que devia estar com o rosto vermelho, tamanha era a vergonha que sentia, mas Dr.

Tomás me instigava a prosseguir.

—Veja a delicadeza destes traços, por exemplo, as cores, os motivos. Eles denunciam um estado de alma, uma preocupação, um momento. Olhando-se para os outros quadros tem-se uma perspectiva maior das motivações da alma de quem pinta...

Neste momento, todos os olhares estavam postos em mim. Eu me sentia uma “verdadeira palhaça,” mas prossegui:

—Assim, em todos os tempos, com todos os artistas. Veja o Aleijadinho, por exemplo. Ele deixou, em sua obra, todos os traços de sua iniciação na Maçonaria. Quem observou suas esculturas, identifica os traços triangulares, o girassol e a rosa, as volutas...

Eu me ouvia falando com tamanha verbosidade, como muitas vezes desejei ter em algumas palestras sobre o assunto, sem encontrar. Interiormente eu me perguntava:

—Até onde teria que prosseguir com aquela representação?

E isto daria certo, como Dr. Tomás pretendia?

Eu sentia que, a qualquer momento, delicadamente, alguém “desligaria” meus circuitos, cortaria minha arenga, enfim, me faria parar de falar. Eu me sentia intrusa, intrometida, até mesmo, ridícula. Suava frio. Não via a hora de sair dali. Pedia a Deus que aquilo acabasse logo. Me sentia muito mal, diante dos outros

artistas que estavam expondo. Muitas foram as vezes em que tive que agir por impulsos, de acordo com a minha consciência, lutando pelo ideal e pelos princípios, representando aquilo que não sou, que nunca fui, violentando meu modo de ser, para atingir os fins colimados, sem me importar com o que os outros possam estar pensando de minha atitude. Foi, pois, com alívio, que, durante uma paradinha para respirar, senti que a senhora que era alvo de minhas palavras, dirigiu-se a mim e, tocando-me o braço, chamou-me de lado, para conversarmos em voz baixa. Que alívio imenso senti!

—Não pude deixar de ouvir o que falava. - disse-me - Se quer confirmação do que estava afirmando tenho uma amiga que pertence à Rosacruz e que talvez possa lhe dar alguma indicação.

Quero lhe deixar meu telefone. Somente me ligue à noite, pois estarei aqui até tarde. Estarei esperando.

Nem quis me explicar naquele momento. Tudo o que eu queria era que o chão me engolisse, que eu pudesse ir embora, sem chamar mais a atenção, e, à noite, quando pudesse, explicaria àquela senhora o porquê da minha insólita atitude...

Tão logo percebi que não me observavam, saí de vagar e demandei minha casa, mentalmente discutindo com Tomás:

—Nunca mais me faça passar por tamanha vergonha! Nunca me senti tão ridícula em toda minha vida!

Mas muitas outras vezes isto voltou a acontecer.

Ele ria de meus modos, mas sem maldade. Minha zanga para ele parecia coisa de criança. Sempre foi tão terno, tão gentil, mas, por ele e pelos amigos quantas e quantas vezes me vejo metida em enrascadas que nem sei como começam, e que não vejo a hora de terminar. Aos poucos, contudo, isto também me diverte, como agora, ao relembrar os rostos das pessoas, a estranheza com a qual me fitavam, as idéias mirabolantes que, por certo, Ihes passavam pela cabeça. E talvez, quem sabe, não Ihes tenha

ficado do momento uma impressão tão vívida como em mim, que tive que representar todo o episódio, só para conseguir um número de

telefone, a ponte, o fio da meada que me faria entregar à Maçonaria os originais do “Confidências,” antes que viesse à lume.

Esperei a noite se fazer alta e liguei para o número que me fora dado. Com muita calma expliquei à senhora que eu era espírita,

que aquilo que dissera fora-me informado no livro que recebera, do espírito do Dr. Tomás, que fora àquela reunião com a finalidade de me por em contato com a Maçonaria, e que o colar que ela portava ao pescoço me indicara que ela era a escolhida, para efetuar tal contato. Falei-lhe ligeiramente do livro. Ela me ouviu com paciência e educação e disse-me que também era espírita, mas não a pessoa que estava pensando em me indicar que era uma conferencista rosacruz, muito ocupada, e que eu lhe devia ligar imediatamente, apesar de saber que ela não aceitava mediunidade, nem Espiritismo. Ficamos conhecidas, e eu anotei o novo número, ligando para lá a seguir.

A pessoa que atendeu também demonstrou muita educação e finura. Até hoje não a conheço pessoalmente. Ela me informou que não acreditava em mediunidade e não poderia, deste modo, dar-me nenhuma informação, mas que me dava um outro número de telefone de um senhor que talvez pudesse entregar à Maçonaria meus originais, pois, pelo que ela sabia, era maçom e espírita.

No outro dia, liguei para o senhor indicado. Ouviu-me bondosamente, mas com certo receio, que percebi, e convidou-me a assistir uma sua palestra, num centro espírita.

Informei meu esposo que deveria, naqueles dias, comparecer a um Centro e conhecer uma pessoa. Pus-lhe a par de tudo o que acontecera naqueles dias e pedi-lhe que, malgrado sua “birra” com os espíritas fosse comigo. Eu morava em São. Paulo desde meus dezoito anos, mas até hoje não sei andar na cidade. Costumo dizer que deveria mudar para uma cidade onde só houvesse uma rua, onde tudo estivesse, para não me perder...

A resposta afirmativa da Edicel, levou-nos àqueles dias, a Edicel, onde João fez o financiamento para a fotocomposição, com acordos e

recibos firmados de parte à parte. Tentaram fazer-me

assinar um documento, pelo qual eu passava o direito de edição à Edicel, mas Dr. Tomás proibiu-me de fazê-lo, e eu só vim a entender o porquê muitos anos depois.

Estava, pois, o “Confidências” sendo agilizado para a entrega ao público. Havia uma motivação superior para isto, mas eu não a podia entender então. Só vim a sabê-lo muito tempo depois, quando da partida para o Plano Espiritual do Sr. Frederico Gianinni, que até hoje é um amigo especial e continua a trabalhar na mesma Editora, agora sediada em Brasília, inspirando e orientado seus novos diretores, e preparando-se para dar continuidade à sua tarefa pioneira.. .

CAPITULO XI- UMA REUNIÃO ESPÍRITA MAÇÔNICA

Chegamos cedo ao Centro. Eu estava ansiosa, mas sem temor. Perguntei pelo senhor com quem mantivera a conversa Maçônica, e me levaram a uma sala à parte. Atrás de uma escrivaninha vi um homem simpático, de meia idade, que imediatamente me inspirou confiança. Eu estava, na ocasião, com meu esposo, e ladeada pelos espíritos de Monteiro Lobato e Tomás Antônio Gonzaga.

Vinha sofrendo pressões no local onde desenvolvera minhas faculdades mediúnicas, pois, desde que Tomás se identificara, o falatório foi imenso. Dava continuidade às tarefas em outras duas casas espíritas e

só podia continuar com a Evangelização Infantil no local onde principiara. A pressão moral, emocional, psicológica era forte, mas não nos dobrava.

A Espiritualidade continuava pródiga em sinais, onde quer que eu fosse. Apresentei-me e foi-me indicada uma cadeira para que me sentasse à frente da mesa. O senhor, então, se dirigiu a mim com franqueza.

—Pelo que a senhora me falou, ao telefone, seu orientador é Tomás Antonio Gonzaga, e eu o estou vendo à sua direita. Poderia, no entanto, me explicar o que está fazendo Monteiro Lobato à sua esquerda? Desculpe perguntar. É que meu caráter, meu amor à verdade foi plasmado em cima das leituras dele e tenho-lhe profunda admiração.

Aquela confirmação era mais um prêmio em meio às lutas e, mesmo modo que me inquiria, respondi-lhe:

—Acontece que eu lhe falei de um livro sobre a "Inconfidência Mineira" que toca na Maçonaria, e este livro foi ditado por Tomás Antônio Gonzaga, mas Monteiro Lobato foi também protagonista do livro,

pois foi anteriormente um inconfidente! E tenho várias obras infantis dele.

Para mim aquilo era tão natural quanto estarmos ali sentados, discutindo o assunto duzentos anos depois. Eu, no entanto, não identifiquei, naquele instante, naquele homem, o mesmo que receberia as correspondências do Dr. Tomás de Moçambique, as encaminharia aos amigos de Minas, e, entre estas, as de Marília, que lhe seriam diretamente entregues pelo bom português, que morava na primeira casa de quem desce da praça da Igreja Francisco de Assis, em frente à Ouvidoria. O bom português era o Sr. Frederico Gianinni e o senhor que estava diante de mim era a reencarnação do amigo Porto, da cidade do Rio de Janeiro. Eu só o identificaria quando da recepção do livro "De Mário a Tiradentes."

Quis lhe entregar os originais, mas marcou outro local e data para tanto, e convidou-nos a assistir sua palestra, em áudio visual sobre o menor carente, as populações faveladas, que passou a seguir.

Chegou o dia tão esperado da entrega dos originais. Eu estava com 500 laudas de papel datilografadas. Uma cópia delas estava nas mãos da Edicel, na primeira composição, outra estava comigo e a terceira eu entregaria ao antigo amigo do Dr. Tomás. Sem querer, contudo, eu tirara apenas duas cópias das notas de rodapé, e, na pressa, não as anexei para a entrega à Maçonaria. Havia uma razão para isto, que, na ocasião, me pareceu apenas descuido.

Tomás guardava algumas informações para quando do lançamento da obra.

N

a casa em reforma, nos aguardavam três senhores. Eu e meu esposo fomos levados a uma sala onde havia uma mesa de reuniões. Tijolos,

areia, cal, restos de construção se viam por toda a parte. Um gravador fora colocado estrategicamente, para gravar tudo quanto disséssemos.

Infelizmente não posso, devido à proibição do Dr. Tomás contar tudo quanto se passou naquele dia. Foi um teste difícil para mim. Tudo o que eu via espiritualmente .era negado por aqueles

homens. Objetos eram colocados em pontos estratégicos e sobre a mesa. Eles fingiam não ver. Mensagens vieram pela psicofonia e pela psicografia, que ficaram com os mesmos.

Ao final, vi que ia desdobrar, mas me impediam, com medo que eu não tornasse.

—Se não me permitirem ir até onde tenho que ir, aqui se plasmará o ambiente onde deveria me deslocar...

Comecei a visualizar uma Mansão Maçônica no Espaço, a que davam o nome de "Mansão de Davi."

No jardim uma Nossa Senhora do Rosário, toda iluminada.

Pelos jardins e alamedas, homens e mulheres de longas túnicas marrom, com capuzes, liam, sentavam-se em bancos triangulares, conversavam.

Passei por um jardim. Havia uma escada rústica de madeira.

Eu tinha que subir por ela.

— É a Escada de Jacó. - comentei.

Subi até um pavimento oblongo, todo branco, com uma escada ao fundo, que levava ao pavimento superior, e, assim sucessivamente, numa escada em zigue-zague, a espiral da evolução...

No fundo do cômodo, uma porta se abriu e, pela porta, eu vi entrar o espírito que, desde o primeiro dia da psicografia, eu vira e que sempre chamei de Venerável, sem saber seu nome.

Ele, no primeiro dia em que o vi, jogara sobre a mesa uma espada. Era tão pesada que senti a mesa estremecer com seu impacto. Naquela ocasião, pensei:

—O que será que fiz para este velho, para ele trazer esta espada? Será que o matei com ela?

Somente muito tempo depois entendi o significado da espada e hoje penso saber a identidade dele. É um egípcio que vem acompanhado de um chinês da dinastia Min, cuja história será contada no livro "UMA MULHER CHAMADA Tii..."

O “Venerável” entrou com uma túnica branca, com capuz branco, um cinto amarrado na cintura. Eu via sobre a mesa, o pão, o vinho, a colher, e, num canto um baú, onde, dentro, outras túnicas brancas estavam guardadas. Eu via através da madeira do baú e descrevia a todos quanto via.

O “velho” trazia ainda à altura do peito um broche, que era um triângulo, que brilhava tanto que eu pensei que era uma estrela.

Nas mãos trazia uma indumentária em tudo igual a sua, com uma espada sobre ela e me entregou tudo aquilo por sobre a mesa.

Eu sabia que aquilo era uma iniciação, sentia a responsabilidade do que se passava. Aturdidos com as minhas descrições, os senhores que, até então, negavam tudo quanto eu via (a presença de Voltaire, Monteiro Lobato, Aleijadinho, Tiradentes e outros), agora me enchiam de perguntas:

—Ela está vendo a Mansão Maçônica da qual viemos antes do reencarne!...O que mais a senhora vê?

Como sempre fui emburrada e teimosa, “fechei-me em copas”.Neguei-me a dar mais quaisquer informações.

—Não vejo mais nada! - respondi.

Ia a reunião terminar, quando falei ao senhor que me convidara:

—Tiradentes está ao seu lado e quer dar uma comunicação. Vi ainda Tomás, mas ele escondia o rosto. O outro membro da reunião perguntou:

—Porque Enéias esconde o rosto?

Eu ia retrucar que o Enéias deles era o Dr.Tomás, mas ele me pediu silêncio. O senhor que me convidara deveria saber, pois o identificara outro dia, quando nos havíamos visto pela primeira vez.

—Mas este espírito não é o Tiradentes!- falou o antigo Sr. Porto aturdido. - É o Victor!⁸

—Não sei o nome que lhes dá, ou ao grupo, mas é o Tiradentes! - retuquei incisiva e um tanto zangada pelo fato dos espíritos não se identificarem para o grupo...

O Sr. P.ficou mediunizado. Ouvi Tiradentes falando com eles, sobre suas tarefas, comigo, confirmando minha participação nos fatos narrados no Confidências, e ordenando que o pessoal buscasse Chico Xavier, para uma mensagem que apoiasse a obra que iria a lume.

Quando a reunião terminou, eles guardaram as anotações, a gravação e prometeram que tudo fariam para entrar em contato com Chico e me informariam como ir lá. Respondi:

—Só vim trazer a copia do original. Não me importa a opinião da Maçonaria. Quanto à ida ao Chico, se os espíritos querem que eu lá vá, que providenciem, pois já mandei rodar o livro, mesmo contra a ordem deles..

CAPÍTULO XII- COMENDO A CAPA DO CONFIDÊNCIAS

Como eu já dissera, a Edicel aceitou a publicação do livro em julho, e, anteriormente, havíamos tido um contato com amigos encarnados e desencarnados maçons, e, nesta reunião, eu vi que Tomás se escondia ou, pelo menos, não dava seu nome, identificando-se, para eles, como Enéias.

Eu vinha pensando em fazer a capa com seu rosto. Havia feito algumas telas com as cenas vistas. Corria o dia dezenove de julho de 1980, o livro ainda não estava pronto, quando resolvi discutir com ele a respeito, e, porque viesse me dando muitas liras, poemas e mensagens, eu, que sempre gostara de escrever, que recebera uma linda poesia sua, no ar, no programa do Gilberto Aiello e que foi inserida no "Desconte um Conto", resolvi dar-lhe um poema sobre o assunto da capa.

E lhe escrevi:

É este mesmo? É este o rosto,
pois quero ver-te exposto aos milhares,
nas capas dos livros exemplares,
que me deste, eu tremente de agonia.
Agora quero ver-te o amado rosto,
reproduzido, repetido, gravado,
para que todos vejam o teu bom retrato,
e os estragos que em mim tens posto!
Ao menos, assim, dou por meus males pago,
porque hão de te ver bem arrumado,
com estes cabelos de ouro e olhar de céu,
à venda pelas bancas, como um noivo!

Eu não esperava pela resposta que me veio, e conto mais um fato incrível que aconteceu, com relação a este poema e sua resposta.

Eles ficaram perdidos, em meio às minhas coisas (são caixas e caixas de material) durante estes treze anos quase, só aparecendo hoje, dia 13 de janeiro de 1993, quando enviei o livro "Inconfidência" para fotocomposição, gerando mais este capítulo.

A resposta de Tomás é uma graça, pelo sentido dúbio que encerra, e bem demonstra o espírito grácil, gentil, inteligente que ele é.

Vamos a ela:

"Bem mal me vês, e já me entregas

às considerações mais desairosas!

— Tem torto o nariz! - dirão as moças.

—Que olhar de peixe morto! - hão os homens.

—Mas que jeitão de moça tem o gajo!

— Que peralvilho, mas que feio traje!

— Que cabelos de mulher, que boca e queixo.!

Mas, nem por isto, do retrato queixo.

Não hás de ouvir de mim um só gracejo,

nem uma só palavra má, nem um trejeito, que mostre dos
teus dons qualquer mágoa, ou que qualquer tristeza eu te traga!

Mas, hás de concordar, se eu te pinto, suspiros soltarão
todos que a virem, ou que ouvirem o que eu te sinto!

Agora me dirás: Crês que eu minto?"

Não era possível ficar indiferente à sua verve, à sua graça, mas precisávamos resolver como fazer a capa, por isto, escrevi:

—Tomás, agora não estou brincando. Quero uma resposta séria, sobre o livro, e sobre a capa. Por favor, faça-o, por Jesus.

Sua resposta não se fez esperar. Fez-me lembrar de um desdobramento, quando, no Plano Maior estivera numa Loja Maçônica, onde só havia homens. Tomás, na tribuna, lia um grosso volume, que era o livro Confidências de um Inconfidente, o qual, contudo, tinha o dobro de páginas daquele que publicamos.

Ao final, a assembléia, em pé, aplaudiu a leitura, ratificando-a. Eu havia esquecido o fato. Quando me recordei, não entendi porque no Plano Espiritual o livro era tão mais grosso, e achei que isto se devesse à minha deficiência mediúnica de captação.

Somente anos depois, entenderia que muitos capítulos do livro viriam ao final dos livros subsequentes, completando o que acontecera em Minas e se daria, no futuro, com relação ao programa inconfidente.

Mas vamos à resposta que me deu, na íntegra, sobre a capa:

“Marilusa, Jesus nos abençoe, onde estivermos.

Sabes que às vezes o gracejo é um meio nosso, para forçar uma descontração, um desligamento das preocupações.

Temos te intuído, te empurrado praticamente, para a realização das várias etapas de tarefas.

Quem te vê, não imagina o quanto és indecisa, tímida mesmo.

Apesar do teu jeito alegre, só nós sabemos como a vontade de acertar e a responsabilidade te impedem às vezes de ir mais depressa.

Tu mesmo viste. O livro foi lido e aprovado por nossa Assembléia, e foi aceito com aplausos. Não digo isto para que penses que és uma ótima médium. Si quer o és boa, mas temos conseguido fazer uma obra de cunho educativo e cristão.

Não te direi que ela não me comove. Ela nos comove muito.

Queremos que seja lida, apreciada, não para que se lembrem de nós como heróis, mas que sigam nossos exemplos de amor a esta terra abençoada, e a união fraternal dos homens do mundo todo.

Damos testemunho de vida eterna e de compromisso com o bem, e também tocamos na mensagem a muitas queridas almas que 'já são, desde aquela época e antes até, afetos queridos do nosso espírito.

Não temas, pois, e nem esperes retumbante sucesso.

Nossa mensagem não se destina ao barulho do mundo, mas ao coração de cada um, no silêncio de seu Templo Interior.

Quanto à capa, permito que me apresentes, por este modo, aos teus irmãos de luta presente, e nem penses que, em algum tempo, pretendi ser retratado ou aparecer.

Compreendo que fazes um gracejo e, ao mesmo tempo, um meio de demonstrar teu carinho por nós. Sei que ficarias ainda mais feliz se pudesses retratar a todos, mas, por enquanto, é impossível.

Seja como for, nós estamos a postos, como dizem presentemente aí, "para o que der e vier."

Ore e confie em Jesus, que jamais nos deserdou de sua herança de luz."

Tivemos uma conversa aberta e franca. Ele não queria ser o único a sair na capa, queria que dessem destaque a Aleijadinho, Tiradentes, Felipe dos Santos, Marília.

Quando tivemos que fazer a capa, chamei em casa o Sr. R, que era o produtor gráfico da Edicel. Tomás o envolveu de tal forma, que mal pude conter o riso.

—Não gostei deste quadro! - falou se referindo ao que retratava o autor do Confidências. - Parece mulher, tem lábios grossos, que nariz!...

Era como se eu ouvisse o poema... Viu os outros e "encantou-se."

Escolheu o que mostrava Marília e Tomás na ponte de Dirceu, Tiradentes na prisão, Aleijadinho, e, a muito custo, concordou que colocasse o retrato de Tomás.

No entanto, enquanto não levava as telas, eu, por não ter material para a pintura mediúnica, resolvera passar uma camada de tinta sobre o quadro que representava o Aleijadinho, para ser reutilizada.

Minhas filhas, vendo meu intento, esconderam a tela, em questão.

Mas não houve meio. Revirei tudo até encontrá-la e, praticamente, inconscientemente, a destruí. Só me sobrou dela um retrato que guardo.

Veio o Sr. R. a buscar as telas e reclamou a ausência da que representava o Aleijadinho. Intempestivamente disse:

—Não se preocupe. Amanhã lhe envio outra, nem que seja em bico de pena.

Ao meu lado um espírito me interpelou:

—

Destruíu aquela. Não vamos ajudá-la a fazer outra!

Esquecendo, por instantes, que R. não via nem ouvira a entidade, voltei-me para a mesma e respondi:

—Disse que faço outro desenho até amanhã e faço mesmo!

Afinal, também desenho!

O Sr. R. me olhou admirado. Percebendo que ele me estranhava, desculpei-me.

Ele se foi. Tentei em vão compor outro retrato do amigo escultor. Não saía. Eram já umas três da madrugada, quando me dei por vencida. Orei, pedi, implorei que me auxilhassem. Intervieram.

Fizeram um desenho a bico de pena, que entreguei para completar a capa. Era, contudo, inferior em beleza e qualidade àquele que eu “desmanchara”.

O fundo escolhido foi o dourado, do ouro das Minas, que bem lembrava a aura doirada de luz dos meus amigos inconfidentes.

Saiu o livro, finalmente. Outros vieram.

Certa vez fui convidada a participar, em Brasília, a convite da Sodec, do I Encontro da mulher. Foi algo para mim memorável, e a simpatia, amor e amizade de todos me encantaram e enriqueceram as experiências.

Fiquei hospedada na casa da família Nasser, visitei sua filha mais velha que dera à luz mais uma linda menina, prognostiquei a Josiane a futura vinda de um menino de nome Marcelo, sem saber que este era o nome de seu esposo, eles me levaram a ver o Catetinho, estivemos no Centro Ataulpa, nome do último imperador inca.

Foram tantas pessoas, acontecimentos marcantes

Num daqueles dias, contudo, numa saleta, de porta envidraçada, eu olhava o jardim, lá fora, e a cidade com o poente rubro pelo sol que se punha. Lembrei-me que havia "sonhado" com aquilo.

Tivera um sonho premonitório com aquele local, podia descrever, saber o que havia para além da porta.

Nisto, vi nitidamente Tomás, do lado de fora, chamando-me brandamente, com um gesto de mão. Instintivamente, levantei-me do sofá, onde estava, caminhei para a porta fechada e dei a maior cabeçada que, acredito, alguém já deu numa porta de vidro. Eu estava tão ansiosa para atender o chamado dele, que nem me dei conta da porta fechada.

Com a pancada forte, vieram todos solícitos me atender. E eu, muito sem graça, sai-me com esta:

—Nunca vi uma porta de vidro tão limpa!

Foi uma risada geral. Abriram a porta e passeei pelas alamedas, pela piscina, ao lado de Tomás, enquanto ele me dizia:

—Você está vendo nosso sonho materializado: Brasília, pela saga de um bando de homens valentes. Tudo se dá de vagar, no modo de ver do plano físico. Estamos felizes por poder trazê-la aqui.

No evento seguinte, Renoir desenharia um lindo cartaz, com as colunas do palácio da alvorada em forma de rosto feminino para a publicidade. A última vez que estive em Brasília foi no Seminário de Transcomunicação, assistindo uma das mais belas palestras sobre o assunto que jamais ouvi, e levantando fundos para o Congresso que se daria em São Paulo, no Anhembi. Destes eventos lançaremos o livro com mensagens e pesquisas estatísticas: TAI, TCI!

CAPÍTULO XIII- COM CHICO XAVIER PELA SEGUNDA VEZ

Em julho de 1980 a Edicel havia dado sua confirmação do lançamento da obra. As revisões se sucediam. Eu comentara com o produtor gráfico, Sr. R. sobre a necessidade da mensagem do Chico e tendo que diagramar as páginas ele me cobrou a mesma.

—

Vai sem a mensagem mesmo! - repliquei - Se os espíritos a querem, que providenciem. Não tenho recursos, nem tempo para ficar indo ao Chico, sem certeza de o encontrar, meus filhos são pequenos, não os posso deixar a todo momento...

Com isto, tocou-se a edição. Os senhores daquela reunião memorável, onde eu tive espiritualmente a iniciação em grau filosófico 33, não me falaram mais: talvez temerosos, ou sabe-se lá por quais razões. O livro só viria a lume em 1981, mês de abril.

Sincronicamente, todos os livros relacionados com a Inconfidência Mineira depois, por mais que eu corresse durante o ano tentando sua publicação, acabavam sendo lançados no mês de abril. Seria lançado, pois, um ano exato após o término de sua recepção.

Eu entregara a Edicel as notas de rodapé, mas elas não haviam seguido para a Maçonaria Mineira.

Havíamos marcado uma palestra em Matão, onde pretendíamos lançar o livro, no grupo fundado por Cairbar Schutell. O Sr. R.

ficara de me entregar, na véspera, 50 exemplares para divulgação em Matão.

Eu aguardava, quando, orando, vi ao meu lado o espírito do Augusto Cesar, que sempre aparecia nas reuniões do Lar, filho de dona Yolanda. Disse-lhe no meu modo direto:

—Augusto, você sempre está com Chico. Não custava nada você colocar numa mensagem que eu preciso ir lá, assim eu pegarei a mensagem para o Confidências, ou, quem sabe, algum espírito daria a mesma para sua mãe trazer.

Augusto Cesar me olhou desconsolado e respondeu:

—Marilusa, você é teimosa, minha mãe também. Dois bicudos não se beijam, mas vou ver o que eu posso fazer.

Desapareceu dos meus olhos. Continuei minhas preces e esqueci totalmente o episódio.

Uns dias depois, ligou-me uma amiga, a Sra. Ermides.

—Marilusa, estou cega de uma vista e enxergo pouco da outra. Os médicos dizem que tenho que operar, mas tenho medo.

Não quero ficar cega, dependendo dos outros. Não sei o que fazer. Preciso trabalhar, você sabe.

Enquanto ela falava vi o Aleijadinho que me mandou dizer-lhe:

—Pode operar sem susto, que tudo vai dar certo...

À minha resposta, contudo, ela redarguiu:

—Só opero se Chico Xavier me disser que é preciso. Diante disto, comentei:

—Olha, Ermides, tenho o telefone da maioria das mulheres que sempre vai ao Chico e dou para você. Não fale em meu nome, pois algumas nem me conhecem, e as que me conhecem não fariam tal obséquio a você por minha causa, que não sou importante para ninguém. Ore, peça a Deus inspiração, e vá telefonando, que Deus te ajude a chegar lá. Qualquer outra coisa que eu possa fazer, é só avisar.

Passaram-se os dias. Eu não pensava nem no Augusto, nem na Ermides, quando o telefone de casa tocou. Atendi. Era ela.

—Marilusa, das pessoas todas, falei com dona Iolanda, que me disse o seguinte: "O Chico começa a atender dia 16 de janeiro deste ano. Ninguém sabe. Pensam que ele só inicia as tarefas em fevereiro ou março. O Centro estará vazio. É uma chance." Estou

sem ter quem me leve. Não enxergo quase. Você iria comigo?

Num relance, lembrei-me das vezes em que Tomás me mostrava a mensagem que viria pela Espiritualidade, e eu respondia:

—Quer a mensagem? Mande por alguém ou materialize!

Médiuns videntes, meus amigos, me chamavam a atenção, quando viam isto:

—Não seja assim, Marilusa!

—Milagre eu não sei fazer! Não vou ao Chico!

—Irás! - Tomás respondia sempre.

Sentei-me no banquinho do piano admirada com o rumo dos fatos. O livro no prelo, na gráfica, e Ermides a me convidar a levá-la ao Chico, e tudo por orientação de D. Iolanda, através, sem dúvida do Augusto, já que ela, raras vezes atendia ao telefone.

Seus recados eram marcados em rolos de papel, metros e metros.

Meu esposo vinha descendo a escada do sobrado onde moramos, e que fora comprado em 1975, por orientação do espírito de minha avó.

—O que está acontecendo? - perguntou vendo meu espanto.

—Se você disser "não" vou brigar com você. - respondi lembrando o convite do Chico:

—Volte outras vezes, D. Marilusa...

—Quem dera, Chico!

E Tomás, teimando:

—Irás!

Passei o telefone a ele. Prometeu dar cobertura financeira à nossa viagem. Marcamos para o dia aprazado e fomos de ônibus.

João se negou a dirigir até Uberaba. Viajamos a noite, em ônibus leito, e, chegando pela manhã, rumamos para o Hotel.

Lembrando a bondade do Sr. E., gerente do Itaú, na viagem de 1977, fui visitá-lo e à sra. E.

À uma da tarde rumamos para a casa do Chico. O portão alto, as primaveras ou bouganvilles carregados de flores.

Eurípedes abriu o portão. Algumas pessoas lá se achavam.

—Viemos de S. Paulo, por indicação de D. Iolanda - disse Ermides.

—Ninguém manda aqui - respondeu o rapaz.

Adiantei-me com amor, estendi-lhe as mãos:

—Eurípedes, como vai?

Ele me olhou com bondade e convidou:

—Entrem...

Fomos à varanda da casa humilde. Na sala, uma mesa coberta de livros, cebolas, mantimentos, papéis. Chico logo vinha a nós.

Tomava um chá, oferecia pressuroso.

Adiantou-se uma senhora e contou do suicídio de uma jovem, num hotel onde se hospedara há dias. Chico paciente falou:

—O que me espanta mesmo é o suicídio agora com crianças de sete anos ou menos. É uma tristeza tanta solidão e desespero.

Um jovem lhe dava uma fita de música para a reunião mediúnica, outro falava da mediunidade do filho. Um terceiro lhe entregava uma caixa de bombons, que ele punha no banco, agradecendo, como que envergonhado.

Depois que todos falaram, eu me dirigi a ele. Seu tempo era precioso, nós, quase sem dinheiro, havíamos dispensado o táxi que nos levara até ali e eu não desejava molestá-lo. Fui direto ao ponto:

—Chico, esta senhora - e apontei a Ermides - perdeu uma vista. Enxerga pouco da outra. Os médicos querem operá-la, mas ela quer ouvir sua opinião ou a dos espíritos por você. Teme ficar cega.

Ele nos observou em silêncio, uns instantes, e depois comentou baixinho:

—Chi, minha filha! Eu também não enxergo nada de um olho estou cada vez pior do outro... Vamos ver o que pode vir.

A resposta me fez rir, pela situação inusitada. Entreguei-lhe, então, o livro "Orlas do Evangelho" de meu pai, que este, quando havíamos estado com ele em 1977, lhe prometera.

—Chico, aqui está o livro que papai lhe prometeu.

Junto com o mesmo eu trouxera a capa do livro “Confidências de um inconfidente.” Dissera, ao Sr. R.:

—

Vou ao Chico buscar a mensagem!

E ele:

—

Mas já estamos rodando. Tudo está diagramado. Onde a colocaremos?

—

Atrás da página de agradecimento. Suspenda a edição do primeiro caderno. Eu volto logo.

Completei, pois:

—Chico esta é a capa de um livro nosso, mediúnico, que a Edicel está lançando. Viemos buscar uma mensagem para ele.

O medianeiro tomou o livro de papai, a capa do outro e pediu a uma senhora que estava ao seu lado:

—

Efigênia, coloque isto sob meu travesseiro. Quando eu voltar da reunião, quero encontrar isto lá...

Dei-me conta, então, de, com a vista doente, era aquele o modo pelo qual ele tomava conta do conteúdo do que lhe entregava.

O ciúme das pessoas à volta nos atingiu como uma chibata de vibrações antagônicas. Procurei quebrá-la brincando:

—Que é isto, Chico? Quer ter pesadelos? Fui eu quem desenhei esta capa.

Ao que ele retrucou:

—Que é isto, minha filha? Um livro tão bonito sobre a Inconfidência Mineira!

Ele si quer se detivera a ler o título da capa, mas sabia!

Meu espanto, contudo, ainda aumentaria mais quando ele me segredou baixinho:

—Se as senhoras chegarem comigo no Centro, conseguirão as mensagens, caso contrário, haverá uma interferência e será quase impossível.

Ermides, sem ouvir, perguntou:

—O que ele disse?

—Nada. Nada. - respondi desanimada.

Com a falta de dinheiro, eu dispensara o táxi, e não o poderia acompanhar de carro. Dois guardas já estavam a postos, para levá-lo com o filho. Havíamos perdido toda a chance de apanhar as mensagens. Como dizer à minha amiga?

Nisto, uma jovem loira entrou esbaforida, dirigindo-se ao Chico.

Via-se que era conhecida da família, que tinha acesso à casa:

—Chico, Chico, um conhecido compositor de músicas chegou de São Paulo. Está entre a vida e a morte no Hospital e deseja ver você. É seu último desejo. A família está desconsolada. O que eu faço?

—Ele deveria querer Jesus e não um velho anginoso como eu, minha filha. - redarguiu com paciência e bondade o médium, que, certamente, iria até lá em espírito socorrer quem o chamava tão insistentemente. - Mas, Suzanne, minha filha, estas duas senhoras estão

sem carro. Precisam ir ao Centro. Peço que você as leve logo atrás de mim.

A surpresa não podia ser maior! Chico adivinhara nossa abertura. A Espiritualidade providenciava ajuda. Era demais, para minha cabeça.

E a moça, sem nos conhecer, prestativamente, levou-nos seguindo o carro do Chico. Na entrada, tivemos dificuldade para adentrar o recinto. Um guarda quase nos barrou. Ermides andava com dificuldade. Não enxergava. O terreno era íngreme, de terra.

—Viemos com Chico - eu disse. - e passamos.

CAPÍTULO XIV - NO GRUPO DA PRECE

Eram mais ou menos catorze horas. Os portões do Centro estavam fechados e, somente pessoas com fichas aguardavam falar com o médium. Com uma prancheta na mão, cuidadosamente e de vagar, ele conversava com uma por uma, das pessoas.

Uma senhora, dentre as muitas que atendiam a mesa, tomou nosso nome, meu e de Ermides, numa folha de papel. Weaker Batista e a esposa estavam presentes.

Fiquei observando o carinho e dedicação dele, sabendo que uma multidão ficara fora, à espera da abertura dos portões, o que se daria às dezoito horas. Falei para Ermides:

—Fizemos mal de não comprar água para fluidificar.

Dezenas de garrafas, muitas em caixas, estavam empilhadas na varanda do Centro. Percebia-se que estavam recebendo medicamentos, pois algumas criavam bolhas, como se estivessem fervendo.

—Vou ver se consigo sair e voltar. Compro em algum bar duas garrafas, uma pra você levar e outra para mim.

Conversei com um guarda que tomava conta dos portões. Ele não gostou, pois temia que alguém entrasse, enquanto eu tentasse sair. Mas tal não se deu.

Saí, comprei as garrafas, e tornei pelo mesmo lugar que saíra.
Chico continuava atendendo as pessoas.

Vendo o que eu fizera, uma senhora pensou também em ir comprar água. O guarda abriu cuidadosamente o portão, e, neste mesmo momento, um garoto que deveria ter uns cinco anos, quanto muito, passou correndo, quase sob suas pernas e dirigiu-se ao Chico, numa corrida vertiginosa.

Fora um instante. A senhora saíra, o portão foi trancado, e o guarda veio célere a buscar o garotinho, que estava, já, como que grudado às pernas do Chico.

O médium abraçava a criança, tocava-lhe os cabelos e disse ao guarda:

—Não faça nada a ele. Vá lá fora, pergunte quem é a mãe do menino e a traga aqui, para eu falar com ela. Leve-o com cuidado.

Minha admiração crescia a cada momento. A Espiritualidade usara uma criança para fazer mais uma pessoa entrar no Centro, como usara um moribundo e uma jovem para me colocar também ali. Quando lembro estes fatos, fortalece-me a confiança em Deus e esqueço dos sofrimentos que passei, mesmo sob imposição do Poder Maior que nos direciona.

Logo chegava ao Chico uma senhora muito humilde, que, pela sua indumentária, demonstrava a extrema pobreza em que vivia.

Chico conversou longamente com ela. Podia-se ver o alto grau evolutivo dela e de seu menino, pela aura luminosa que se irradiava de ambos.

O tempo correu tão rápido que mal sentimos.

Um pouco antes das seis, já tendo conversado com mais de sessenta pessoas, Chico entrou para uma saleta, onde vi, pela porta entreaberta, uma mesa, com cadeiras. Ele ficaria psicografando lá.

Da porta, uma caneleta com um suporte, receberia as mensagens que iriam "pingando" pela abertura, e os nomes das pessoas às quais eram dirigidas seriam lidos, lá fora, sob a luz de um poste, por um colaborador do Centro.

Havia uma mesa ao centro do pequeno salão. Na parede do fundo se lia: ESTA CASA PERTENCE AO SENHOR FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER. AQUI SE REALIZA O CULTO CRISTÃO DO LAR AOS SÁBADOS.

Percebi que, para não ter donos, Chico edificara aquele lugar simples, com as telhas à mostra, o chão cimentado, os bancos

rústicos de madeira, sem encosto, ladeando os três lados da mesa de reuniões, onde oradores se revezavam na leitura e comentários do Evangelho.

Quando os portões se abriram às dezoito horas, uma multidão avançou para dentro em total desespero, mas Chico já estava atrás da porta, a psicografar. Senti-me privilegiada, sem méritos, tendo ficado

tanto tempo com ele, depois de haver conversado por mais de duas horas em sua casa, em dia e hora marcados por ele em 1977, junto com meu pai.

Lembrei-me das cartas que papai recebera do Chico, sem jamais ter-lhe escrito, lá em Penápolis, e senti a doçura de uma proteção espiritual que sempre me acompanhou e que, certamente, imereço.

Os oradores falavam. Vez por outra uma pessoa sentia-se mal, era socorrida na sala de passes, outras ficavam literalmente “tomadas” e eram também atendidas. Cachorros vadios vinham ao local, bêbados, pedintes, desequilibrados comuns. Lá fora, ônibus lotados, pessoas em desespero, barraquinhas vendendo pipoca, cachorro quente.

Era uma visão moderna de um novo "Sermão da Montanha", com suas bem-aventuranças. Todas as vezes que vejo Centros Espíritas com mil e uma exigências, com normas absurdas, com “donos do movimento”, relembro a simplicidade e solicitude do Grupo da Prece e, por dentro, sorrio da falácia humana, prometendo a mim mesma manter, a todo o custo, a simplicidade em minhas atitudes e em tudo quanto eu procurar fazer no movimento espírita.

Por isto, muitas vezes tenho sofrido incompreensão, enxovalho, críticas. Bendito Francisco Cândido Xavier, bendito o Cristo que “revejo” em meio à multidão de necessitados, tão necessitados quanto eu mesma. Quantas lições!

As horas transcorriam. Mensagens vinham pela caneleta.

Chico deu uma parada para tomar um chá.

Ermides cansada cochilava no banco, as pernas inchadas. Eu

mesma estava exausta. Cada vez que vinha uma leva de mensagens eu ia “lá fora”, para ouvir a lista dos nomes. Voltava e lhe dizia:

—Não veio nada ainda!

—Será que virá? - ela perguntava em desânimo.

Foi, então, que resolvi:

—Se não posso ir lá dentro ver o Chico psicografar, no corpo físico, vou em espírito.

Recostei-me no canto da parede e, como faço sempre, desdobrei em instantes, tentando passar pela porta. Mas eu não imaginava a quantidade enorme de entidades que se acotovelavam no recinto e, principalmente, diante da porta, atrás da qual, Chico trabalhava.

Fiquei horas tentando passar. Algumas vezes, quando quase ia conseguir, Ermides, sem pensar no que eu fazia, me cutucava:

—Você está dormindo? Não veio mais nada? Que horas são?

Aquilo me irritava um pouco, mas não podia lhe explicar.

Voltava, pois, ao corpo, respondia automaticamente, e saía de novo.

Quando dou estas “saídas programadas\\\\”, como eu chamo, ocorre às vezes, de eu dar respostas a quem me interrompe, mas elas saem tão disparatadas e sem propósito, que as minhas filhas, muitas vezes, me contam o que eu digo, e como é praticamente inútil, tentar me trazer de volta.

Dão não poucas risadas com isto, porém, quando programo um horário para dar uma “saída” e voltar (dez, vinte minutos, ou uma hora) geralmente volto dentro do programado, sem ninguém me chamar. É algo que aprendi a fazer tão espontaneamente, que é como se eu já o soubesse fazer antes do reencarne. Acredito, sinceramente, que as pessoas deviam treinar fazê-lo com seus amigos espirituais, aproveitando os instantes de repouso físico, para realizarem algo útil.

Eu, no entanto, naquele momento, só queria mesmo ir até a sala onde Chico psicografava e ver se lá conseguia interferir, de algum modo, para que recebêssemos a mensagem. Era uma atitude ditada não apenas pelo egoísmo e ansiedade, mas também pela responsabilidade e confiança nos amigos espirituais. Eles haviam dito que a mensagem viria e eu estava ali para buscá-la. Se eu pudesse fazer algo, para tanto, deveria fazer tudo. Já me sentia bastante culpada de não ter tido si quer dinheiro para o táxi, pois meu esposo sempre ganhou muito bem, mas nem sempre foi generoso, principalmente quando o assunto era o Espiritismo. No entanto, dele me veio toda a ajuda para a publicação da obra do Dr.

Tomás, dele me viera a viagem a Minas, dele me viera o apoio maior, até então. Só não conseguia entender como, tendo convivido comigo tanto tempo, e assistido a tanta coisa no campo mediúnico, ele se negasse a aceitar as coisas, como até hoje se nega a crer no que vê. Espero um dia entender.

Numa das vezes que consegui desdobrar e vi-me bem diante da porta, atravessei-a espiritualmente com facilidade. Finalmente!

Eu estava “dentro” da sala e vi Chico escrevendo. Do seu lado direito, um senhor alto, cuja luz era tanta que eu mal podia visualizar seu rosto, mas que, pela silhueta, identifiquei prontamente como Emmanuel, e do lado esquerdo, mais baixo, com suas barbas brancas, o doce amigo Bezerra de Menezes.

Atrás da porta que eu passara estava Dr. Tomás. Do lado direito do Chico a esposa de Weaker recolhia as laudas escritas e as organizava, para a entrega.

Weaker, à esquerda, dava suporte vibratório. Muitos espíritos ladeavam a mesa.

Vendo Tomás, esqueci-me dos modos, e falei-lhe:

—Tomás, virá a mensagem?

Só, então, quando se lhe dirige, é que me viu, tomado de espanto com minha invasão. Tomou-me nos braços e admoestou-me:

—Marilusa, calma!

Foi o bastante. Em um segundo me vi “jogada” de volta ao banco duro onde sentara.

Fiquei furiosa! Tantas horas no tentame de lá entrar, e, quando finalmente eu conseguira, depois de tantas lutas, num segundo, com um “Marilusa, calma” ele me mandava de volta. Eu nem si quer tivera oportunidade de falar com ninguém mais!

Ermides me falava, mas eu não a ouvia. Como poderia contar-lhe o que me acabara de acontecer? Às vezes as coisas são tão maravilhosas e tão inusitadas em minha vida, que eu mesma chego a duvidar. O que mais me dói sempre é não poder encontrar uma pessoa amiga que me escute, que me entenda, que saiba, como eu, que tudo é verdade, que tudo acontece e é natural. Esta solidão espiritual, com os encarnados, me têm acompanhado desde a infância! Mas não me queixo. Não trocaria meu lugar com ninguém pelo grande amor que sinto, pelas experiências que vivencio, pelo que aprendo, mesmo diante da incompreensão, até mesmo de alguns companheiros de ideal. Se eles não vivenciam as mesmas coisas, como podem entender, não é mesmo?

Estava, pois, frustrada, novamente sentada no duro banco, mal ouvindo a preleção evangélica, percebendo quão difícil seria entrar novamente onde Chico estava fisicamente, quando mensagens começaram a cair pela caneleta.

—Vá ouvir os nomes! - ordenou Ermides.

Levantei-me, ainda um pouco tonta, e sai mecanicamente.

Em meio aos nomes lidos vinham o meu e o dela. As mensagens, ambas, haviam sido gentilmente grafadas pelo espírito amoroso do Dr. Bezerra de Menezes, o pai de todos os deserdados que conheço. Era simples, direta, incisiva.

Passavam das 10 horas da noite. Ermides estava exausta.

Viajaríamos no outro dia às seis da madrugada. Ela queria um banho, um descanso.

Saímos, tomamos um táxi e demandamos a casa da Sra. E., que eu esperara ver na reunião do Chico, mas que não fora. Deste modo, segui até sua residência e levei-lhe um quadro nosso que participara de um Salão de Arte Contemporânea, ganhando uma menção honrosa. Era meu modo de agradecer-lhe pela acolhida em 1977, quando seu filho nos levava em seu carro à casa do Chico.

Chegamos ao hotel depois da meia noite. Tínhamos o dinheiro para o táxi até a rodoviária no dia seguinte, alguns trocados para um lanche, o táxi até em casa, e as passagens, mas estávamos felizes.

Ermides deitou-se exausta.

—Nem tenho forças para fazer uma prece. - falou. - Obrigado, meu Deus!

—Não durmo sem orar. - disse-lhe.

Comecei a orar e não a deixei dormir.

—Tem um homem aqui, numa cadeira de rodas. Pelo jeito das pernas da calça, ele perdeu as mesmas antes de morrer. Não o conheço. É conhecido seu. Quer lhe falar.

Ela acordou.

—É meu marido!

Comentou sobre sua diabetes, sobre sua morte, sobre como ela abrisa mão da herança dele, coisas particulares que não posso referir.

Pedi-me que massageasse seus pés. Doíam muito.

Fiz isto com carinho.

—Você tem as mãos muito delicadas. Parece uma criança. - ela me disse.

Realmente há em mim uma criança que se nega a crescer, a participar do mundo adulto, cinzento e feio. É por isto, que a capa deste livro mostra esta criança, em cujos ombros tanta coisa foi colocada, a esperança de tantos amigos, o ideal de todo um grupo, e mais de cinco mil anos de procura, de renúncia, amor e perda.

Ermides dormiu. Eu estava livre para conversar, como sempre faço, com “meus amigos do Outro Lado”.

Principiei a orar, lembrando da conversa com o Augusto, do pedido da Ermides, do dinheiro curto, dos lances do dia anterior, do livro no prelo, dos ataques que, segundo me haviam referido, teríamos, da obra infantil, da família.

Aos poucos, Tomás se mostrou sorridente, diante de mim.

Recordando das muitas vezes que discutira com ele, de como teimara em que não iria ao Chico, de como até mesmo duvidara que isto se daria, da falta de notícias dos conhecidos maçons, daquela reunião memorável que jamais esquecerei, do silêncio da Maçonaria sobre o assunto, das dúvidas de meu marido, mesmo diante do fatos que vinham se sucedendo, desde nosso casamento, a compra de nossa casa, a ida a Ouro Preto, o encontro com o Sr. M. tudo, enfim, tomei o papel com a mensagem do Dr. Bezerra, comparando com a outra de Meimei que tinha mais de sete laudas de papel, comentei com um jeito maroto:

—Pequeninha a mensagem, não é, Tomás?

O sorriso desapareceu do rosto amoroso. Seus olhos azuis, por um momento, no negror do quarto, ficaram mais vivos e ele falou com seu delicioso sotaque português:

—Pequeninha a mensagem? É tudo o que a senhora tem para me dizer?

Percebi que estava zangado. Quando me trata de “senhora”, isto é sinal certo de zanga. Eu também o trato cerimoniosamente de “doutor”, quando estou emburrada com ele. Aquilo me divertia. Ele continuou:

—A senhora, contra toda a nossa orientação, não fez nada para vir ao Chico! A senhora, contra toda nossa diretriz, mandou rodar o livro sem a mensagem! A senhora si quer providenciou dinheiro suficiente para a viagem! A senhora foi à casa do Chico e dispensou o táxi. Nós providenciamos um carro! Mesmo no Centro,

a senhora duvidou e invadiu a sala, cheia de ansiedade. Nós providenciamos a viagem, o carro, a mensagem, e, ao final do dia, tudo o que a senhora tem a me dizer é: —“Pequeninha a mensagem, Tomás?” - fez ele arremedando meu modo de falar.

Ri-me muito de sua zanga, mas interiormente. Num modo infantil, como criança pega em falta, pedi-lhe desculpas, tomando-lhe as mãos, sorrindo como quem quer cativar:

—Tem toda razão, me desculpe. Tem toda razão!

E, desprendendo-me, fui tombando lentamente para a cama, indo com os amigos espirituais, não apenas festejar mais este presente, mas me preparar, para os eventos futuros que nos aguardavam.

CAPÍTULO XV- UMA REUNIÃO DIRIGIDA POR MÁRIO DE ANDRADE

Em São Paulo, a mensagem chegara a tempo para ser colocada no livro "Confidências."

O Sr. R. comentara:

—Não dá nenhum subsídio...

Ao que eu respondera.

— Fala dos “Amigos Espirituais, que estão a postos através de minhas faculdades, para o andamento e continuidade das tarefas.” Acha pouco? Que fale ser mediúnico, que fale da elevação deles e que ainda dê respaldo ao que está por vir? E pelas mãos de Chico e o espírito de Bezerra de Menezes?

Anos depois, um outro produtor gráfico da Edicel, o Sr. E. M. comentaria:

—Fui ao Chico buscar mensagem para um jornal que estava lançando, para divulgação do Espiritismo, com o maior ideal, e não veio nada. Você têm conseguido muito.

E ele tinha razão. Todas as vezes que fui ao Chico me veio o apoio que precisei e todas as vezes sumiu uma jóia minha. Eu explico porque:

Quando em Ouro Preto, pela primeira vez que lá fui, comentei nas conversas com o Sr. M. e sua esposa:

—

Daria minhas jóias para publicar o livro do Dr. Tomás!

Realmente, muitas vezes depois, as empenhei na Caixa Econômica de S. Paulo, para conseguir dinheiro. Mas as quatro vezes que lá fui e recebi mensagens me sumiram quatro jóias, uma de cada vez. Na primeira, foi um broche, um laço de ouro, com um

pião de ouro e rubis. Da segunda, que era aquela, foi um anel de platina com uma letra M, cravejada de brilhantezinhos, na terceira, (que eu ainda iria, a seu chamado), foi uma pulseira de filigrana portuguesa, e, na quarta, um cordão de ouro, com uma linda água marinha e uma coroa de ouro com brilhantes (três) que fora desenhada por meu marido e me fora dada no dia do meu aniversário e casamento. Até hoje ele não sabe que eu não mais tenho. Saberá, se um dia ler este livro, pois sempre finge não ligar para o que faço, mas lê meus livros às escondidas. Resta saber se me cobrará o fato. Para fazê-lo terá que confessar que lê os livros às escondidas, não é mesmo? Ele se nega até hoje a aceitar o Espiritismo, e, até nisto, mesmo assim, ainda é o que mais me ajuda, até nos testes que me faz, quando atenta contra minha vida.

O Sr. M. de Ouro Preto me confidenciaria depois, quando eu tornasse à cidade, que, quando eu comentei que venderia as jóias para publicar o livro, soube quem eu teria sido naquela cidade, nos tempos idos, há duzentos anos atrás, exatamente. Achou minha filha mais velha, Marilei, parecida com a “nossa” Marília. Sua vidência era extraordinária.

Mas chegava o dia da palestra em Matão. Na véspera, o Sr. R. deveria me entregar os 50 exemplares. Telefonou-me:

—Estamos tendo um problema nas máquinas da gráfica, mas levo os livros na Rodoviária para você amanhã.

À tarde, enquanto arrumava as malas, Tomás apareceu-me muito sério:

—Preciso falar com você...

—O que acontece? - perguntei.

Ele me fez tomar uma caneta e escreveu:

—Não venderás nenhum livro em Matão.

Ora, eu doara o direito autoral para os hansenianos, à Caravana da Fraternidade Jesus Gonçalves, e não ganhara nenhum volume da Edicel. Os 50 exemplares que eu levaria eu os estava

comprando, por mais incrível que isto pudesse parecer, e, caso não os vendesse, teria que pagá-los, pois não os estavam me enviando em consignação. Sempre fui tratada deste modo pela Edicel, mas, mesmo assim, sinto quanto lhes devo na divulgação da obra.

Já me alertaram que o difícil não era só publicar, mas divulgar os livros. E isto a Edicel fez, pelos anos em que esteve com os livros.

Diante do que Tomás escrevera, brinquei com ele:

—

Falarei tão mal assim? Minha palestra será tão ruim? Não se preocupe, se não vender nenhum livro, eu comprarei dois. Um para mim mesma, para o ler e outro para papai, pois é seu aniversário e lhe darei de presente. Como vê, não fique triste, pois venderemos pelo menos dois livros seus.

Eu brincava com seus brios, mas ele não riu. Escreveu em

resposta:

—Não digo isto para te chatear, senão para avisar, justamente para não ficares aborrecida. Decidimos lançar a obra dentro

de um hospital de hansenianos.

—

Mas não marquei nenhuma palestra neste local! - disse-lhe.

—Marcou sim. O Centro, onde irá falar em abril, fica dentro de um hospital de hansenianos.

Tomei minha agenda e olhei. Iria a Guarulhos, depois.

Fiz, pois, o lançamento do “Confidências” na obra fundada por um antigo amigo inconfidente, Cairbar Schutel: mas, por amor à Aleijadinho, Tomás só deixaria os livros virem a luz dentro de um

Hospital de Hansenianos.

Até hoje, tenho muito carinho com o pessoal do “Amantes da Pobreza,” em Matão, pelos laços que me unem a muitas pessoas dali encarnadas e desencarnadas, conquanto tenha, entre eles, um que me é um

“espinho na carne”, a saber, alguém. que tudo faz, subreptiamente para denegrir a nossa obra no meio espírita, de

modo a solapar tudo o que vimos construindo. Tenho pena da colheita que o espera, e continuo a sentir-me presa por laços indissolúveis ao movimento espírita de Matão.

O lançamento se deu dentro do Hospital Padre Bento, em Guarulhos. Logo que entrei, um hanseniano, o Bahia, levantou um volume, comprado à Caravana. Suas mãos machucadas pela doença, seu rosto, sua preparação para uma possível cegueira, seu calor humano, sua dedicação, sua convicção jamais esquecerei.

—Quero que autografe o primeiro volume!

Era o segundo. O primeiro eu dera a meu pai.

Soube que o Moretti, outro doente, estava na UTI. Precisava fazer uma diálise e negava-se a fazê-la. Uma amiga levou-lhe um volume.

Passei a entender. Não era apenas a doação material do direito autoral. O exemplo do Aleijadinho seria uma bússola, um marco na vida de muitos hansenianos. Muito tempo depois, tentariam denegrir-me diante deles. Foi-me muito difícil desculpar tanta maldade e má intenção em gente que se rotulava de espírita, sem o ser. Os hansenianos passaram a ser meus filhos espirituais. Visitaria muitas colônias, entre os encarnados e os desencarnados.

Alguns anos depois, na cidade de Ribeirão Preto, fiz uma palestra despretenhosa. Quando relatava o lançamento do livro, falei com imenso carinho do Moretti, que já estava na Espiritualidade. Sua negativa em fazer a diálise lhe custara a vida. Quando falei dele, eis que o mesmo veio por trás de mim e me abraçou com ternura. Não pude conter as lágrimas. A voz não saía. Foi difícil retomar a palavra.

Ao final, um senhor amigo veio me falar:

—Foi a lágrima mais doce e pungente que já vi na vida!

Mas eu ainda choraria muito por eles, amigos inigualáveis e incontáveis, que ainda me dão ânimo para vencer a hipocrisia, de muitos companheiros de jornada.

Naquele tempo, Dr. Tomás, para meu treino e alento, passou a dar-me muitas liras (103 delas contidas do Sonata de Amor a 4 mãos) - um livro parabólico, com criptônios de pessoas encarnadas que eu viria a conhecer a partir de 1982, cujos fatos se efetivaram e se completaram, em 1992) e também umas Cartas Chilenas. Escreveu também libelos e respostas a ataques que viriam da imprensa e mandou-me que registrasse tudo em cartório.

O livro Confidências de um Inconfidente viraria minha vida pelo avesso. Mais do que nunca, passei a viver com os pés em dois mundos.

Mais do que nunca, passei a sofrer toda espécie de testes, e lutei bravamente, para não me dobrar diante da pressão das pessoas, dos interesses do mundo, ou até mesmo da opinião que pudessem fazer de mim. O sofrimento, contudo, tornou-me um pouco mais refratária e também um pouco mais exigente comigo e, porque não dizer, um pouco malcriada.

Porém aumentou, dia a dia, mais e mais, a confiança de que escolhi o caminho certo, e, por mais me doa, por mais eu sofra, não sairei dos trilhos escolhidos, porque, como disse Sheila uma vez e Meimei, pela mediunidade abençoada de D. Regina Barros Moura;

—Enquanto você estiver neste caminho de Verdade, Verdade, Verdade, estaremos com você.

E não há nada no mundo que pague a alegria do contato com o amor, que tenho tido todos os dias da minha vida.

As laudas registradas em cartório serão publicadas após minha morte física, se Deus o quiser, pelos filhos. Então saberão quanto passamos e quantas coisas ainda não podem ser ditas.

Uma noite, em S. Paulo, antes do lançamento do “Confidências” desdobrei-me e fui levada ao salão do fundo de minha casa.

Lá uma reunião se realizava, presidida, para meu espanto, por Mário de Andrade. Nela alguns amigos inconfidentes, Chico Xavier, desdobrado, Sra. A. e Sr. C., do Lar do Amor Cristão.

Sentei-me e assisti. Discutiam a estratégia do lançamento, da repercussão dos livros, dos ataques que viriam, através de quem viriam, de que forma se dariam...

Eu, atônita, assistia tudo, sabendo que, no dia seguinte, lembraria do fato. No meu colo a minha filha caçula, assistia também como criança.

Nisto bateram no portão de vidro lateral e eu, inadvertidamente, com a menina ao colo, fui abrir. Eram uns seres vestidos como se fossem coletores de lixo.

Mal abri a porta espiritualmente e um deles, com uma faca, partiu para cima de mim. Levei a mão ao alto em atitude de defesa, principalmente preocupada com Mayra. Senti a faca atravessar-me a palma da mão, e com a outra mão ele dera um tapa no ouvido da pequena. Chico Xavier viera atrás de mim e só sua presença os fez recuar. Ele fechou a porta, repreendeu-me, dizendo que eram espíritos das trevas e que minha casa tinha uma proteção vibratória, e que eu a mantivesse assim.

Foi a partir desta reunião que, sempre que possível, anoto os fatos que ocorrem no dia a dia e também o que me é avisado do que vai ocorrer.

Alguns amigos mais corajosos, me deram também seu testemunho do que eu disse, de coisas que depois se deram, segundo nossa previsão, tanto no campo pessoal, como no campo da política do Brasil, mas, para meu espanto, a maioria dos amigos espíritas se negam a transcrever quanto dizemos. A covardia ainda é a companheira da maioria das pessoas que conheço, o que me faz admirar ainda mais os poucos amigos que tenho, os sinceros e os que têm a coragem de assumir o que vivem. Estes são aqueles que escolhi para fazerem parte do meu caminho e nem a morte, nem a distância, nem a intriga, jamais poderão romper os laços que nos unem.

Aquela reunião com Mário de Andrade se tornou memorável em minha lembrança, e aprendi também que nem sempre precisa

mos singrar as colônias espirituais para tomar as resoluções e diretrizes que nos traçam os amigos. Na maioria das vezes, o local que habitamos pode ser o primeiro núcleo de decisões, e um pronto socorro espiritual para nós e os outros.

No dia seguinte, acordei com muita dor na mão “ferida durante noite”, apesar do Chico com suas mãos ter cicatrizado o ferimento, e a pequena Mayra acordou com forte dor de ouvido. Era um modo de nos

mostrar a “veracidade” dos fatos noturnos, mas Chico ainda os confirmaria em nosso terceiro encontro físico.

CAPÍTULO XVI NO CHILE - UM PRESENTE: UMA CURA.

Vamos voltar um pouco no tempo, antes do lançamento do primeiro romance do Dr. Tomás Antonio Gonzaga, para relatarmos um fato marcante.

Como eu dissera, durante todo o ano da recepção do livro, de 21 de abril de 1979 a 21 de abril de 1980, meu querido orientador espiritual se fez muito assíduo no dia a dia, dando-nos orientação, carinho e confiança. Quando não podia vir, tínhamos contato com Monteiro, minha avó e tio, pai João e inúmeros outros companheiros que ele trazia nos dias da recepção mediúnica e nos apresentava.

Em 1973, quando da gravidez de meu filho João Marcos, minha avó me aparecera e dissera que eu teria uma ótima surpresa.

Eu recebera um convite para participar em um Salão de Arte Contemporânea em Santo André, mas, como não tivesse dinheiro para dar um acabamento melhor aos meus desenhos, (fizera Curso de Arte na FAAP e adorava desenhar), tomei minha pasta de esboços, onde havia desenhos geométricos, aquarelas, guaches, bico de pena, nanquim, litogravura, xilogravura e gravura em metal e montei três painéis de 1,40 metros por 1,20 e cobri-os de plástico, fazendo a colagem dos mesmos em folhas de jornal.

Arrematei-os com duas ripas de madeira cada um e fui levá-los. Estava nos últimos dias de gestação.

A secretária de Cultura, vendo meu “material” não os queria receber, pela falta de acabamento. (moldura, vidro, etc).

Pedi-lhe:

—Receba minha inscrição, já que fui convidada. Deixe que os membros do júri decidam de minha inclusão ou não no Salão.

Fosse pelos meus modos, pela intervenção espiritual de minha avó e de outros amigos que me acompanhavam, então, ou pelo meu

adiantado estado de gestação, ela se sensibilizou, recebendo os trabalhos.

Quando o salão abriu nas semanas seguintes, eu estava na Maternidade São Paulo. Nascera João Marcos Moreira Vasconcellos, que me dera mensagens nos dois primeiros anos do desenvolvimento mediúnico e cujas informações sobre o parto (com a perda do trauma que eu trazia dos partos anteriores) se concretizara.

Marilei, “meu tesouro”, e Maria, “minha alegria”, haviam ido com o pai ver o Salão de Santo André, e borboleteavam pelo quarto, em alegria inesquecível:

—Mamãe, mamãe, todos os seus quadros estão na exposição!

O regulamento, a seleção era muito exigente. Eu mal podia crer. Lembrava-me de vovó:

—Temos uma surpresa para você!

Sua palavra, o recado de Chico que me viera pelas Sras. A. e Y. do Lar me entusiasmaram a montar, no chão da cozinha, com o enorme barrigão de nove meses os três painéis, com os títulos de Composição I, Composição II e Composição III.

Minhas meninas sempre foram minhas maiores incentivadoras. Amigas de longas jornadas, elas às vezes agem mais como se fossem minhas mães do que minhas filhas. Agora chegara o filho que eu tanto esperara. Ele foi chamado por mim de “minha esperança”.

Mas a surpresa não ficaria só nisto.

Meus trabalhos foram selecionados para um Guia Internacional de Artes, de Leo Christiano. E, a partir desta participação, viriam outros convites para participação no exterior.

Por isto, quando Tomás, minha avó ou qualquer amigo espiritual me aparecia depois e falava qualquer coisa, prognosticando fatos futuros, eu logo contava a meu marido, aos amigos,

para, com isto, ratificar as informações, testemunhando o que eu via e os outros não acreditavam.

Foi deste modo que, um dia pela manhã, enquanto João tomava café para ir trabalhar, vi Tomás, ao lado do fogão e ele me disse:

—Você vai viajar para o exterior.

Voltei-me imediatamente para meu esposo e repeti a frase:

—Estão me dizendo que vou para o exterior!

—Você jogou na Loteria? - brincou ele jocosamente.

—Não. Estão me informando que não vou gastar um tostão.

Que vão me pagar toda a viagem.

—E Papai Noel, por certo, também existe! - falou ele caçoando novamente.

—Sim. - respondi - Você mesmo pode ser Papai Noel a hora que quiser.

Meu esposo tomou café e foi para o serviço. Eu retomei minhas atividades diárias, até que, algum tempo depois, o telefone de casa tocou. Era ele.

—

Sua mãe toma conta de nossos filhos? Tenho que viajar para o. Chile e disse que iria, desde que você fosse comigo.

Estaremos fora uma semana. Tenho que abrir uma representação do Itaú lá...

A maneira que ele queria que mamãe “tomasse conta de nossos filhos” incluía, eu já sabia, o traslado dela, de papai e de minha irmã Santusa para nossa casa.

Nós estávamos no ano de 1979, havíamos mudado para uma casa em 1975, e minha caçula, Mayra, nascera em 1976. Ela era “meu encanto”. Estávamos, pois, com quatro filhos, Marilei, com cartoze, Marla, com doze, João Marcos, com seis, e Mayra com três.

Tomás ainda me dissera que eu teria muitas surpresas agradáveis lá. Tentei, naqueles dias, falar com amigos espíritas, a fim de levar comigo alguns endereços e por-me em contato com pessoas do mesmo ideal. Mas não consegui meu intento.

A viagem foi muito boa, apesar da dificuldade de sairmos de São Paulo e tomarmos um avião da Air France em Campinas, pois havia uma greve de táxi em São Paulo. Um motorista do banco nos levou, junto a um outro funcionário do Itaú, o Van Strealm, um belga.

CAPÍTULO XVII - MEU CAMINHO DE SANTIAGO

Durante o vôo eu fotografei as cordilheiras, meio cobertas pela neve (faria quadros a óleo disto mais tarde.) Estava tão feliz, pensando na semana que passaria rápida. Pensava em como Deus vinha sendo bondoso comigo. Eu nunca tinha dinheiro, no entanto, sempre que desejava fazer alguma coisa, um trabalho extra, um presente, e tudo se ajeitava. A confiança num Poder Maior que nos direciona jamais me abandonava. Eu não pensara em viajar para o exterior. Nunca desejei nada disto. Bastava-me a alegria com os filhos, a família, meu pequeno trabalho no Centro Espírita, meus aluninhos de Evangelização, o contato pela psicografia, psicofonia e vidência com os amigos espirituais, e, agora, iria conhecer outro país.

Fomos muito bem tratados a bordo, e convidados a ir até a cabine do piloto. A visão que se tinha dali era algo maravilhoso. Eu pensava nas viagens astrais que fazia, nos aparelhos voadores do Mundo Espiritual. João, contudo, estava muito mal. Sempre teve medo de viajar de avião, embora, paradoxalmente, colecionasse tudo sobre aviões do mundo inteiro, mantendo correspondência com as indústrias e países vários e

também gostava de ter miniaturas deles que montava, e nas quais ninguém podia por a mão.

Vinha meu esposo tendo fortes dores de estômago. Seu hálito cheirava carniça, mas eu não podia dizer nada sobre isto, porque se sentia ofendido, e se afastava de mim. Negava-se a procurar médico, como faz até hoje, fazendo pouco caso do conhecimento dos mesmos, tomava uma média de três litros de leite por dia, devido às dores. Eu vinha pedindo em vários núcleos espíritas por sua cura, de vez que já obtivera, por intercessão do Templo Espírita Tupyara, do Rio de Janeiro, a cura para um problema intestinal do meu filho João Marcos, operado pelo espírito do Dr. Napoleão Laureano, cujo caso, ocorrido em 1975, durante

uma viagem de meu esposo a Buenos Aires, contaremos adiante, e também auxílio para mim mesma, através do espírito do Dr. Becker, porém, por mais solicitasse ajuda para João, ele vinha, dia a dia, apresentando pioras, o que o deixava muito angustiado e nervoso.

A bordo, vendo-me tão radiante, comentou:

—Você não está preocupada? E se o avião cair? Morreremos e nossos filhos ficarão órfãos.

Ri-me muito de sua preocupação:

—João, por que não relaxa, ao invés de ficar sofrendo deste jeito? Se o avião cair, morreremos, de um modo ou de outro. Se não cair, você está

sofrendo pelo que não aconteceria, à toa. Aproveite a vista, aproveite para descansar um pouco...

Mas ele não me ouviu. Chegamos e nos instalamos no Hotel Tupahue. Já era noite. Demos umas voltas, jantamos no hotel e fomos dormir.

No dia seguinte, logo cedo, ele saiu a trabalhar. Eu disse que iria visitar museus, e nos encontraríamos no hotel às seis da tarde.

Tão logo João saiu e lembrei-me que, às terças-feiras, eu tinha a minha recepção mediúnica de psicografia. Tomei o papel do hotel e, como levasse os cadernos de anotações de mensagens, o pus de lado. Concentrei-me, orei, pedindo amparo para os meus no Brasil, para nós, e deixei a mão correr pelo papel. As palavras que eu escrevia e lia simultaneamente me causaram admiração. Em espanhol alguém gravava uma saudação a “hermana brasileña”, e o nome que assinou a nota me surpreendeu: Salvador Allende.

Sem acreditar, perguntei-lhe se havia consumado o suicídio, totalmente esquecida da caridade cristã que deveria nortear meus contatos.

A entidade, contudo, sem se deixar impressionar com minha falta de ética, continuou escrevendo:

—Fui assassinado. Você terá surpresas aqui. Devo, contudo, te informar que teu marido não está bem e terá que ser operado.

Aquela informação me deu um susto. João, por certo, teria alguma hemorragia estomacal. Teria que ser internado às pressas, ou, quem sabe, recambiado ao Brasil, para ser socorrido. - eu pensava preocupada.

Ainda bem que estávamos com Van Stream, e, neste caso, ele me auxiliaria nas providências e o Itaú nos ampararia, já que ele estava a serviço.

A mensagem continuou com mais algumas palavras e parou.

Minha preocupação estava no auge, mas decidi que, desta vez, eu não contaria a ninguém sobre o que me haviam dito. João já de si era preocupado e nervoso. Se ele soubesse do que me haviam informado, por mais cético que fosse ou quisesse parecer ser, aquilo o influenciaria de forma negativa, poderia prejudicá-lo.

Resolvi, pois, guardar a mensagem e nada dizer.

Estava assim pensando, quando Tomás me disse:

—Vá até a portaria e pergunte o significado da palavra "Tapahue", o nome do Hotel. - e sorria, brincando comigo.

Desci até o saguão. Estávamos num prédio relativamente alto oito andares, no último andar, numa suite maravilhosa, pois no Chile, com os

tremores de terra, não se pode construir prédios altos.

Perguntei sobre o significado do nome. Não sabiam. Pediram que esperasse e foram se informar. Muito prestativos, daí há instantes, vinham com a resposta.

—Tupahue é uma palavra inca. Quer dizer “Morada dos Deuses”.

Mais tarde, percebi a rivalidade imensa entre chilenos e peruanos. Subi ao quarto. Tomás voltou a me aparecer.

—Entendeu? - perguntou.

—O que? - perguntei por minha vez sem compreender o que ele queria dizer.

Bondosamente instou a que tomasse as anotações que vinha fazendo sobre o livro Confidências, abriu o caderno e mostrou-me o primeiro capítulo, que já fora datilografado. Li:

“... Eu, que nunca a mereci, vim a renascer tantas vezes como soldado, e a embalei por filha, depois a tive como irmã, mas não encontrava ainda a felicidade de tê-la por noiva e esposa, desde que a sacrificara na invasão de seu santuário inca.

Parecia-me vê-la, o olhar perdido em súplica aos meus pés, no derradeiro instante em que se sacrificara, para que as outras iniciadas pudessem fugir para a selva...” (Confidências de um inconfidente, página 17).

Eu não me recordava daquele detalhe. Olhei-o admirada.

—Entendeu, agora? Vocês estão na Morada dos Deuses,

novamente. - sorriu. - Quanto à preocupação com João, tudo está sob controle, não se preocupe.

Aliviada pensei em como o Plano Espiritual era lindo. Por certo, se necessitasse, João seria transladado para o Brasil, caso contrário, encontraria um ótimo médico que o socorreria. Por certo, aquela era a resposta de Deus aos meus apelos por sua saúde.

Sai e perguntei sobre os museus. Marquei para o dia seguinte uma "tourné" pela cidade.

Caminhei em direção ao Museu de Belas Artes, próximo do hotel. Cheguei às escadarias e algumas pessoas aguardavam que abrisse. Fiquei esperando. Nisto Tomás novamente apareceu-me.

Mostrou-me um rapaz, sentado na murada, e me disse:

—Está vendo aquele moço? Quero que fale com ele, mas não toque no assunto Espiritismo.

Obedeci quase maquinalmente: Dirigi-me ao rapaz e falei em português:

—Desculpe-me. Sou do Brasil. Poderia me informar a que horas abre o Museu? Ele consultou seu relógio e respondeu em espanhol:

—Daqui a meia hora. Abre às nove.

—Que pena! - comentei. - E sabe se aquele outro, lá do alto do morro, estaria aberto? Tenho poucos dias que estarei aqui e não gostaria de perder tempo.

—Aquele deveria abrir as oito, mas não sei se está em exposição, pois estava em reforma. Se a senhora quiser, vou consigo...

O caminho era uma trilha estreita, pelo mato. Ir por ali, com um estranho, seria, no mínimo, descuido, mas era o que Tomás mandava e eu aceitei.

Subimos a encosta, ele devagar, respeitando minha marcha lenta. Ao contrário dos outros chilenos, com os quais eu cruzava nas ruas, era um moço alto, bonito. Orientada por Tomás, entrei a falar sobre os direitos humanos, sobre Jesus e seu imenso amor à Humanidade, sobre a Fraternidade dos povos, sobre a ditadura, a morte de Salvador Allende. Deus e meus amigos sabem quanto sou tagarela, quando a isto me incitam. O rapaz ouviu-me parte do caminho, mas, depois, participava do tema com entusiasmo. Sua "inocência" me cativou instantaneamente. Se eu fosse algum “agente da ditadura”, se eu fosse algum destes malditos (perdoem-me a falta de tato) dedos duros dos regimes de exceção o pobre rapaz estaria, no mínimo, naqueles dias duros da ditadura de Pinochet “frito”, literalmente.

Aos poucos, no caminho, nos tornávamos amigos, éramos dois seres profundamente identificados com o amor de Cristo. Ele me deu seu nome, que deixo de transcrever por não aborrecê-lo.

Chamemo-lo Ramirez. Era um seminarista. Tocava violão, adorava música, e acabara de ser solto da prisão pelo bispo de Santiago, pois participara de uma passeata dos mineradores de cobre. Se não fora pelo fato de ser clérigo e estaria com os companheiros de passeata sofrendo as torturas da cadeia, ou, como diria ironicamente nosso amigo Monteiro Lobato, recebendo as “benesses da Pensão do Estado”. Percebi como lhe doía o estar solto, pensando nos outros presos, e, ao mesmo tempo, como desejava, de algum modo, estar

solto, para batalhar por eles.

Chegávamos ao alto da colina e o Museu estava fechado.

Descemos, portanto, para o Belas Artes, visitamos juntos suas dependências, sua exposição, dei-me a conhecer como artista plástica, falei do trabalho de meu marido e onde nos hospedávamos.

Ramirez me convidou a visitar um bazar de presos políticos, oculto sob a matriz de Santiago. Aquilo demonstrava sua confiança em mim. Em pleno centro de Santiago, sob a perseguição da ditadura, um bazar vendia objetos feitos pelos familiares dos presos, denunciava os campos de concentração e extermínio.

À entrada do templo católico, Ramirez conversou com um padre. Este me olhava temeroso, assustado. Ramirez argumentava.

Eu rememorava minha juventude, as muitas vezes em que, por pouco, me livrara de ser presa, em São Paulo. A intervenção protetora dos amigos espirituais era tão forte, que, por mais eu imagine, creio jamais atingirei a plenitude do imenso trabalho que venho lhes causando, pois estou sempre me metendo em encrencas, e só o contá-las levaria muito tempo, e as pessoas ririam e haveriam também de chorar e se espantar muitas vezes. Sorria, pensando nisto, lembrando as promessas de surpresas de Salvador Allende, por quem eu vibrara e orara tantas vezes, por quem tinha admiração, e, se, até aquele momento eu vinha duvidando do que ele escrevera, e da identidade do espírito, o que vinha acontecendo aquele dia, e o que viria ainda a ocorrer, por certo, deitaria por terra minhas pobres dúvidas.

Ramirez tirou do bolso sua carteira de seminarista. Argumentou mais um pouco. O padre cedeu. Fomos levados para dentro, caminhamos por corredores internos, descemos escadas e nos vimos no subsolo da igreja, onde outro "irmão" tomava conta do bazar.

Quando saíra do Hotel, João me dera uns dólares, que eu trocara nas barracas por dinheiro chileno. Era o momento de usá-los.

Escolhi alguns objetos comuns, belos, feitos de madeira, material muito difícil de se encontrar na região. Optei por um livro do bispo, denunciando os presos políticos, ao lembrar de meu irmão, que estivera também preso no Doi Codi, em São Paulo, para presenteá-lo.⁹ Tomei um “panuelo” com bordados de caveiras, terrível, denunciando o número de mortos num campo de concentração e medalhões feitos com madeira tão dura, de certa região, que mais pareciam moedas de pedra. Mais alguns objetos comuns, como cestos de pães. Comprei quanto podia.

O dia corria. Paramos para almoçar, fora de Igreja, e, sabendo minha adoração por Francisco de Assis, Ramirez me levou à Igreja de mesmo nome. As imagens eram de roca, muito pobres, tão diferentes das que eu veria depois, no início do ano, quando iríamos a Ouro Preto, ver as obras do Aleijadinho. Ramirez falava-me fatos históricos antigos, ligados a Eduardo O’Higgins, e confidenciou-me que sua mãe temia muito por sua vida. Disse-me que, durante a queda de Salvador Allende, seu irmão desaparecera. Mais tarde, seu corpo metralhado fora jogado no rio da cidade. Senti seu sofrimento. Pedi que se cuidasse, que não se expusesse muito nas batalhas do direito político, pois a ditadura temia mais a idéia que a rebelião armada.

Eu me esquecera das horas. No Chile, nove da noite ainda há sol. Eu não sabia disto, e, quando me dei conta e olhei o relógio, já eram quase oito da noite.

Despedi-me de Ramirez às pressas. Marcamos novo encontro para daí há dois dias, pois no dia seguinte eu tinha minha tournée pela cidade, aos pontos turísticos, e voltei “com quantas pernas tinha” pela rua Ahumada em direção ao Hotel.

Quando lá cheguei, João estava, bem podem imaginar, com toda razão, uma “fera”.

Inúmeros militares, de roupas diferentes, se viam à entrada do saguão.

—Já ia chamar a polícia! Não sabia onde te encontrar!

—

Imagine! - respondi. - Eu estava esperando escurecer.

Perdi-me nas Igrejas e Museus.

Subimos, tomamos banho, mostrei-lhe minhas “compras”,

—

Você é maluca? Se nos apanham com isto jamais sairemos do país. No mínimo, passaremos por subversivos. Não pode ser uma turista igual a todo mundo?

Ele se zangava e isto me fazia rir, o que mais o irritava.

Guardei os objetos.

—Como pensa levar isto? Passar pela revista?

—Depois eu resolvo isto. Vamos jantar.

João havia tomado um suco delicioso no almoço, uma comida que adorara e queria que eu experimentasse.

O jantar, pois, foi um refrigério. Falei-lhe de Ramirez. Não gostou, mas, conhecendo-me, sabia que não adiantava reclamar.

Voltamos para o hotel felizes. Nos recolhemos. Nem bem deitei e fechei os olhos vi uma enfermeira alta ao lado da cama:

—

Su marido há ser operado. - parecia dizer-me.

—

Aqui? Agora? - perguntei, lembrando a mensagem da manhã.

—

Sim. - confirmou com um gesto de cabeça e um sorriso.

Não se passaram muitos minutos e João levantou-se indo ao banheiro. Deu de passar mal. Vomitava e obrava sem parar. Eu o via ir apoiando-se à parede, mal se sustendo nas pernas e lhe perguntava:

—

Como você está?

E ele:

—

Morrendo!

Por mais força eu fizesse, contudo, não conseguia levantar si quer a cabeça do travesseiro. Estava sem energia alguma. Era como se me sugassem. Mal conseguia falar com ele. Via-o e, ao fechar os olhos, os médicos e enfermeiras pelo quarto.

—

Que droga de esposa eu sou! - pensava, meio abobalhada, creditando ao longo dia de percurso a pé minha fraqueza, naquele momento. - João está “morrendo” e eu nem consigo arredar a cabeça do travesseiro para ajudá-lo!

Aquilo começou depois das dez da noite, e continuou até mais ou menos duas horas da madrugada. Somente, então, sem ter mais nada a por para fora, com todo o aparelho digestivo limpo, que ele pode dormir, exausto. Foi aí que o operaram, utilizando ectoplasma meu e de outros hóspedes do hotel, que dormiam naquele momento. Somente, então, entendi porque estava tão sem forças.

Pela manhã, João acordou disposto, sem dores, sem o mau hálito, que era uma constante. Nunca mais sentiu coisa alguma.

Estava completamente curado! Muitas vezes depois, quando alguém se queixava de alguma doença ele, brincando, dizia:

—

Vá ao Chile, hospede-se no Hotel Tupahue, quarto nº... em Santiago.

Um dia, anos depois, conversando com um chileno radicado no Brasil, falei do Hotel. Ele admirado falou-me:

—

Quando eu morei lá, o Tupahue era um hospital. Então, depois virou um hotel?

Isto punha ainda mais autenticidade no que nos ocorrera.

No dia seguinte fiz minha “city-tour”, num ônibus, com peruanos, americanos, só eu de brasileira. Não podíamos fotografar quase nada, muito menos a casa onde Salvador morrera, interditado todo o quarteirão, da Casa Rosada.

Mas, eu sempre digo que as regras bobas merecem ser

quebradas. Fingindo guardar a máquina fotográfica, embrulhei-a no meu lenço de pescoço, encostei-a no vidro do ônibus e fotografei. Embora eu seja péssima fotógrafa, as fotos saíram nítidas, belas.

Confirmavam-se as informações do Ramirez. Ainda visitei com ele muitas Igrejas e pueblos. Senti não poder ir às minas ao sul, nem à ilha de Páscoa, pois não havia mais tempo para isto, nem dinheiro. Comprei papel para embrulhar alguns presentes, aqueles que eu sabia passariam pela revista. Coloquei na roupa suja os medalhões (dentro de peças íntimas) com as denúncias. Costurei o “panuelo” entre o forro e o pano de minha saia, embrulhei o livro nas meias calças de nylon.

João suava frio, diante da revista. Eu confiava em que tudo daria certo. O homem perguntou sobre frutas e verduras, viu os pacotes, e, tal como eu esperava, começou a rasgar um por um.

—Puxa vida! Tive tanto trabalho para que fizessem estes embrulhos. - eu resmungava, demonstrando aborrecimento.

Quanto mais eu lamentava, mais ele se diligenciava em rasgar os pacotes.

Não tocou a roupa suja, deixou-me passar.

Depois se pôs a examinar a mala de João. Quando ele passou pelo detector de metais o mesmo disparou. O retiveram. Revistaram. Creio que sua máquina calculadora de bolso disparara o dispositivo, ou sei lá o quê. Por fim, o liberaram. Seguimos. O vôo noturno foi terrível, com 'chuvas, raios, enjôos, receios, turbulências, terrível o tempo todo. João comentava:

—

Eu não acredito! Você levando estas “muambas” passa “na maior”, e eu, que não levava nada, fui revistado. Eu não acredito!

Até hoje isto me faz rir muito. Lembro-me do que D. Regina dizia:

—

Tenho dó de quem casa com médium. Deve sofrer um bocado!

Trago comigo o “panuelo”. Dei o açucareiro de madeira para a

Ermides, os medalhões para os filhos, o livro para o mano, os outros presentes para os pais, irmãos. Continuei por um tempo correspondendo-me com o Ramirez, até que lhe falei do Espiritismo e não mais me escreveu. É um bom homem. É um cristão, que os Amigos me enviaram em boa hora. Que Jesus o conserve com vida e disposição na sua luta pelos direitos humanos. Que seu irmão José, da Espiritualidade, o possa amparar.

Mas ficou algo a dizer. Enquanto eu viajava, mamãe tomava conta de casa, com uma empregada de nome Ana. Ora, Ana dormia no quarto de

fora de nossa residência que é toda cheia de grades.

Ao tornar, minha mãe comenta:

—

Sua casa é mal assombrada. À noite eu ouvia bater à porta.

Ia abrir e não tinha ninguém.

—

Mamãe, não deveria abrir. Se fosse alguém, seria assaltada. Ainda bem que não era “ninguém”. - eu respondia brincando, sabendo da mediunidade de efeitos físicos dos filhos e as “coisas”

que às vezes ocorrem em casa.

Ela continuava:

—

Isto não é nada! Uma noite despencaram seis quadros da parede. Não pude fazer nada. - e ela mostrava o “estrago” causado da quebra das molduras. Os quadros tinham um significado para mim. Envolviam pessoas e cenas de um livro que ainda não fora escrito, mas cujas cenas (pelo menos algumas) me haviam sido mostradas, e inimigos do passado. Nossa ida ao Chile acirrara alguns deles, e nossas atitudes em desmascarar algumas daquelas pessoas ali retratadas, criava o clima de guerra fluídica.

—

Mas não foi só isto! - dizia mamãe - Você tem uma ótima

empregada.

—

Por quê? - inquirei.

—

Uma noite João Marcos estava mal da bronquite e eu vi quando ela veio com um lenço branco à cabeça pelo corredor,

entrou no quarto dele, para o cuidar.

—

Mamãe, - eu disse - isto foi à noite?

—

Sim - ela respondeu.

—

A senhora não fechava as portas com as grades, antes de ir dormir?

—Sim.

—

A Ana não dorme lá fora?

—

Sim.

—

Então, pode me dizer, como é que ela atravessou as grades, entrou, subiu aos dormitórios, e foi ver o João Marcos no quarto? - perguntei.

E ela, dando-se conta de que vira um espírito:

—Deus me livre! Sua casa é assombrada!

Até hoje rimos muito da cara que ela fez. Marla me faz lembrar o episódio sem temor. A vida nos ensina a intervenção dos espíritos a todo momento.

Os amigos do Brasil e do Chile curaram João de um mal que, por certo, o teria levado à morte. Lá conheci Ramirez, tomei conhecimento de coisas que ninguém sabia. Abordara pessoas nas ruas, perguntando sobre os presos políticos.

—

Isto é mentira. Quem falou isto para a senhora?

—

Foi um menino que veio me pedir esmolas. Disse que seu pai é preso político, que existem coisas sob a matriz de Santiago.

Ela riu-me na cara com gosto:

—Enganaram a senhora!

À tarde as Igrejas católicas se enchiam, lá pelas seis. Todos iam orar. Na televisão os programas fracos me lembravam os dramalhões que eu vira na infância de Vicente Celestino e Gilda de Abreu, que eu veria na Espiritualidade, auxiliando mendigos nas ruas de São Paulo, junto ao Grupo Francisco de Assis, ou cantando

pela garganta do Tarcísio ou ainda no Teatro Vannucci, dando-lhe sustentação na sua tarefa missionária, junto aos meios de divulgação.

Quando alguém duvida do que nos acontece, que é, de certa forma tão fantástico, que dá o que pensar, lembro-me do riso bondoso e tolo da chilena a me dizer:

—Enganharam a senhora!

O “panuelo” guardado na gaveta, as lembranças, a cura de João, e Salvador Allende, Tomás, Ramirez, José, desmentem a ingenuidade dos cétricos e ignorantes. No Panuelo, em meio a montanhas, uma enorme cruz onde se lia: LONQUEN-PATIO 29 YUMBEL - casas, túmulos - 350 mártires - 15 mártires, 18 mártires.

CAPÍTULO XVIII - PROGRAMAÇÃO

Nós não sabíamos mas o Sr Gianinni estava destinado a fazer o lançamento do Confidências. A Editora Espírita Radhu surgiria depois, com os livros de Lobato, e retomaria o bastão de Tomás, dando andamento à obra e unificando todo o conjunto, sob nossa responsabilidade.

Eu já me esquecera das lutas para a publicação, quando me propuseram um lançamento com tarde de autógrafos. Não aceitei.

—Não sou ninguém para atrair público. - argumentei.

Além disto, durante todo o tempo, eu relutara em colocar meu nome como médium da obra. Discutira o assunto com Tomás:

—E se eu pusesse um pseudônimo?

—Não adiantaria nada. Acabariam por ficar mais curiosos e não descansariam, enquanto não descobrissem tua identidade.

—Mas posso colocar isto como cláusula à Editora.

—Não adianta. Não poderás mais trabalhar quieta e oculta.

Precisas te encher de coragem, ir para diante da mesa, falar, defender o Espiritismo, lançar uma literatura para o Terceiro Milênio, que extrapole o âmbito dos Centros Espíritas, chegue às Universidades, às escolas, ganhe as livrarias não espíritas, os mercados. Não será fácil, contudo. Por isto, o lema que te dei. Não quero que esqueças. É: NÃO VALE DESANIMAR.

—Puxa! Vai ser assim tão difícil?

—

Muito mais do que imagina!

Hoje, mais de 34 anos passados desta conversa, vejo que ele não me mentiu. **O ataque preparado por quatro homens e uma**

mulher deu-se exatamente quatro anos após ter-me avisado, escrito a resposta, que ficou registrada em cartório.

Depois viriam outros.

Engraçado que a natureza sempre me dá sinais antes dos ataques. Um bando de moscas varejeiras vêm em enxame atacar minha casa. Sei que o “lixo” logo vem a seguir.

—Que resposta devo dar? - perguntei na ocasião, pensando que publicaríamos os argumentos contestatórios.

—Nossa resposta será mais e mais trabalho. Ninguém nos obrigará a fazer o que não quisermos, quando não quisermos.

Temos a resposta, mas só a daremos quando resolvermos fazê-lo.

Este Sr. J. se condenou a copiar perpetuamente quanto eu escrever.

Isto mesmo ele escreveu parabolicamente no Livro que fez de parceria com Malba Tahan, (Sonata de Amor a 4 mãos) e que se passava na cidade de Hazil (Brasil) com Nedjma Liz Amar (Nedjma quer dizer "estrela" ou "aquela que profetiza", Liz, da flor de liz ou lotus, Amar, do Verbo amar, criada em cima da personagem de Marília) e Samira (calcada na personagem Marta do livro “De Mário a Tiradentes”), onde o Sr. J. R. é Mokrini, Toba Loro Tei Mont é Monteiro Lobato, Gilmara... é uma antiga ex-amásia de Tomás, Merk Don, os mercadores da hora presente, e outros, que não posso, por hora, identificar.

Para complicar ainda mais as coisas, informou-me:

—O Sr. Gianinni quer saber se tens ciência da interferência do Sr. J. R. contra a publicação do “Confidências”. Vai te testar por estes dias, dando-te um livro daquele senhor a analisar para sua republicação.

Realmente isto se deu. Pedi conselhos a Tomás. Ele respondeu:

—Tem aí algo que se aproveite?

—

Tem sim. - comentei.

—Então, apóie. - falou sorrindo.

Foi o que fiz. Apesar do Sr. Gianinni insistir que o livro

demorara a se esgotar, que lhe dera prejuízo, aconselhei-o a republicar.

Não me atendeu, contudo. Só estava me testando. Ainda o faria, anos depois, dando a meu pai um livro de outro dos meus “inquisidores” para análise. Papai, embora o achasse fraco, por haver uma lacuna muito grande sobre o assunto na literatura espírita, mesmo sabendo que ele vinha me atacando “pelas costas” em cartas à Editora, o apoiou. O livro do Sr. C. M. saiu sob amparo meu e de meu pai.

O livro “Confidências” já ia sair quando me lembrei daquela reunião com os maçons espíritas. Liguei ao Sr. P...

—O livro estará nas ruas semana que vem. Fui ao Chico.

Tomás providenciou.

Ele, muito reticencioso, respondeu:

—Enviei, segundo seu pedido, os originais à Loja de Minas.

Responderam em julho, mas estive ocupado e não lhe pude telefonar. Não aceitam, nem si quer que Tiradentes haja sido maçom, pois não há documentação a respeito.

—Não tem importância. Não espero nada. Sinto informar que não lhe entreguei as notas de rodapé, por não ter cópia no dia. Há surpresas nelas.

O Sr. P. parecia temeroso. Seu trabalho de assistência social vinha sofrendo revezes. Tomás me apareceu:

—Precisa orar pelo Sr. P. e seus amigos. Eles falharam com você. Tinham que levá-la ao Chico, segundo combinado na reunião espírita, mas ficaram com medo, e estão perdendo todo o movimento ao menor. Só falta perder a Creche. Se você, contudo, interceder por eles, a creche se salva.

Achei aquilo absurdo. Eu não tinha tanto poder, mas não me negaria a fazê-lo. Entenderia, depois, que quem rompe compromissos assumidos paga alto preço. Não era meu poder, era a lei que se cumpria, e eu podia modificar tudo, com um pedido, uma prece. O

poder era o da misericórdia, o da compaixão. Apreendi depois. Orei sentidamente. Telefonei à esposa do Sr. P. E ela me disse:

—Quase fechamos a creche, porém, graças a Deus, no último momento, tivemos ajuda. Não vamos mais fechar.

Fiquei feliz e só viria a falar-lhes para informar sobre os dados contidos no livro “De Mário a Tiradentes” que o identificava.

Naquele mesmo tempo da recepção do livro, começamos a desenhar algumas cenas do livro “Confidências de um inconfidente”, e, como tivesse dificuldade de fazer com perfeição o rosto de Tomás, o Aleijadinho quis me ajudar. Durante um mês impedi sua interferência, até que, vendo que não conseguia concluir a obra do modo que gostaria, permiti que fizesse o esboço do mesmo.

Mais de quatro quadros foram feitos e um deles, muito dramático, registrava a morte de Tiradentes, completamente calvo e sem barbas, sendo cavalgado por Jerônimo Capitania, tendo ao fundo os soldados perfilados, Em primeiro plano, o crucifixo ao chão e, descendo as escadas, o frei Penaforte.

Este quadro ficou conosco, até que um dia Tomás me apareceu e disse:

—Este quadro pertence a uma Loja Maçônica. Quero que você fale com o Sr. Rn., dizendo-lhe que eu peço que ele o encaminhe a uma Loja, que ele saberá qual.

Obedeci suas instruções e quando falei a respeito com o Sr.

Rn. ele, surpreso, me perguntou:

—Mas o que tenho eu a ver com a Maçonaria?

Dei uma risada e respondi:

—Não sei. Tomás só me disse que durante muito tempo, meu caro “hindu”, você tem recebido o espírito que se identificou como “Lisboa”.

Mais surpreso ainda ficou nosso amigo e prometeu que procuraria alguém.

Depois de uma semana, estando dando evangelização na Casa do Caminho fui procurado por um senhor, que vinha sob recomendação do Sr. Rn. buscar o quadro em questão. Eu, na verdade, gostava muito daquele trabalho e não queria apartar-me dele. Muitos foram os objetos de arte dos quais fui obrigada a me separar, por indicação dos amigos e contra minha vontade.

Mais tarde, este senhor me contaria que levou o quadro à Loja da qual participava, mas, em lá chegando, “sentiu” que não estava destinado para aquele local. Lembrou-se de outra loja e foi para a mesma, no dia de reunião. Levava o quadro embrulhado e, logo que chegou, à entrada, o Venerável da mesma perguntou:

—O que você traz aí? Seja o que for não sairá daqui, pois pertence a esta Loja, e o pacote está guardado por um espírito claro e um mulato.

Tomás e Aleijadinho iam como guardiões do presente, que me granjeou a feliz visita posterior de três membros da referida Loja.

Vinham convidar-me a visitá-los e dar entrevista numa sua revista.

Eu, contudo, procurava distanciar-me da Maçonaria. Tomás me dizia:

—Farás palestra numa Loja Maçônica.

Ao que eu respondia teimosamente:

—Não farei coisa nenhuma! Nunca vou marcar palestra neste local, pois não entendo nada disto.

—Contudo o farás, pois o livro “Confidências” tem trezentos e oitenta e seis citações cifradas, embora tu não o saibas!

Comecei a receber convites, mas declinava deles, não por preconceito ou temor. Apenas me perguntava interiormente.

—O que vou fazer lá? Não tenho nada a ver com isto.

—O tempo foi passando. Encaminhamos o livro “Desconte um Conto”, e depois “A moça da ilha”. Em 1982, como contei, saíra o primeiro de Zé Bento, o Microcópus, e o primeiro de Meimei, A Visão

de Joaquina, que meu esposo custeou e cujo pagamento só recebeu três anos depois, também totalmente defasado, sem juros e correção, o que o levou a dizer:

—Não conte mais comigo para lançamento destes livros. Não darei nem mais um tostão. Estes teus amigos espíritas não são honestos.

Quando aprontávamos o lançamento do livro Desconte um Conto, o Sr. R. deu a idéia de pedir uma apresentação a um autor espírita, que considerava idôneo e seu amigo, o Sr. C. Tomás não queria, porém a Editora enviou-lhe os originais. Ele era amigo do Sr.

W. e do Sr. J. R.

Estava eu viajando, fazendo palestras, quando, na residência da Sra. L. H., eu disse aos amigos:

—Amanhã chegará a Edicel uma carta de um articulista espírita, o Sr. C., atacando nosso próximo livro e tentando impedir sua publicação.

Expliquei, sucintamente, o que estava acontecendo e conclui:

—A resolução ficará por conta do Sr. Gianinni, mas sei que isto é um jogo de influências. Eu já sabia os nomes dos quatro homens que me atacariam, por isto, tal evento era perfeitamente esperado e Tomás me avisara, naquele momento, do envio da carta.

O que eu não sabia é que, entre os amigos convivas na casa da Sra. L. H. estava uma pessoa querida, que frequentava a mesa de Chico

Xavier. Eu vim para São Paulo, chegando na segunda feira.

O Sr. Ri. foi para Uberaba, e, em lá chegando, a esposa do Sr.

Weaker tinha levado um tombo, quebrara o fêmur, precisava ser cirurgiada, mas, tendo problemas cardíacos, não podia receber anestesia. Todo o pessoal espírita amigo estava em vibrações no Hospital. O Sr. Ri. também para lá se dirigiu, tentando auxiliar, e encontrou-se com Chico Xavier. Falou-lhe:

—Chico, um articulista, o Sr. C., segundo dona Marilusa, está

enviando uma carta, que deve ter chegado hoje à Edicel, tentando impedir a publicação de seu. livro “Desconte um Conto”.

—Mas é uma judiação o que fazem com esta menina! - falou o Chico, naquele seu modo terno - Fale pra ela vir à Uberaba ainda esta semana.

Foi assim que, nem bem eu chegava à São Paulo e o telefone tocava. Chico Xavier me chamava novamente à sua presença. E, na reunião de final de semana, pedi orientação para o livro Desconte um Conto e Sonata de Amor a 4 mãos. Novamente o espírito amado do Dr. Bezerra de Menezes voltou a nos dar o apoio indispensável.

Porém os 5 “azes de pau” não desistiriam de seu intento.

Realmente, a missiva que tentaria impedir o lançamento do livro “Desconte um Conto” chegou a Edicel, e o Sr. Gianinni respondeu-a com tal elegância e lisura, que jamais esquecerei.

Uma cópia de sua resposta enviou-me gentilmente:

“Ainda que não estivesse nos planos da Edicel o lançamento de tal livro, ainda que o mesmo não estivesse em composição, ainda que nada tivesse sido anteriormente decidido, resolvemos publicá-lo...”

Vinham palavras de agradecimento ao Sr. C...

O Sr. Gianinni foi um dos últimos “cavalheiros do século XX”, mas eu teria chance de conhecer outros, que um dia serão citados.

Procuramos colocar os nomes inteiros das pessoas, que nos mereceram consideração e respeito e só deixamos de citar os outros, para não ferir suscetibilidades ou expor amigos queridos à curiosidade alheia.

Tão logo foram lançados os livros Desconte um Conto, A moça da ilha e Sonata de Amor a 4 mãos, não observamos que o segundo opúsculo saíra sem as mensagens de apoio de Bezerra.

Foi um lapso de nossa parte, que aguçaria o ataque das pessoas sobre quem Tomás já se referira.

Quatro anos após o lançamento do Confidências, o ataque

veio virulento, primeiro em palavras melífluas, de elogio, como uma isca apetitosa, perguntas capciosas e, em seguida, os argumentos que esperávamos vieram com pretensões retumbantes. A resposta já fora arquivada, anteriormente. Os argumentos eram fracos e o próprio Dr. Tomás havia “inspirado” alguns deles que se constituem em uma defesa e demonstração estilística. É muito gratificante ver como o Plano Espiritual trabalha. Mas o melhor estava por vir.

Uma noite, Tomás levou-me a casa do Sr. C. Este datilografava um artigo em sua máquina, e o espírito amigo tomou do mesmo e mostrou-me.

Fez-me lê-lo, dando-me uma aula sobre o estilo do autor:

. —Observe como ele age. Primeiro “bale” qual ovelha. Seu interesse é a “verdade”, não quer atacar ninguém. A seguir, começa a atacar. Suas

frases de efeito são grifadas ou colocadas em letras maiúsculas. As palavras chaves são repetidas sempre, num estilo hipnótico para quem lê. Letras maiúsculas e pontos de exclamação e interrogação funcionam à base de adagas cortantes. Por fim, deixa uma dúvida no ar. Leu com atenção? Quero que lembres do artigo, pois ele sairá em nome de outra pessoa. Você saberá que se trata de artigo do Sr. C.

Não demorou muito e um jornal estampava o artigo que eu vira ser escrito, e, tal como fora avisado, vinha em um nome feminino, como carta de leitora.

Pedi a um “amigo” o endereço da missivista, para lhe responder. Tomás me informara que a pessoa não era amiga, e providenciaria o mesmo, pois havia um acordo, para saírem vários artigos, numa espécie de ping-pong, uns atacando, outros defendendo, claro que com argumentos fracos, nossa obra.

Neste tempo, tive muito esforço, tentando impedir meus amigos espíritas de responderem às críticas, dando assim “lenha à fogueira”, porque o que se visava era vendagem de jornal, escândalo, e, em nenhum momento, a verdade. Graças a Deus me ouviram. Enviei um recado ao Sr. C. pelo “falso amigo”, que fiz

pombo-correio:

— Pergunte ao Sr. C. se o fato de ratificar um artigo com nome feminino é alguma tendência homossexual, enrustida que ele tem.

Ele não me perdoou o seu desmascaramento, pois, quando o artigo de ataque saíra enviara-me uma carta anônima com a cópia do mesmo, onde escrevera: “Quem avisa amigo é”. E eu lhe respondera: “Quem não é amigo também avisa. Obrigado.”

Até hoje este senhor mantém o hábito de escrever artigos com pseudônimos e outros, numa batalha de confete entre autores, digna dos melhores carnavais do Rio de Janeiro. Recebi dele mais três cartas com nomes outros, que guardei em meu arquivo, sem perder tempo em responder. Nunca pensei incomodar tanto!

Neste ínterim, recebi uma carta a mim endereçada, através da Edicel. Pegando-a na mão, sem abrí-la, comentei com a Marilei, no metrô, vindo para casa:

—Esta carta é de um maçom, e só posso respondê-la mediunizada.

—Como a senhora sabe? - ela me inquiriu:

—Não sei como sei. Só sei que eu sei.

A carta era do Sr. José Costa Andrade, uma pessoa que se tornaria, com o tempo, num dos mais queridos e bondosos amigos que tenho. Através dele eu viria também a conhecer o Sr. Waldemar Oliveira Leal Rodrigues, irmão do Wallace Leal de Matão, que não tive a oportunidade de conhecer, quando encarnado, mas a quem muito admiro.

CAPÍTULO XIX- JOSÉ COSTA ANDRADE - (Um caso à parte)

Abri o envelope. Gentilmente o Sr.Costa Andrade me perguntava onde eu obtivera as informações sobre a Loja Maçônica do Tejuco.

No dia da recepção mediúnica, Tomás lhe respondeu, informando como se dava a manifestação. Depois entrou a comentar detalhes da vida particular do Sr.Costa Andrade. Falou-lhe de sua amizade por Tarquínio José Barbosa de Oliveira, e como sabia que ele acreditava que o mesmo nos teria passado informações.

Pedi que ele fosse até a viúva do Dr. Tarquínio e perguntasse se ela nos conhecia, dando informações particulares sobre os dissabores do seu amigo, sua morte; seu imenso trabalho, e a ligação de amizade entre os dois.

Em seguida, prometeu que, caso fosse de seu interesse, lhe daria os nomes dos partícipes da Loja e mais detalhes sobre o assunto.

A segunda carta do Sr.Costa Andrade revelava o espanto em que nossa resposta o pusera. Falava de problemas de saúde de uma irmã, pedia ajuda.

As respostas do Dr.Tomás para ele, demonstravam seu interesse por aquela pessoa que eu não conhecia, nem sabia quem era.

Íríamos mais uma vez à Ouro Preto, porém, antes, recebi a visita do Sr. Waldemar. Alguns mineiros estavam em busca da fazenda “Covão”, citada por Tomás no livro “Confidências”.

Conversamos em casa. Num dado momento, Tomás me informou que estavam procurando a fazenda no lugar errado, e, para mostrar isto ao Sr. Waldemar, perguntou:

—Tem o senhor aí o livro das Cartas Chilenas, fontes textuais do Dr. Tarquínio?

Admirado, o Sr. Waldemar abriu sua pasta e tirou o volume.

—Pode me dar, por favor? - pedi, sem que ele percebesse a interferência espiritual.

Há um pormenor interessante a narrar aqui. Quando “fico mediunizada por Tomás” não consigo ficar com nada de metal. Tiro brincos, anéis, pulseiras, colar e até relógio. Isto aconteceu sempre, desde o início do desenvolvimento mediúnico. Vim a esquecer e perder brincos, anéis, nas mesas de desenvolvimento, em várias oportunidades. Quando não tiro, as bijouterias se partem, quebram.

Ele chama isto de “despimento dos metais”. Portanto, quando, durante uma conversa, começo a tirar brincos, anéis, etc, minhas filhas se divertem, pois elas sabem que estou mediunizada, mas a pessoa com quem falo mal se dá conta.

Deste modo, pedi o livro que ele não me dissera ter na pasta fechada, tomei-o e abri-o “ao acaso”. Saiu uma passagem (9ª carta) que dizia:

“Pedi, Doroteo, o nosso amigo Alceo, que vestisse o pardo casacão, e fosse à fazenda Covão, jantar com ele...”

Comecei a explicar:

—Dr. Tarquínio pensava que Alceo e Doroteo eram a mesma pessoa, ou seja, o Dr. Cláudio. Suas pesquisas se realizaram a partir daí, e, por isto, deu indicações erradas. Doroteo é Cláudio, mas Alceo é Alvarenga. Senão, como falaria com Doroteo, comentando um convite de Alceo? Ora, se o convite é para jantar, e ele estava escrevendo em Ouro Preto, a Fazenda deve ficar por perto de Ouro Preto e não em S. João Del Rey, onde estão procurando e pertenceria ao Alvarenga, e não ao Cláudio.

Sr.Waldemar ficou pensativo. Prometeu que me enviaria livros do Dr. Tarquínio, a pedido do Sr.Costa Andrade.

Como iríamos a Ouro Preto, e eles morassem em Belo Horizonte, sugeri que fossem ver-nos lá, e eu poderia finalmente

conhecer meu agradável e matreiro missivista. Falo matreiro porque, durante muito tempo ele me preparou algumas “armadilhas” na correspondência, e, mesmo quando já o sabia um amigo e nos havíamos rendido um ao outro em plena camaradagem e carinho fraterno, ele ainda insistia em “mentir” sobre coisas que sabia, a fim de ver se eu descobria.

Fiquei finalmente conhecendo pessoalmente aquele querido amigo. Rumamos com o Sr. Waldemar à casa de D. Biela e D.

Esther, que moravam respectivamente na antiga residência do Dr.

Cláudio e do Mourão, onde Tomás fora preso.

Ali reconstituímos as cenas narradas no Confidências.

As duas senhoras foram muito atenciosas, mas não sabiam quem eu era.

Comentavam sobre “uma historiadora de S. Paulo” que teria falado de suas moradias.

Quando adentrei o quarto onde Tomás morara e fora preso, pedi-lhe mentalmente:

—Gostaria de dormir aqui, de ficar hospedada nesta casa.

—Prometo que farei o possível. - disse - e me instou a tomar nota do telefone da proprietária, já dando a entender minhas pretensões.

D.Esther, muito educada, informou-me que não aceitava hóspedes, pois tinha muitos filhos e netos que vinham passar as férias consigo.

Eu sabia que a casa tinha uma parede falsa, de um metro de vão, onde os inconfidentes se ocultavam. Sabia também de outros fatos, que, por hora, ainda não posso contar, infelizmente.

Era mês de julho. Em outubro, Tomás me disse que telefonasse, insistindo no pedido de hospedagem, somente para pouso. Ele já “dera um jeito” e, desta vez, a senhora cederia.

Telefonei.

Ela, a princípio negou-se, depois, inesperadamente, respondeu:

—Vou ceder o quarto maior aos seus filhos e o meu próprio à senhora e seu marido.

Marcamos nossa ida para lá. Ficamos uma semana. Choveu a cântaros todo o tempo. Acabei por poder tirar foto da parede falsa, como pretendia.

Devo informar que Tomás cumpriu todas as promessas que me fez até hoje. Que a última que faltava fazer, por insistência minha, e não promessa sua, se concretizou neste ano de 1993 deixando-me “ver” a aliança que foi de Marília de Dirceu, o que eu tentei durante 13 anos, procurando a pessoa que a guarda.

Somente agora, quando as “profecias” do Sonata se cumpriram, é que concretizei este sonho tão pequeno, mas tão importante para mim.

Mas voltemos ao amigo Costa Andrade. A nossa correspondência se ampliou. Meus filhos o chamavam carinhosamente de avô, e ele me chamava, tal como o Sr. M. e alguns hansenianos, carinhosamente de “mãe.”

Por causa de nossa amizade com ele, minha família foi passar um final de ano em Diamantina, cidade que ele adorava, muito mais que Ouro Preto.

Por causa dele, fui às outras cidades, sempre lhe dando informações. Passei-lhe os nomes e o desenho da Loja do Tejuco.

Tarquínio se manifestou, dando-lhe uma mensagem. Ele a reconheceu pelos dados contidos que só lhe eram pertinentes.

Tenho toda sua correspondência amiga, e estas confirmações.

Uma das suas últimas mentiras, referia-se a ter dado meu endereço a duas pessoas, uma era seu genro, que nos escreveu com nome falso e um outro historiador mineiro, cuja idoneidade não o recomendava. Argui-o quanto a isto, quando, durante um almoço em Ouro Preto, ele me fez uma proposta, do tipo barganha:

—Eu lhe digo quem é o Sr. Epifânio (nome falso) e a senhora me dá a inicial de quem teria sido o Dr. Tarquínio (letras de A a D).

Aquilo me indignou. Na mesa estávamos eu, meu esposo, meus filhos, Sr. Waldemar e esposa, e ele. O silêncio era constrangedor. Meus meninos, entendendo o alcance do que ocorria, me olhavam. Todos esperavam uma atitude minha.

—Quanto ao Sr. Epifânio, estou “careca” de saber quem é. -lhe respondi. - Tenho até uma “Carta Chilena” que mostrei ao Sr.

Waldemar quando foi em casa, em resposta a ele, e lhe dou a cópia.

O senhor não precisa barganhar comigo, nem chantagear, para obter informações. Isto não se faz com amigos. Se eu puder lhe dizer qualquer coisa, lhe digo. Não lhe dou as iniciais de quem foi seu amigo Dr. Tarquínio. Lhe digo com todas as letras. Ele foi o Dr

.

Cláudio Manoel da Costa!

Minha zanga era sincera. Eu vinha mantendo um contato amigo, auxiliara o desencarne de sua irmã Jaci, escrevera à sua sobrinha Alice, vinha amparando seu irmão Sinval, preocupava-me com sua saúde, que sabia abalada, comentava suas dores morais.

Não havia razão para aquilo.

Mais tarde, vim a conhecer sua filha caçula, que esteve em casa, sua nora, filho e netos.

Trocamos fotos de família. Assistiu a uma palestra minha (sem prestar atenção, durante a pintura mediúnica) no Centro Espírita Daniel Silva em Diamantina, mas ainda me mentiria mais uma vez.

Certa ocasião, estávamos almoçando no Grande Hotel e eu falava de uns fornos que eu vira espiritualmente, durante uma psicometria de uma pedra que pegara na Fazenda do Manso, quando ficara conhecendo finalmente D. Guida e vira a casa quase a ruir que fora do cunhado de Marília, e onde ela dera à luz, seu filho Anacleto.

Estávamos justamente falando disto, quando um jovem senhor, atraente, parecido com Dr. Tarquínio passou e cumprimentou o Sr.

Costa Andrade.

—Sabe quem é? - perguntou-me ele.

—Não. Mas parece o Tarquínio.

—É seu filho.

—Fez um sinal para o mesmo e o apresentou a mim.

Aproveitei e perguntei:

—Por favor, satisfaça minha curiosidade. Tem lá no Manso uns fornos, como se fossem para cozer tijolos, redondos, no meio do mato, perto de uma clareira, onde há uns coqueiros e umas ruínas?

—Sim. O Sr. Costa Andrade já os viu. A construção antiga meu pai pesquisou. Deve ter sido algum bastião bandeirante. Não há informações a respeito.

Olhei para meu amigo. Meus olhos deveriam estar fuzilando.

Ele me mentira quanto àquilo, testando-me mais uma vez. Por que o fazia?

—Poderia visitá-los? - perguntei.

—Creio que não haveria nenhum inconveniente. - falou gentilmente o Dr. José Carlos. - Mamãe chega amanhã do Rio de Janeiro. Aqui tem seu telefone.

No dia seguinte, contratei o táxi do Sr. Anibal Lomas e nos fomos para o Manso, onde bondosamente D. Guida, com uma filha, nos recebeu. Caminhamos na direção do mato, passamos pelos currais, fomos em frente, até chegarmos aos fornos e às ruínas.

Tudo aquilo era encantador, mas o meu amigo Sr. Costa Andrade levou um “sabão”, por não haver me contado, por me haver mentido. Era a última vez, contudo, que me testava.

Eu continuava a temer por sua saúde. Quando estivéramos em Diamantina, numa tarde, enquanto ele descansava, após o almoço, eu demandei uma residência onde tinha sido encontrado uma pedra com inscrições incas, e indicação do culto ao Deus-sol. Vi as fotos

Depois fui até outra residência onde haviam achado um cálice de ouro branco, todo com desenhos em escamas, da princesa inca Acaiaca.

No último dia de nossa estada lá, chovia a cântaros. Da janela do hotel comecei a verificar as montanhas. Do nosso quarto, e somente dali, se avistava uma abertura triangular, na rocha. Dei todas as indicações ao Patrimônio Histórico e aos amigos do Sr. Costa Andrade. Quando voltei, anos depois ao local, o triângulo havia sido retirado. Ficara apenas sua marca na rocha. Contra a promessa feita, haviam pesquisado o local, sem me chamar. No dia em que o fizeram, eu os via à distância, sem poder fazer nada.

Creio que as pessoas em que pude realmente confiar em minha vida são tão poucas, que não conseguiria com elas enumerar os dedos de minhas mãos.

Anos depois, eu sempre enviava os novos volumes ao Sr.

Costa Andrade, contava nossas decepções e lutas, ouvia suas palavras de incentivo, apresentei-lhe minha amiga, a Sra. Beatriz, e recebi dele, e através dele, muitos documentos que ratificavam o Confidências. Dr. Tarquínio prometera, numa reunião mediúnica em Ouro Preto, que viriam volumes seus. Pensei que o recado era para o pessoal espírita de lá. No mês de abril seguinte, recebi sete volumes dos Autos da Devassa. Pedi ao Sr. Costa Andrade que os datasse, para documentar que me teriam vindo às mãos após a publicação do livro mediúnico. Depois me chegariam os três que faltavam da coleção. Outros viriam, até um inédito que fora do Dr.

Tarquínio, sobre as Obras Completas do Dr. Tomás e o Tratado do Direito Natural, volume II com anotações do Dr. Tarquínio. Este espírito mesmo me fez vir às mãos as “Cartas Chilenas, fontes textuais.” Fiquei encantada, vendo como ele conhecia os personagens, como a sua memória mnemônica de vidas passadas o traía até mesmo na apresentação, de como ele nos obsequiava com volumes raros seus, dando-nos subsídios, e, há alguns anos, como eu pude conhecer sua filha e seu neto, incentivando-os na “busca de suas verdades”.

Finalmente, meu amigo teve um derrame cerebral. Recolhido numa clínica não mais o pude ver. Faleceria num mês de abril, tão marcante na história do Egito, de Roma e do Brasil. Eu nunca lhe dissera, por mais ele me pedisse. Ele fora a encarnação do Sr.

Hipólito José da Costa. Por isto sabia da existência de uma Loja Maçônica do Tejuco. Fizera parte dela. Fora preso na Barra de São Julião, com o Vieira Couto. Somente um deles poderia ser solto pela Maçonaria. A escolha caíra sobre ele. Inconformado, fora para Londres, fundara O Correio Brasiliense, propugnara desde 1808 pela Abolição da Escravatura. Culto e corajoso, nesta vida não mediu esforços para provar a participação de Vieira Couto na Inconfidência. Admirava-o profundamente. Adorava Diamantina.

Atacava com galhardia a Inquisição. Vi a prisão onde ficara, em Lisboa, neste 1992 que acabou. Ele mesmo mostrou-a ao lado da Torre de Belém. Sem sua indicação eu jamais a encontraria.

Bondoso e querido amigo, que continua a acompanhar nossa trajetória animando-nos, junto com outros a dar prosseguimento às tarefas.

Vieira Couto foi na última encarnação o diplomata brasileiro Sergio Vieira de Mello, que morreu num atentado em Bagdá.

CAPÍTULO XX - UM ARDIL INTELIGENTE

Quatro anos após o lançamento do Confidências, enquanto não saía o esperado “ataque” programado ou anunciado pelo Dr

Tomás, eis que ele me aparece e informa:

—Vais fazer uma palestra numa Loja Maçônica. Mas não temas, estaremos contigo.

—Não vou fazer palestra em Loja alguma. - respondi imediatamente. - Já lhe disse que não sei como agir lá, não conheço ninguém e não vejo razões para isto. Divulgo o Espiritismo. Já bastam as palestras nos Centros Espíritas.

Ele sorriu, como sempre faz quando eu teimo com ele, e insistiu:

—Não temas. Estejas preparada, apenas.

Ora, eu havia recebido vários convites para palestras durante aquele ano e agendara algumas. Entre estas viera a de um senhor, que se identificara como espírita, falara da obra assistencial de sua cidade, e fora recomendado pelo Sr. J. um querido amigo, que eu conhecera em Penápolis, desde os 13 anos de idade, e a quem carinhosamente chamava de "tio". Marcara a data. O assunto seria Inconfidência Mineira.

Quinze dias antes do dia apazado, chega-me pelo correio um aerograma impresso, com o convite:

“A Loja Maçônica Antonio Francisco Lisboa tem a honra de convidar V.S. e Exma. Família para... a palestra da médium Marilusa Moreira Vasconcellos... etc....”

Li, reli o convite, surpresa. Quando eu marcara o evento, Jamais me passara pela cabeça que iria falar a convite de uma Loja

Maçônica.

Estava ainda aturdida, pensando em que não poderia deixar de honrar tal compromisso, pois o evento estava em cima da hora, por assim dizer, quando vi Tomás, rindo do meu espanto e susto!

—Eu te avisei - falou-me docemente. - Olha, Marilusa, isto para compensar os ataques que virão. Enquanto alguns “espíritos” de fachada te atacam, a Maçonaria estará inaugurando uma Loja com o nome do Aleijadinho, por causa de tuas informações, também em Campinas uma com o meu nome... Gostou da surpresa?

—Eu não sei o que irei fazer lá... - comentei - Isto foi uma cilada!

—Por que não chamas antes de um ardil? - perguntou-me sorrindo.
- Estaremos contigo - arrematou.

Naqueles dias, apareceu-me também uma outra entidade, da qual ainda não falei. Tratava-se de um antigo bispo de Ouro Preto, que vinha nos perseguindo e também a vários outros membros interessados na Inconfidência Mineira. Sua atuação trevosa, firmada por vários grupos que se lhe afinizavam, muito nos atrapalhava.

Pois me apareceu e ameaçou:

—Você vai ver o que estou aprontando para você! Vou criar uma briga feia entre você e sua “protetora”, sua “mãezinha espiritual.”

Eu sabia que ele se referia a D. Regina de Barros Moura, fundadora da Casa do Caminho. Conhecendo-lhe a manha, achei de bom alvitre, avisar a minha “protetora”, pois não permitia que nada a pudesse aborrecer. Deste modo, durante nosso encontro, falei-lhe do espírito em questão e de sua ameaça. Ela riu, no seu modo franco e gostoso, e respondeu:

—Ele está perdendo seu tempo!

Na semana seguinte, saiu o primeiro artigo nos atacando por um jornal “espírita”. Levei-o e mostrei-lhe a resposta antecipada que eu

tinha na gaveta. Ela falou com dois amigos advogados, que disseram que poderíamos solicitar o mesmo espaço no referido jornal para nos defendermos.

—Tomás me diz que não devemos responder nada, por hora,

e sim, trabalhar mais. Além disto, um jornal de tal quilate não terá um artigo nosso, a menos que pague. E nosso preço ele não pode pagar. (eu me referia à honradez e amizade.)

Ela, então, enviou um recado ao articulista:

—Diga ao Sr. J. R. que, para chegar à Marilusa, ele terá que passar por mim. E ele sabe o que isto significa.

Ora, eu havia comentado, antes do artigo sair:

—Se minha presença na Casa Espírita causar qualquer aborrecimento, antes prefiro ausentar-me que causar qualquer coisa. Assim, se a senhora e os companheiros desejarem, ausento-me das tarefas. Sabem que sempre posso trabalhar no bem, seja ou não dentro do centro.

—Que é isto, minha filha? Todos aqui gostam muito de você.

Ninguém vai aceitar nenhum ataque. - ela respondera.

No dia seguinte, contudo, quando o artigo saiu, ela me chamou séria, contando:

—Pois não é que uma pessoa veio com o jornal a me dizer:

“

A senhora dá tanto apoio à esta moça e olha o que está aqui escrito sobre ela.”

Ao que eu respondi:

—Me admira que o senhor venha me trazer este lixo! A Marilusa tem e terá nosso apoio.

Contou-me tão indignada que até hoje me lembro da expressão de seu rosto. Contar com ela, com o comandante Armond, com D. Pia

, vô Marchese, Benedita Fernandes, Bezerra, Meimei, e tantos outros é muito mais do que mereço. Tenho-a visto muitas vezes, desde que partiu, e dela continuo recebendo o carinho, apoio e

esclarecimentos que necessito, bem como de outra querida médium, mãe Doca.

Chegou finalmente o dia da palestra na Loja Maçônica. Falar dos meus temores seria redundância, pois, toda a vez que vou uma delas, fico me inquirindo o que vou lá fazer.

Participei de uma sessão branca. Ficara hospedada em casa

do Sr. P. Quando chegou o momento de entrar pensei:

—Melhor entrar com o pé direito. - superstição corrente entre o povo.

Mas, contra meu pensamento, entrei com o pé esquerdo, caminhei firme, dando a direita ao livro, fui até a lateral do altar encaminhei-me à cadeira que me fora reservada. A outra, que estava no meu lado esquerdo, estava vazia. A pessoa que deveria sentar-se ali não comparecera. O espírito do velho que chamo "Venerável" sentou-se nela. Assisti, então, a um fato inusitado, curioso, engraçado mesmo, para mim que sou leiga no assunto.

O “velho” fazia um gesto. Eu o observava e repetia o mesmo.

Os homens da Loja se entreolhavam assustados. Percebi que “ele” estava passando mensagens, por assim dizer. Como confiei nele sempre, repetia seus movimentos.

Ao final, fui apresentada ao Grão Mestre Sr. Orfeu Baraventi.

Presentearam-me com a obra completa de Kardec. À saída, Sr.

Orfeu despedia-se, informando que não ficaria para a palestra da noite, e eu, mediunizada, disse-lhe uma frase. Ele me olhou fundo nos olhos e falou:

—Ficarei, pelo que disse!

Eu, contudo, naquele mesmo instante, deixei de saber o que acabara de pronunciar. Apagara-se de minha mente o que falara.

À noite, no prédio da Câmara de Indaiatuba, as cadeiras estavam lotadas e eu queria que “a terra me engolisse”.

Tomás se aproximou, olhou minhas anotações e disse:

—Não vai falar nada disto. Hoje a festa é do Aleijadinho. Só falará dele.

—

O que? - pensei - sobre ele, por certo, só terei vinte minutos de palestra, do que posso me lembrar.

Ele sorriu e disse:

—Não se preocupe.

Daí para a frente foi ele quem falou. A palestra durou uma hora e vinte minutos e versou quase que exclusivamente sobre o Aleijadinho. Muitas das coisas que dissemos, então, nem estão narradas no “Confidências” e os gestos também foram comandados por ele.

Jamais esquecerei aquele dia. As pessoas amigas, meu querido tio João e tia Dulce, de Ribeirão Preto, o Sr. Orfeu I3araventi, cuja dignidade e alta espiritualidade me marcaram, o Sr.

Paulo, Bocaiúva e outros, o pessoal da Caravana Jesus Gonçalves, tudo tão marcante na minha retina espiritual.

Anos mais tarde, uma nova Loja se inaugurava em Bauru, com o nome do querido Aleijadinho. E ele mesmo desenhou seu dístico, através de nós.

Ainda teria muitas surpresas com os irmãos maçons. A maioria foi profundamente gratificante, esclarecedora, propulsora dos meus melhores sentimentos e ideais. Apenas um Judas se apresentou uma vez, para nos testar na escolha feita, mas não lhe demos “corda”. Pelo menos não eu.

Tão logo saíra o ataque à nossa literatura espírita pela imprensa, Chico novamente nos chamou. Quando chegamos à Uberaba, na noite anterior, Bezerra já dera uma mensagem de apoio, para ser colocada nos livros.

Mesmo sem minha presença física na reunião, a mensagem viera e um amigo guardara-a para mim.

Jamais poderei pagar ao plano espiritual o amparo que nunca nos regateou.

CAPÍTULO XXI - RADHU

A escrita vinha de forma mecânica e semi mecânica. Os livros infantis não encontravam acolhida na Edicel e o Sr. Gianinni estava doente. Sabíamos de seu martiriológico e não podíamos insistir pra que cumprisse o prometido a nós. Para cada edição de um livro de adulto, que também se lançasse um infantil. Estávamos já quase na 10ª edição do “Confidências”, saíra o “Desconte um Conto”, o “Microcólus”,

lançáramos “A visão de Joaquina” e “A moça da ilha” em quarta edição, quando ele desencarnou. Esperamos que a família se reestruturasse e, um ano após seu desencarne, começamos a cobrar as providências para a publicação da obra de Lobato.

Contudo, as respostas não vinham.

Quando orávamos víamos as prensas imprimindo.

Inquirido, o novo diretor da Edicel não prometia providências. Não conseguíamos entender. Já estávamos a ver as prensas por uns dois anos quando, um dia, percebendo Tomás ao lado delas, entendi finalmente:

—Você está brincando! Não quer que saíamos publicando os livrinhos, não é?

—Como você demorou a entender. - foi sua resposta.

—Mas eu não entendo nada disto!

—Também não entendia nada de livros, nem de Maçonaria, como vê...

Comecei a me privar do indispensável, para angariar dinheiro, a fim de lançar o livro infantil. Juntei uma quantia razoável, com sacrifício. Um dia, quando me dirigia à Casa do Caminho com Mayra e João Marcos, pequenos, para a Evangelização Infantil e palestra, um carro, em alta velocidade, enganchou o para choque do volks (fusquinha), arrastou-nos, abalroando a lateral e jogando-nos na pista, no sentido da contra-mão.

Eu tinha a impressão de que um avião tinha descido na pista, tamanha a violência do choque.

Tão logo parei, observei meus filhos e pedi a uma senhora que ia ao Centro que os levasse, indo verificar o que ocorrera com o outro motorista. Fora os estragos materiais, grandes, estávamos aparentemente bem. A senhora abalroante, sugeriu que cada um ficasse com sua despesa. Aceitei. Ela, contudo, saiu a telefonar e “subornou” um empregado de uma marcenaria próxima, pensando ganhar a causa. Quando retomou eu tomara o livro Palavras de Vida Eterna, no banco do carro e sorteara. Saíra um trecho que dizia mais ou menos assim:

“o carro é um excelente veículo de transporte, mas, se alguém imprime velocidade excessiva ao mesmo, o desastre sobrevém.”

Meditei. Eu estava parada, esperando para atravessar. A senhora, em questão, saíra às pressas de sua casa, para levar alguém a um Hospital. Vinha voltando com pressa para sua residência, e agora, estava prestes e “me aprontar” alguma. Em torno do carro alguns espíritos de roupas longas e negras, mãos e caras de caveira, presos por correntes e cinturões de ferro à cintura, me intrigavam. Muito depois, entenderia que eram remanescentes dos antigos cimbros, dizimados por Mário, o militar, que seria, mais tarde, nosso Tiradentes. Quando recebi o livro De Mário a Tiradentes é que entendi o que vira, naquela ocasião.

Amigos do Centro, que ficava naquele quarteirão, tinham testemunhado o acidente. Pedi que vibrassem por mim. A resposta de D. Regina veio por uma delas:

—Vai ser mais de meses de desobsessão para as entidades envolvidas no evento.

Houve ocorrência, processo. Meu esposo, assustado com as proporções do acidente me recriminava:

—Por que isto aconteceu quase às portas do Centro Espírita?

—Você é um perigo dirigindo. Não deve mais dirigir carro.

Percebi o envolvimento e não me deixei dobrar. Ele, contudo, negou-se a pagar o conserto do carro. Com isto, metade do que eu havia ajuntado com sacrifício, iria para o conserto.

No dia de pagar o funileiro este não aceitou cheque. Eu já recriminara João quando trouxera o mesmo.

—Não me parece honesto!
—Você tem mania de olhar para as pessoas e achar que sabe tudo! -
ele respondera.

Deste modo, precisei ir ao banco e sacar a alta quantia do pagamento. Deixei-a na gaveta do quarto e fui fazer uma feira.

Minha mãe e uma tia viriam àquele dia almoçar em casa.

Saí, e João insistiu em me acompanhar, pois, dizia, eu “era um perigo”. Podia me acontecer qualquer coisa. Parecia que ia cair morta a qualquer momento. O acidente parecia haver desestruturado nele algo, fragilizado seu relacionamento, sua segurança.

Acompanhou-me à feira.

Ao tornarmos, um vizinho estava na garagem:

—Tem um ladrão aí dentro!

Fora, uma jovem que às vezes me ajudava, e minha caçula, de camisola, sob o frio da garoa paulista.

—Como foi isto? - perguntei:

—O homem disse que vinha fazer um orçamento. - falou ela.

-

Como eu podia saber? Deixei-o entrar.

Mais tarde, eu saberia que a pequena Mayra, com apenas cinco anos, acordara e, dando com o desconhecido a revirar gavetas em nosso quarto, descera as escadas e recriminara a Cida:

—Cida, aquele moço não está fazendo nenhum trabalho para meu pai! É um ladrão!

Assustada, a moça pedira proteção ao Dr. Tomás, que sempre era citado em casa. Já havia levado para o estranho faca, escada,

tudo o que ele pedira. Ele subira no alçapão do forro no banheiro e, naquele momento, fingia mexer na pia do mesmo.

Entre ele e a porta, estava a escada. A chave estava do lado de fora da mesma.

Rapidamente Cida raciocinou. Puxou a porta. Trancou-o dentro do banheiro, onde ele pretendia prendê-la e à menina, e saíra a buscar socorro.

Meu esposo e seu amigo, Sr. J. E, nosso vizinho, entraram armados, dizendo serem da polícia, abriram a porta, retiraram o rapaz, branco de susto. Eu orava, queria que ele e as entidades que haviam vindo com ele fossem embora.

Ele apresentou uma carta ,onde ‘ nós ‘ pedíamos um orçamento de serviço. Nosso nome, endereço, tudo correto. Apontando-lhe a arma, meu esposo pediu-me ligasse para o número da “firma” que o enviara. Do outro lado, uma voz confirmou tudo.

Após revistar o rapaz, meu marido deixou-o ir, repreendendo-o

Nisto, Cida desceu do andar superior, trazendo dois revólveres nas mãos. Ao ver isto, perguntei-lhe:

—Onde apanhou isto?

—No box do banheiro. - respondeu-me.

O rapaz, que entrara em nossa residência, pegara os dois revólveres do meu marido, no quarto. Ele e meu vizinho haviam corrido

sério risco, ao abrirem a porta do banheiro.

Diante disto, meu esposo subiu correndo as escadas.

Voltou pálido.

—O dinheiro não está mais na gaveta! Ele levou! Mas como, se nós o revistamos?

No mesmo momento, eu vi os pés do rapaz e respondi:

—Dentro das meias, nos sapatos!

João e eu saímos a correr, tomamos o carro e rodamos na

s

circunvizinhanças. Nenhum sinal do moço. Provavelmente havia algum carro nas imediações esperando por ele, ou, quem sabe, fosse bom na corrida.

Com isto, tive que sacar o restante do que havia duramente economizado. Consertei o carro.

O processo correu e, ao final, o ganhamos. Havia se passado dois meses e recebi um pouco menos da metade do que fora levado. Eu havia discutido com as entidades que me assistem.

Achava um absurdo que, depois de tanto sacrifício, o retorno fosse tão desastroso.

Lembro-me que estava conversando com eles, e depois orei sentidamente. Pensava. Se, ao menos, conseguisse dinheiro para comprar o papel necessário para lançar o livro “De Mário a Tiradentes”.

Enquanto orava, desdobrei. Vi-me dentro de um templo, muito exótico e estranho, no qual identifiquei um estilo tibetano e indiano.

Era muito rebuscado, cheio de colunas estreitas, altares, e neles eu via aqueles finos incensos, e a fumaça que se evolava deles. Sentia uma fragrância. Percebendo o transporte para este local, fiquei admirada. Nisto, pelo altar principal, entraram dois amigos meus.

U

m me dera o nome de Lu Shin e o outro eu chamara, desde o primeiro momento, de Venerável, era idoso, com longas barbas brancas.

O velho aproximou-se de mim e falou, amorosamente:

—Você não tem o papel, porque desperdiçou muito.

—Desperdicei muito? - perguntei indignada. - Você é testemunha que eu me privei de um doce, de um pãozinho, de sapatos e roupas, de passeios, de faxineira e empregada, economizei no sabão, utilizando as sobras da água da máquina de lavar para limpar o chão, fiz tanta coisa e você me diz que sou desperdiçada?

Ele, pacientemente, continuou:

—Onde estão os papéis dos seus primeiros rabiscos infantis?

Seus primeiros cadernos, livros, rabiscos, anotações? Onde ficaram as milhares de embalagens domésticas, do sabão, sabonete, pão, papéis de embrulho, rascunhos, caixas, pasta de dente? Veja você.

Há muita gente que vive praticamente deste lixo· que vocês diariamente jogam fora. - e ele me fazia ver, à distância, as multidões de seres, em extrema miserabilidade, vivendo assim. Enquanto houver infelizes assim, vivendo das sobras do “seu” lixo, você não tem o direito de reclamar, por não ter meios de comprar papel para editar os livros.

—Mas vocês querem que se edite, e eu tenho feito tudo o que posso! Se acha que tudo isto se deve ao fato de eu “haver desperdiçado” demais, vou começar a juntar todo o lixo meu e de amigos, para repor o que, segundo você, deitei fora... - argumentei.

—Não é isto que desejamos que faça. - continuou ele. - Na verdade, seu tempo nos é demais precioso para que se dê a tal tarefa.

—Mas, mesmo assim, é o que vou fazer! Deste modo, não poderá me culpar, por não conseguir editar os livros.

— Minha filha, - falou ele pausadamente - o que desejo que entenda é outra coisa. Pense bem. Se estas coisas materiais não se perdem, pois, você joga fora e outros se beneficiam com isto, e, mesmo que não fosse assim, serviria a aterros sanitários, apodreceria, se transformaria; de algum modo, estas coisas materiais não se perdem. Ora, se isto, que é material, não se perde, você acredita que o que lhe damos, que é de ordem espiritual, e, portanto, tem muito mais valor, se perderia ou dependeria de você, exclusivamente, para seguir sua destinação?

Compreendi o que ele queria dizer, mas o ouvi argumentando ainda:

—A publicação dos livros depende de nós, mais do que de você!

Depois de todos os aborrecimentos pelos quais eu passara, por mais que eu quisesse e pudesse raciocinar naqueles termos, a

chei que estavam exigindo demais de mim e fazendo pouco caso do meu esforço em atendê-los, e respondi:

—Muito bem! Já que depende de vocês, vou, simplesmente, cruzar os braços. E, para compensar o que “joguei fora”, vou mesmo juntar sucata!

O’ “velho” percebeu que não me demoveria.

Nisto, Lu Shin, aproximou-se de mim e falou brandamente:

—Minha filha, você terá tudo, quando tiver Radhu.

Ao ouvir o estranho nome perguntei-lhe:

—O que é Radhu?

Ao que ele respondeu

—Radhu é Renúncia, Abnegação, Desprendimento e Humildade!

Levei um choque tão profundo com a revelação, que tornei ao corpo, com total lembrança do desdobramento consciente. Na minha teimosia adotei aquele lema, mas, comecei a ajuntar “bagulho”. Vendia tudo: latas, papéis, alumínio, roupa usada, sapatos. Aos espíritos eu respondera:

—Vocês querem livros publicados? Tó! - e dera-lhes com o braço o sinal de uma “banana”.

Calculei, pelo preço dos papéis, que teria que juntar 43.200 kilos para a compra do papel necessário para a 1ª. edição de 3000 exemplares do livro De Mário a Tiradentes, ou 38.300 kilos de jornal, segundo o preço da época paga por um lixão próximo à minha casa.

Por mais os espíritos me instassem a que não o fizesse, comecei a longa venda, anotada em cadernos, dos quilos que eu conseguia. Devo informar que demorei oito anos para juntar a quantidade de toneladas

exigidas, e os últimos 700 kilos, do último ano que recolhi tal material, não me foi pago, pelo dono do depósito de sucata, ou “reciclável”.

No entanto, enquanto o fazia, inúmeros foram os espíritos que desencarnados em penúria nas ruas, eram-me trazidos e auxiliados, cada um de um modo diferente, com uma história marcante. Com isto, acabei por conhecer o Grupo Francisco de Assis, de assistência aos mendigos da capital, e me liguei a eles.

Quando recebi a quantia, na época, de vinte mil cruzeiros, referentes ao pagamento em juízo pelo abalroamento do fusquinha, eu nem pensei duas vezes. Dissera aos espíritos que não “moveria uma palha” para publicar os livros. Lembrei-me de uma jovem que falara comigo pelo telefone, professora de música, deficiente visual, no programa do meu querido amigo Gilberto Aiello, na Rádio Boa Nova de Guarulhos. Ela me escrevera algumas vezes. Eu telefonei para uma sua vizinha e informei que estava enviando, pelo Itaú, uma ordem de pagamento para ela no valor que recebera. Muito tempo depois, ela me confidenciaria que aquele dinheiro lhe chegara em boa hora, após o desencarne de seu pai e ela passando por dissabores financeiros.

Não houve argumento capaz de impedir-me o gesto. Se a publicação dependia dos espíritos, eles que “se virassem.”

E, como eu jamais imaginara acontecer, eles fizeram isto mesmo.

CAPÍTULO XXII -LOBATO EM LINHA DIRETA.

Enquanto eu continuava vendendo papéis velhos, recebendo livros, quadros, mensagens, mas nada mais entregando a Edicel, pela não publicação da obra infantil de Lobato, eis que o mesmo se mostra, numa outra cidade à minha amiga Lucia Helena, em sonho.

Em razão disto, ela me telefonou, informando:

—Não sei o que estão programando, mas Lobato me apareceu em sonho e pediu que você trouxesse os livrinhos dele para aqui. Quem sabe a gente dá um pulo no Chico, ou em algum outro lugar? Você tem alguma idéia?

Eu não tinha nenhuma idéia a respeito, pois "empacara" no assunto, mas, já que "eles", os espíritos, estavam "se virando" eu

pagaria para ver no que ia dar.

Deste modo, viajei até a cidade de minha amiga com os originais dos primeiros livros infantis.

Aqui é preciso que se abra um parênteses. Eu havia entregue anteriormente, em 1980/1981, os mesmos ao Sr. W., que não m'os devolveu, mesmo sob meus constantes pedidos.

Um dia, estando desesperada, pensando em os haver perdido

pedi ao meu marido:

—Você não poderia fazer alguma coisa para eu ter os originais de volta? Ele sabe que não lhe darei mais o “Confidências”, não lhe entregarei nenhum tostão, não sei porque não devolve os

mesmos.

Meu esposo pensou um pouco e respondeu:

—Sei de um jeito de conseguir os livrinhos de volta, só que,

se eu fizer o que estou pensando, este senhor não vai te perdoar nunca!

Nem fiquei curiosa com o assunto. Respondi, decidida:

—Faça o que tem a fazer, mas traga os livrinhos de volta!

Daí há instantes, meu esposo ligava para o sr. W. e deixava o seguinte recado:

—Diga ao Sr. W. que tenho um negócio a lhe propor que lhe renderá muito dinheiro. Favor ligar para Sr. Vasconcellos, número...

O estratagema deu resultado. O homem que não respondia a meus apelos há seis meses, em dez minutos telefonava a meu marido, que lhe disse:

—Aqui é o esposo da Marilusa. É sobre os livros infantis que ela lhe deixou, que, acreditamos, podem dar muito dinheiro, se for feita toda a programação dada através deles.

Não é preciso dizer que, no dia seguinte, um "boy" trazia os mesmos com uma carta, para que eu assinasse, afim de ter de volta o que era “meu”, na qual eu era informada que a “comissão doutrinária” não apoiara as historinhas. O lava-mãos de Pilatos usava o sabão do anonimato, em forma de “comissão.”

Apesar de “rir muito” do estratagema utilizado por meu esposo, eu sabia que, daí em diante, eu podia contar com um “coveiro a mais” de minhas esperanças, ainda que ele se batizasse de “comissão doutrinária”, ou coisa que o valha. A escolha da Verdade nos impede de fazer conchavos, política, armações no meio espírita e não nos deixa iludir com quem age deste modo. Procuro, ao menos, não me deixar magoar, ou desiludir com as pessoas por causa disto. Afinal, o mundo tem surpresas mesmo, umas agradáveis, outras não, e nós também não somos perfeitos.

Mas, voltemos ao recado em linha direta do Lobato. Sem saber porque me chamava fui à casa da “Lu”. Revi meus queridos Tio João e

Tia Dulce, a quem venho devendo tantos e inúmeros favores, por tanto carinho e apoio recebido, conheci novos amigos.

Conversando, resolvemos \’dar um pulo\’ em Uberaba. Infelizmente, para nós, o Chico, adoentado, não apareceu no Centro àquela semana.

Em casa de nossa amiga Conceição, em três colchões no chão íamos dormir eu, Lu e Aldenira, outra amiga. Caí na besteira de comentar com as duas:

—Já que não deu para ver o Chico na matéria, vou em espírito dar um pulo à casa dele.

Antes não tivesse feito o comentário! Lu, zangada, falou:

—Não senhora! Que é isto? De jeito nenhum! Como é que você pode si quer pensar em ir incomodar um homem destes?

Ora, eu me lembrava que, na terceira vez que fora ao Chico, Lu estava comigo, havíamos entrado na casa do Chico com o José Paulo Virgílio, e o médium, naquela sua bondade, comentara:

—Marilusa, lindo o “Confidências”. Para mim, você viveu lá...

em Ouro Preto.

Isto vinha confirmar um amontoado de informações que vínhamos tendo em diversos núcleos espíritas, e Lu, rindo muito, comentara:

—Viu, bebê! Estava duvidando?

E agora, quando eu simplesmente falava de um desdobramento inocente, ela parecia uma fera acuada:

—Se depender de mim, você não vai a casa do Chico não!

Realmente. Eu dormia, tentava sair do quarto e as duas me impediam, uma de cada lado. Eu voltava ao corpo e, admirada, ouvia a Aldenira e a Lu, como que “conversando dormindo”. Dizia uma:

—Você viu a Marilusa?

E a outra respondia:

—Por aqui não passou! Eu não deixo!

No corpo, como que escondida, eu me surpreendia com o fato que estava acontecendo. Fiquei horas acordada, vendo o esforço das duas em me procurar. Eu fingia dormir. Já quase amanhecia, quando uma se virou para a outra e falou:

—Acho que ela escapou e não a vimos.

—Vamos ver na sala. - respondeu a outra.

Eu as vi sair em espírito do quarto, e rapidamente, saltei pela janela e “voei” para a casa do Chico. Quando cheguei ao portão e o transpus, um espírito que eu não conhecia, mas cuja elevação pude perceber, me barrou a entrada:

—Vens incomodar um homem doente? - perguntou austero.

—Não! Vim falar com um espírito são! - respondi.

Ele se surpreendeu com minha resposta e deixou-me entrar.

Creio que eu não estava sozinha no tentame, mas não me lembro de ter visto outra entidade comigo. No entanto, deveria haver pelo menos duas, a saber, Dr. Tomás e Lobato, que armara a trama.

Em razão disto, Chico logo veio à varanda e conversamos até o sol raiar.

Muitas outras vezes estive em sua casa em espírito, e algumas não o pude ver. Me informaram que estava em reuniões tão importantes no Plano mais elevado que eu não teria acesso a ele. Mas sempre, o simples fato de adentrar o recinto onde ele morava, me fez muito bem. Também o veria no Plano Espiritual a seu convite, para refazer minhas forças.

No dia seguinte, acordamos e resolvemos rumar para Franca, conversar com o senhor Paulo Virgílio. Ele, bondosamente nos recebeu, tomou os livretos e informou:

—Vou para S. Paulo quarta feira, e falo com o pessoal da GEEM. No almoço, passo em sua casa e lhe dou a resposta.

Tornamos à cidade da Lu e fui a um aniversário de um seu parente. No dia seguinte, tornaria a S. Paulo. Deixara a obra

lobateana com José Paulo Virgílio.

Em meio à festa, inesperadamente, vi o “bispo de Ouro Preto”, o espírito que nos incomodava sempre, no recinto. Ele dirigiu-se a mim e falou:

—Em menos de vinte e quatro horas farei você e a Lu brigarem. Você verá!

Percebendo isto, comentei com minha amiga sobre o que via, ao que ela me respondeu:

—Ele nem tente, meu bem. Comigo, não!

Terminada a festa, altas horas, comentei inocentemente com minha amiga:

—Faz três dias que estou fora de casa. Quando saí meu filho João Marcos estava com crise de bronquite. Não conseguimos nada, até aqui, para a publicação do Lobato. Nem falamos com o Chico. Às vezes não entendo os espíritos.

Lu, em prantos, respondeu:

—Olha aqui, Marilusa, se eu soubesse que ia tirar você de sua casa, causar tanto barulho para nada, e ainda te preocupar com teu filho, não teria telefonado. Se o Lobato me aparecer, de novo, eu juro, que não dou mais recado nenhum!

Ela chorava tanto, eu a magoara, sem querer, que não sabia como agir. Foi quando seu marido, que como o meu se chama João, lhe disse:

—Lu, pare com isto! O bispo está aqui dando risada, dizendo que não foi preciso nem vinte e quatro horas para armar este barulho.

Era verdade. Nós duas percebemos que havíamos caído numa cilada.

No dia seguinte, voltei a S. Paulo. Apesar da promessa José Paulo não apareceu em casa na quarta, nem nunca.

Esperei-o em vão, e, para não o incomodar não lhe telefonei, cobrando os

livrinhos. Que os espíritos “se virassem.” E eles já estavam fazendo isto mesmo, literalmente.

Alguns meses depois, eu estava viajando no carnaval com minha família, em descanso, quando o pessoal espírita da cidade para onde nos dirigimos me viu na rua e solicitou uma pintura mediúnica pública. Não houve como recusar. Providenciaram papel, telas, lápis, tinta, tudo. Fizemos o evento, e, ao final, queriam que eu ficasse com o material que sobrara. Aceitei, por recomendação dos espíritos, dezessete pedaços de papel e uma caixa de giz de cera. Voltei ao hotel. O telefone tocou. Era um senhor, que há mais de dois anos tentava falar comigo. Nunca conseguíamos nos ver, pois quando eu podia, ele estava viajando, e quando ele me ligava eu estava com compromissos inadiáveis assumidos.

Pedia que eu fosse vê-lo em sua propriedade. Mandaria alguém me buscar. Aceitei. Fui com a Marilei, porque, embora ele convidasse toda a família, João se negou a ir.

Viajamos. Chegamos a um sítio. Conversamos. Havia outras pessoas ali que depois se tornaram queridos amigos.

Percebi que ele desejava ver algum trabalho mediúnico. À saída do hotel onde nos hospedáramos, os meus amigos espirituais me instaram a voltar e pegar os papéis e a caixa de giz. Ofereci-me para o trabalho.

Aceitou e, porque não houvesse gravador, chamou um senhor, que não aceitava mediunidade e tocava violão, para nos assessorar. Estávamos num caramanchão. O violão tocava, pássaros em bando vinham lhe fazer companhia, e eu pintava mediunizada, quando a esposa do anfitrião pediu mentalmente uma tela. Portinari desenhou o que ela queria, e lhe entregou, dizendo:

—Era isto que a senhora queria?

Ela deixou que as lágrimas corressem de seus olhos.

Quando tudo terminou lhe presenteei com os quadros, que ele repartiu entre seus convivas. Foi dentro da casa e tornou com os livrinhos que há meses eu, por orientação de Lobato, através da Lu, deixara com José Paulo Virgílio.

—Eu e minha esposa lemos estes livrinhos. Achamos que são muito bons e que precisam ser publicados. Queremos saber quanto você precisa para começar a editá-los - falou com simplicidade.

Mal podendo acreditar, perguntei:

—Como é que isto foi parar em suas mãos?

Então ele me contou que fora a um jantar beneficente do Dr.

Edson Queiroz, em S. Paulo, e que, durante o mesmo, por denúncia de uma associação espírita o mesmo havia sido preso, por autoridades. Diante disto, o José Paulo se ofereceu para ir com ele, e mais um advogado. Não tendo com quem deixar os livrinhos, José Paulo lh'os entregara.

Aquele relato era uma resposta direta do Plano Maior e uma maneira de fazer-me ver como até de um mal pode vir um bem. Isto mesmo eu perceberia, diante do endurecimento da Edicel na publicação da obra infantil, e das outras pessoas que tentaram obstar-nos. Tudo concorria, para que materializássemos Radhu.

Eu tinha um preço aproximado, de meses atrás para editoração da obra infantil, sua sequência com o livro Pingo, mas na inflação galopante não podia saber ao certo em quanto ficaria a edição. Disse-lhe mais ou menos isto mesmo.

—Pois lhe empresto o dinheiro, em três parcelas - me prometeu o senhor que eu mal conhecia.

—Para eu lhe pagar como? - perguntei, pois não tinha um tostão.

— Me envie metade dos volumes editados.

—Com a outra metade, retirados os volumes de direito autoral, que eu doaria, - pensei - não teria condições de fazer uma reedição. Provavelmente iria abrir uma editora com um único lançamento e uma única edição.

Pensei, mas não verbalizei. Os amigos espirituais respondiam à “minha banana” a eles de forma inusitada. Eu pagaria para ver.

Lembrei-me que antes da viagem fora procurada por um amigo, o Sr. E. M. que levava uns originais meus à Gráfica e Editora, muito rica, onde vinha trabalhando. Eu lhe dissera, na ocasião:

—Pode levar os livros, mas não vão editar.

—Como você é teimosa. - redarguiu ele. - Se o dono quer editar livros espíritas e sou seu consultor e produtor, é claro que vai me ouvir. Pretendo auxiliá-lo a lançar a obra de Kardec, Herculano a sua e de outros.

—É. Mas não vai conseguir. Não estou dizendo isto para o aborrecer. Seu patrão é muito “seguro”. Não vai querer arriscar em livro espírita. Daqui há dois meses trará os originais de volta. Só lhe digo, para que não fique sem jeito de ter que devolvê-los. É só por isto, mais nada.

Ele olhou para meu marido e falou:

—Como você aguenta “isto”?

“Isto”, queria dizer, eu. Mas continuei lhe falando:

—Não se preocupe, contudo. Vamos abrir uma nova Editora.

Seus olhos brilharam.

—Tenho alguns amigos que têm fotocomposição, gráfica, e começou a citar nomes.

—Não vai dar certo. - falei - Destes seis, um não é honesto.

Não podemos abrir com estes.

Indignou-se, mas eu continuei:

—Mesmo assim, vamos abrir.

—Quanto você tem? - ele perguntou.

—Nem um tostão - respondi.

—Minha filha, eu sou “macaco velho” nisto. Você está sonhando. É preciso, no mínimo cem milhões para começar. E com qual livro pensa começar?

—Com um livrinho infantil. - respondi.

Ele deu uma gargalhada.

—Ninguém começa sem dinheiro e com um livro infantil, minha filha. Permita que eu lhe fale assim, pois tem idade para ser

minha filha.

—Muito bem - respondi. - Mesmo assim, começaremos sem dinheiro e com um livro infantil. Só quero saber se, quando chegar a hora, você me dará apoio, pois não entendo nada disto.

—Você aguenta “uma coisa destas?” - perguntou ele falando com meu marido.

—Que se vai fazer? - respondeu este, fazendo ar de vítima.

Prometeu ajudar e saiu rindo de mim.

E agora o Sr. P. me oferecia meios de começar. Eu aceitaria o desafio.

Ao tornar da viagem, orei agradecendo a Deus, vi Lobato a me sorrir dizendo:

—Está na hora de materializarmos Radhu!

Telefonei ao Sr. E. M. Começava nova frente de lutas. Na sessão na Casa do Caminho os espíritos me mostraram o logotipo, retirado do triângulo maçônico.

Mas devo dizer. Este lema foi e está sendo, até hoje, um programa de difícil cumprimento e que me tem custado acerbos dores e lágrimas.

CAPÍTULO XXIII - DECIFRANDO

Durante a recepção do livro "Confidências", e, mesmo depois, um espírito vinha se comunicando de forma intrigante, diferente.

Tenho algumas de suas anotações, pois a maioria, por não conseguir decifrar, joguei fora, e muitas foram as vezes que, não conseguindo entendê-lo, pensando que estivesse brincando, cortei a comunicação.

Os desenhos eram estranhos, pareciam hieróglifos. De outras vezes, fazia uns rabiscos que eu interpretava como o de uma vista aérea, pois parecia traçar caminhos vistos de cima, montanhas, e seis pedras em círculo, com uma em formato de "L" maiúsculo, com um M dentro, ao centro das mesmas.

Isto, na verdade, me aborrecia. Eu vira, há anos, antes mesmo da recepção do livro Confidências, umas pessoas que eu não conhecia num local, desenterrando uma estátua. No desdobramento, eu tentava falar com elas, mas não me ouviam, não me viam. Elas desenterravam uma Nossa Senhora do Rosário, imagem paulistinha do século dezoito, com um manto azul, com enfeites dourados, sem o menino Jesus nos braços.

Mais tarde, soube que fora de Marília de Dirceu.

Quando estive em Ouro Preto, entre as pessoas que conheci, vi uma das que haviam estado naquele local. Fui visitá-la e, com jeito, tentei tocar no assunto. A pessoa negou que tivesse visto ou tomado conhecimento daquele assunto. Não estava bem de saúde.

Num dado momento, comecei a sentir o cheiro da “canga” (pedra ferrosa, característica da região), que me era passado sempre pelo

“bispo”, e que vinha prejudicando a pessoa, que estivera no local do enterramento de parte dos objetos dos inconfidentes.

Comecei a “despir-me dos metais” e comecei a conversar com um espírito de um preto velho que estava zangado. Aos poucos, entendi a razão de sua zanga. Ele morrera, há duzentos anos, e ficara com o corpo em um poço de cal, guardando, com outros espíritos, o local onde haviam “mexido!” e retirado parte dos objetos dos amigos inconfidentes.

Comecei, portanto, a doutriná-lo e ele estava irredutível, até que os amigos espirituais me transfiguraram diante dele. Pela aparência em que me via, passou a ter-me consideração, pedia desculpas. No astral, formou-se uma escadaria e, por ela uma “sinhazinha” em espírito, desceu. Sua presença causou-lhe imensa emoção. Chorava copiosamente. Ela lhe pedia para abandonar a perseguição à família que visitávamos, e dizia que estava desobrigado da promessa de “tomar conta do local” onde haviam mexido.

Antes porém de levá-lo, ele, humildemente, quis demonstrar sua amizade por mim. Pediu papel e desenhou a “casa da fazenda” do local, tal como era e depois, com o lápis foi cortando a propriedade, mostrando como fora caindo e o que ainda restava dela. Falou-me da fonte, da ponte derruída, de como a água fora canalizada para um bebedouro de animais, para que eu soubesse como estava o local, pois eu estivera vendo como ele fora há duzentos anos. Prometeu que me ajudaria a ir lá.

Eu não estava procurando por isto, agradei-lhe sem, contudo, acreditar que iria a qualquer lugar. Ele, para me dar confiança disse:

—Vou levar você lá, mas antes tem que passar pelo livro.

Despediu-se carinhosamente e foi levado.

Saí da residência feliz por ter podido ajudar e fui a Praça Tiradentes, pensando naquela história de “passar pelo livro”. Quem sabe, queriam que eu lesse algo, mas, olhando as prateleiras não me veio nenhum aviso. Pensei, quem sabe “o livro” é a Bíblia?

No dia seguinte, esqueci o assunto e rumamos para um passeio, pois, de Ouro Preto, saíamos muitas vezes, para várias cidades das regiões mineiras. No entanto, o motorista perdeu-se. Não se conformava.

—

Conheço isto como a palma de minha mão! Não entendo, como fui me perder.

Começou a manobrar para voltar e, nisto, Marilei me cutucou e mostrou a paisagem lá embaixo. Não havia dúvida. Lá estava o estranho mapa que sempre o “árabe” como eu chamava meu amigo “escritor .de hieróglifos” desenhava. Pedi para parar o carro, bati fotos, tentei situar o local, fiz perguntas e, mais tarde, eu iria lá embaixo para ver o local de perto.

Muito aborrecido, nosso motorista contratado para os passeios quis aquele dia compensar pelo desconforto da perda e propôs:

—Quero mostrar-lhes a Faculdade de Ouro Preto, a Universidade Nova.

Vendo minha relutância falou cortês:

—Não cobrarei nada por este passeio.

Como eu demonstrasse não querer, ele insistia:

—Foi feita por Niemayer.

Realmente o nome de peso me intrigou. O Hotel onde nos instaláramos, daquela vez, fora desenhado por ele, parecia um imenso navio, os corredores internos. Confortável, lindo mas fora dos parâmetros coloniais da cidade.

O Sr. A. nos levou e, mostrando os prédios me perguntava:

—Olhe bem! O que lembra? O que parece?

Eu olhava sem ver, como geralmente nos acontece na maioria das vezes, durante toda a vida.

Vendo que eu não decifrava, tomou um livro no banco, colocou-o de pé, abrindo-lhe as páginas em círculo, mostrando o projeto arquitetônico à nossa frente.

—Um livro aberto, de pé! Olhe! É um livro! Cada prédio é uma página.

Foi como se me acendesse a luz nas trevas.

“—Vou levar você lá, mas antes tem que passar pelo livro.”-dissera o bondoso pretinho, ao se desculpar por nos haver, de certo modo, considerado intrusos!

Sim, finalmente eu entendia! Mas ainda teria surpresas, ao verificar o local que me fora anteriormente desenhado.

Nos dias subseqüentes, arrumamos um meio de votar ao local onde sabíamos haviam desenterrado “coisas.” Lá, na solidão de Minas, olhei com respeito o touro, a águia, o leão e a enorme cabeça de mulher lá em cima.

Caminhamos pelo mato, encontramos as ruínas da antiga propriedade. Achando um poço, tomei de uma vara comprida, querendo achar o esqueleto do escravo que falara conosco. Assustadas as meninas queriam ir embora. Estava no poço errado. Só achei uma queixada ou de cachorro ou de porco. Ele me dizia que o poço onde ficara estava, no momento, coberto de terra, folhas, enxurrada. Tinha uns cinco metros de diâmetro, bem fundo, para fazer cal.

Subimos morro, descemos, em meio a cobras, mato, eu indo à frente, com a máquina de fotografia no pescoço, pensando em tirar fotos da cabeça da mulher de perto.

Lá pelas tantas, bem no alto, ouço Marla gritar-me de baixo:

—Mãe!

E eu:

—Quero tirar foto da cabeça! Fica quieta!

E ela, rindo muito:

—Bem que falei para deixar a máquina comigo! Como vai tirar a foto agora, se a senhora está bem em cima dela?

Era verdade. Eu estava no topo da “cabeça da mulher”.

Havia levado dois pincéis e tinta para desenhar o local. Quando abri a bolsa tinham sumido, como que desmaterializado.

Marilei caminhava pelo mato. De repente, mãos invisíveis lhe arrancaram do pulso uma pulseira de ouro, que se prendeu num galho.

—Ah! Não! - ela falou zangada. - Eu não estou aqui tirando nada de ninguém e ninguém vai tirar nada de mim, não!

Pegou a pulseira e a guardou com cuidado. Tivemos que consertá-la em São Paulo. Haviam-na quebrado.

Voltamos depois disto à mesma casa, onde o pretinho dera suas indicações. Continuaram negando que tivessem mexido no local, mas, quando falei da cabeça da mulher o senhor confessou:

—A senhora me obriga a dizer. Procurei dez anos pela cabeça e, toda a vez que tentava ver pela mediunidade, via um burro comendo milho e me piscando com um olho.

—Estão a caçar do senhor. - respondi. -Vamos lá que lhe mostro a cabeça.

Fomos. Ficou admirado.

—Tão visível! Tão grande! Como não vi antes? - perguntava.

Antes de falecer, numa de nossas visitas e viagens, abriu o cofre e mostrou um mapa, em tudo idêntico ao que eu desenhava do local do enterramento, com as três pedras circulares de três raios (que foi retirada e substituída), de cinco raios e de sete.

Mas, com o tempo não eram apenas as pedras em círculo que marcaram nossos passos. Pedradas haviam de todos os lados. Perseguições, calúnias, incompreensões. Na volta da viagem, pensava tristemente:

—Como está chovendo pedras em meu caminho!

Tomás mostrou-se e disse:

—Leia a traseira do caminhão que vai passar por vocês.

Fiquei atenta. Daí há instantes, caía na risada. Na traseira do caminhão se lia em letras maiúsculas:

“NAS PEDRAS TAMBÉM NSCEM FLORES.”

Mais uma vez as flores me eram por aviso e sinal.

CAPÍTULO XXIV - O LEILÃO DA ESTÁTUA

Acontecera um fato muito interessante, antes da publicação do Desconto um Conto, uma amiga da Casa do Caminho nos dera um anúncio de um concurso de Contos infanto-juvenis da FEESP.

Não pensava em participar, quando Zé Bento me apareceu e disse:

—Vamos brincar um pouco. A mesma comissão que não aprovou a obra minha, me dará o prêmio neste concurso.

—Como assim? - perguntei.

—Vou escrever um conto. Você manda com o pseudônimo de Joana Ninguém. Joana em homenagem a Joana D'Arc e Ninguém em homenagem a você.

—Quanta gentileza! - respondi brincando com o jeito dele.

Deste modo enviamos o conto "Coláquio, Stique e Queque", e, para nossa surpresa, recebemos, tempos depois, uma carta de Jamil Salomão que falava da dificuldade em nos localizar, pois haviam simplesmente sumido com a carta com o nosso endereço, mas, graças a Gilvete ele me encontrara. Nós havíamos ganho o concurso, só queriam retirar a expressão "Virgem Maria", do texto, por acharem que isto causaria polêmica.

Era apenas uma expressão idiomática, por assim dizer, não tinha a conotação que lhe poderiam dar, era como um "Ai Jesus", ou coisa que o valha.

Anos depois eu viria a conhecer o Jamil, excelente criatura, espírita realmente nas atitudes, o que muito nos felicitou. Contei-lhe a maneira e o porquê de nossa participação.

O conto foi incluído no livro Desconte um Conto.

Um outro fato veio se arquivar de forma marcante em nossas

lembranças. Um dia, estando em casa, Tomás me apareceu e disse:

—

Pegue o jornal e leia os artigos.

Eu quase nunca tenho tempo para ler o jornal, mas, por sua indicação pus-me a ver as manchetes, artigos, tudo, pensando que encontraria alguma notícia que me dissesse respeito, ou a algum conhecido e amigo meu.

Nada, no entanto, me chamou a atenção.

— Não vi nada que me tenha significação. - falei-lhe.

— Olhe na seção de arte.

Procurei o caderno referido e pus-me calmamente a lê-lo todo.

Quem sabe algum Salão ou exposição de algum amigo...

Mas não consegui atinar com o que desejava que eu visse.

— Não encontrei nada.

Não sei o que pretende. - lhe disse.

— Marilusa, leia sobre este leilão do Tableau.

Dei mais atenção ao mesmo. Um S. José de Botas, do Aleijadinho estava anunciado entre as peças a serem leiloadas, com um lance mínimo de um bilhão de cruzeiros. Continuei lendo: Ao final, uma outra peça me chamou a atenção. Era uma N. S. do Rosário, imagem paulistinha do século XVIII, também com lance de um bilhão de cruzeiros.

Meu coração disparou. Tomás confirmou:

—É ela mesma. Era isto que eu queria que você visse.

Rasparam o ouro do manto, lá em Ouro Preto. Deu umas dezesseis gramas. Venderam a mesma a um turista, e agora estará sendo leiloadada.

Fiz meu marido telefonar para lá. As informações batiam. Era de madeira policromada, manto azul, com o ouro raspado, de uns 45 centímetros de altura.

Nem é preciso dizer que minha tristeza foi imensa, por não poder adquirí-la.

Agora, treze anos após o lançamento do “Confidências,” acabo de chegar de Ouro Preto. Durante todo este tempo eu tentei chegar à pessoa que tem consigo a aliança que foi de Marília de Dirceu.

Queria vê-la, a fim de confirmar se era da maneira que eu a vira, no desdobramento, durante a recepção.

Por mais tentasse chegar à pessoa em questão, nunca pude vê-la, ou por não estar na cidade, ou porque não conseguia seu endereço, havia se mudado. Tomás me fez muitas promessas e esta era uma das últimas que faltava se concretizar.

Finalmente, no início deste 1993, fui recebida na residência de uma alma bondosa, que, mesmo sem me conhecer, mesmo ressabiada com os motivos que me haviam levado ali, e que eu não declinei, fez-me o obséquio de me mostrar a aliança, em tudo “calcada” na semelhança com o colar e brincos que Tomás dera à noiva, parecida com o jogo que fora de sua mãe, com rosas em relevo.

Quantos espinhos custaram estas rosas de ouro! Quantas lutas, quantas decepções, quantas traições, e até mesmo a morte de um ser muito amado, companheiro de jornada de mais de cinco mil anos, citado de forma parabólica no “Sonata de Amor a 4 mãos.”

A bem poucos amigos “confidencieei” meus temores com a morte de alguém em meu lugar, como Tomar, pulando à frente de Samira no livro Sonata de Amor a 4 mãos, despedindo-se com a cabeça ao colo de Nedjma. (ambas a mesma alma: Marília de Dirceu).

Quando falei de meus temores olharam-me com estranheza. Não podiam entender os meus receios, a responsabilidade sobre meus ombros, ao elucidar a parábola do Sonata, descobrir as pessoas encarnadas envolvidas na trama, tentar impedir um desencarne.

Quatro pessoas de minhas relações afetivas mais íntimas, possuíam os nomes que formavam um criptônio de Tomar. E eu não queria o desencarne de nenhum deles. Daria minha vida, sem

pestanejar, apesar do imenso amor que tenho pelos pais, filhos, e o trabalho que estou executando, pelo aprendizado mesmo na existência carnal, por qualquer um deles.

Fazia três anos que a “descoberta” da realidade tangível quase do Sonata me vinha amarfanhando a alma, e cada vez o momento do sofrer se aproximava mais.

Desde o acidente de Marilei, em 1989, eu compreendera a “realidade” do livro recebido por mim em 1982.

E o desfecho se fez logo após a viagem de Samira ao Egito, com Toba Loro Tei Mont, com o desencarne de um dos quatro “suspeitos por mim” de identificarem o personagem Tomar.

Infelizmente, não pude impedir que tal fato se desse, e estes espinhos se juntaram à imagem linda das rosas de ouro da aliança de Marília de Dirceu. (a Halcima decantada no livro citado, que quer dizer Doçura).

Sei que é difícil, para quem estiver lendo quanto narramos, entender a profundidade do que confidenciamos.

A realidade, na maioria das vezes, é mais Fantástica do que a fantasia, e mais dolorosa e surpreendente.

Somente após a morte física da pessoa que vinha tanto me preocupando, é que os poucos amigos a quem eu referia meus cuidados, minhas tristezas, finalmente entenderam que não havia fantasia nem exagero no que me amarfanhava a alma.

A morte chegara, e rumamos para Ouro Preto, a fim de completar todas as profecias contidas no livro. Completava-se um ciclo.

CAPÍTULO XXV- DE QUANTAS “MORTES” SE FAZ UMA ALIANÇA

Logo após o ataque pela imprensa ao livro “Confidências” e ao “A moça da ilha,” fizemos uma viagem com um grupo de companheiros até Uberaba, a fim de assistirmos a reunião de Chico Xavier.

Falta apenas rememorar a última conversa que tivemos com Chico Xavier.

Fizemos muitos amigos durante a mesma. Assistimos coisas memoráveis, revimos antigos companheiros de Minas.

Ao final dos trabalhos, Chico autografava livros, muito cansado.

Pus-me no “rabo” da fila, a fim de poder conversar com ele, enquanto Cidinha, José, Belmiro e outros conversavam comigo, bem como Felícia, minha amiga da Casa do Caminho, aqui de São

Paulo.

Quando chegamos ao Chico, bondosamente o Sr. Ri. “distraiu” o pessoal da mesa, para que eu pudesse conversar com Chico.

Perguntei-lhe:

—Chico estão me atacando, deturpando o que dissemos no livro A moça da ilha. Devemos responder?

—Não, minha filha, não devemos responder nada.

—Mas calar não poderá ser interpretado por consentimento?

—A interpretação é deles. O que nos interessa é a consciência tranquila. Nossa resposta deve ser o exemplo e o trabalho.

— O que você acha do livro A moça da ilha?

—Você já tem nosso apoio, do Dr. Bezerra e dos Amigos do Plano Maior, para suas tarefas. Qualquer interferência de fora não deve lhe preocupar. O livro é lindo!

Nisto, Chico estendeu-me as duas mãos, que tomei com profunda gratidão. Preocupados com sua saúde seus companheiros o retiraram do recinto.

Registramos a conversa. Da vez anterior que eu lá fora, tinha por móvel conseguir informações sobre nosso amigo M. de Ouro Preto para sua esposa. Ele bondosamente disse que o mesmo prometera a mensagem.

As anotações de quanto vimos naquela reunião serão narradas, c

ontudo, em outro livro, que ainda não posso citar.

São fatos muito marcantes.

A esposa do Sr. M. conversaria com ele longamente através de mim, em casa de nossa amiga comum, a senhora Conceição, em Uberaba.

Neste período, no Brasil acabou a ditadura, cuja miséria moral e consequências desastrosas para o país ainda não foram devidamente avaliadas, houve a morte de Tancredo Neves, tão mal explicada, a gestão medíocre do presidente Sarney, no continuismo de Figueiredo, a posse e deposição de Collor, para desestruturar o poder civil, e as algemas do FMI, a gargalheira, a violência urbana, a pobreza espiritual e moral do povo, nossas crianças em número cada vez maior em abandono e treva, e agora a bandeira do Parlamentarismo, como “Cortina de Fumaça”, e novo confisco bancário, vestido com o nome de imposto sobre operações financeiras.

Chego a ter inveja de quem partiu em meu lugar, alçando vôos para conquistas maiores.

Minha amiga Ruth Brasil diz que o alvorecer do milênio durará até o ano 2.200, e o projeto nosso da Cidade do Alvorecer do Milênio, que vi, em 1977, quando, pela primeira vez ia ao Chico, jaz arquivado à espera dos artífices do mesmo.

Como chama inapagável no coração, o amor, a esperança e a fé me impulsionam rumo ao traçado desconhecido que os amigos plasmaram,

para mim, na presente encarnação.

Acompanham-me afetos imorredouros em ambos os lados da vida. Todos aqueles que, de algum modo, nos feriram, nos auxiliaram a crescer, a trabalhar e ampliaram nossa convicção no Espiritismo, na Vida Imortal, e nossa coragem.

Benditos sejam.

CAPÍTULO XXVI - ENCERRAMENTO

Esta é uma história inacabada, como a de Sherazade que, para não perder o pescoço, pos-se a fazer narrativas ao rei.

As parábolas de Malba Tahan continuarão no livro “Peripécias Matemáticas”, tanto quanto os livros do Dr. Tomás, Monteiro, e dos outros companheiros, como Meimei, Casimiro, Machado de Assis, e todos os que se apresentarem, por ordem superior, bem como os mais de 93 pintores liderados por Leonardo da Vinci, e os músicos liderados pela intérprete Elis Regina, que nos levou a lançar a primeira fita K7 - Voltando Feliz (ou Elis voltando). Depois lançamos mais dois CDs: Microcólus e Fa,La,Si,Mi amas! O acordo de trabalho é nosso, o programa imenso, os trabalhadores, colaboradores que nos possam entender, poucos.

E, a todo ataque, à toda incompreensão, à toda injúria, responderemos com a gratidão das lições que engrandecem, e mais e mais trabalho, e amor no lema RADHU.

Temos poemas, mensagens, livros, desenhos, pinturas, músicas, esculturas, psicometrias e... Amor, Amor, Amor.

Que mais podemos desejar?

Fac- símile da letra do Chico:

Uberaba, 17-9-93

Senhora Marilusa Moreira Vasconcellos

Prezada Marilusa, nobre amiga e irmã. Jesus nos abençoe.

Peço-lhe permissão para tratá-la por "você", estendendo essa solicitação ao senhor seu esposo, que respeito muito, pois tem sido ele, com a Bênção de Deus, o seu apoio, na realização admirável dos livros que nos foram trazidos por sua preciosa mediunidade.

Antes de tudo, agradeço - lhe, muito calorosamente, a sua generosa dedicatória que muito fez por merecer. A sua bondade está ali. Stampada de

Uberaba, 17-9-93.

Senhora Marilusa Moreira Vasconcellos

Prezada Marilusa, nobre amiga e irmã,

Jesus nos abençoe.

Peço-lhe permissão para tratá-la por você, estendendo essa solicitação ao senhor seu esposo, que respeito muito, pois tem sido ele, com a Bênção de Deus, o seu apoio na realização admirável dos livros que nos foram trazidos por sua preciosa mediunidade.

modo a gravar em minha memó-
ria a dívida de gratidão pela
imensa alegria que o seu gesto
me marcou em forças mais ínti-
mas. Muito grato, prezada irmã,
pela sua generosidade. Que o Senhor
da Vida me faça digno da honra
com que você iluminou o meu
entardecer, pois já estou quase
no "Kilometro 84" da minha atual
existência que se aproxima dos
84 janeiros. Deus a recompense.
Li, com muito interesse e cautela o
seu novo livro mediúnico "Jaco-
fidências de Uma Confidente", inspi-
rado pelo autor "Antônio Tomás G.
Zaga" que aqui camuflado com
você em todos os parcos, nos
faz com que revele as alegrias e as

Antes de tudo, agradeço-lhe muito comovida-mente, a sua generosa dedicatória que nada fiz por merecer. A sua bondade está ali estampada de modo a gravar em minha memória a dívida de gratidão, pela imensa alegria que o seu gesto me marcou

as forças mais íntimas.

Muito grato, prezada irmã, pela sua generosidade.

Que o Senhor da Vida me faça digno da honra com que você iluminou o meu entardecer, pois já estou quase no "Kilometro 84" da minha atual existência. que se aproxima dos 84 janeiros. Deus a recompense.

dificuldades da sua elevada tarefa
mediúnica. Um livro de singular
beleza, em que você desdobra o
rico painel das suas experiências
de fiel medianeira do Bem.
Você com o notável amigo Tomás
ou ele com você, conseguiram reali-
zar um volume de verdades
iluminadas, em que nós outros, os
médiuns seus irmãos, podemos
aprender como se pode manter
a convivência com os nossos Ben-
feitores Espirituais com a verdade
natural, despida de aguilhões,
verdade, que em suas descrições
e atitudes, me parece em todo
o livro a que me refiro, uma fonte
clara e bendita, a renovar-nos
os conhecimentos e a guiar-nos para

Li
com
muito
interesse
e
carinho o
seu novo
livro

mediúnic
o
“Inconfid
ência de
uma
Confiden
te”
inspirado
pelo
autor
“Tomás
Antonio
Gonzaga
” que terá
caminhad
o com
você em

todos os passos, nos quais você revela as alegrias e as dificuldades da sua elevada tarefa mediúnica. Um livro de singular beleza, em que você desdobra o rico painel das suas experiências de fiel medianeira do Bem.

Você com o notável amigo Tomás ou ele com você, conseguiram realizar um volume de verdades iluminadas, em que nós outros, os médiuns seus irmãos, podemos aprender como se pode manter a convivência com os nossos Benfeitores Espirituais com a verdade natural, despida de aguilhões, verdade, que em suas descrições e atitudes, me parecem em todo o livro a que me refiro, numa fonte clara e bendita, a

os caminhos certos. "Confidências de uma Confidente" é um livro lindo e providencial para os nossos tempos. Jure a fortaleza e inspire sempre.

E espero rever você, em breve, assim que meu corpo desgastado alcance melhoras positivas. Não posso ir aí porque tenho as pernas paralisadas e alguma insuficiência cardíaca, ocorrências naturais num corpo físico que mais se parece com um operário cansado e exigente, requisitando uma aposentadoria que não posso dar. E não convido a você e ao Sr. João para virem aqui ^{atualmente} porque estou sob controle dos Amigos Espirituais e de Médicos que não me permitem nem sair do quarto, mas espero que nos veremos em espírito. Meu resumo ao senhor João é a todos os dias. S' prezada muito e vivemos felizes de sempre. Amos Vian

renovar-nos os conhecimentos e a guiamos para os caminhos certos.

"Inconfidência de uma Confidente" é um livro lindo e providencial para os nossos tempos.

Jesus a fortaleza e inspire sempre.

Espere rever você, em breve, assim que meu corpo

desgastado alcance melhoras positivas. Não posso ir aí porque tenho as pernas paralisadas e alguma insuficiência cardíaca, ocorrências naturais num corpo físico que mais se parece com um operário cansado e exigente, requisitando uma aposentadoria que não posso dar.

E não convido a você e ao Sr. João para virem aqui atualmente porque estou sob controle dos Amigos Espirituais e de Médicos que não permitem nem sair do quarto, mas espero que nos veremos em espírito,

sem as barreiras que o meu tratamento exige. Meus respeitos ao senhor João e a todos os seus.

À prezada irmã envio minha gratidão de sempre.
Chico Xavier.

Notes

[[← 1](#)]

Eu sabia que não devia fazer aquilo, mas a curiosidade era imensa e eu queria saber o que estava acontecendo com a Sra. H., já que seu marido chegara quase ao amanhecer, completamente bêbado, e a entidade comunicante mentira. Este tipo de experiência não é aconselhável, pois atrai entidades inferiores. Numa outra ocasião, uma vizinha minha, juvenzinha inexperiente, fez o mesmo com as amigas, e como os espíritos saíssem com palavras de baixo calão, elas responderam no mesmo tom. Quando quiseram parar a comunicação, as entidades abriram as portas dos armários da cozinha e foram derrubando copos, pratos, o que lá havia, fazendo com que a dona do apartamento, pessoa muito frágil, desmaiasse de susto. Uma médium foi chamada para falar com as entidades e afastá-las.

[←2]

Dezesseis anos depois, Machado de Assis escreveu a história de Duda, por escolha de Tomás Antonio Gonzaga.

[←3]

Havíamos recebido o primeiro livro em 1969, e somente em 1982 veio a lume. Temos mais de 100 histórias com 1500 ilustrações dadas por Oyama. As lutas até chegar a isto iremos contando paulatinamente. Eu conhecera Monteiro antes, mas o primeiro contato mais sério se dera durante aquele passeio no Plano Espiritual, quando vi Microcólus. Ele e o “Chuva de Ouro” me haviam levado. Pensei que o amor que tivera aos seus livros, desde a infância, quando me eram dados por papai, durante suas viagens a S. Paulo, é que haviam provocado a aproximação. Somente muito tempo depois eu saberia, realmente, de onde vinham nossos contatos.

[←4]

A última vez que o fiz foi em Recife num debate de artes com meu amigo Augusto Cesar Vannucci.

[[← 5](#)]

O poema foi inserido no livro Sonata de Amor a 4 mãos à página 98. Até hoje esta "profecia" se cumpriu, bem como a parábola do Sonata, que viria depois, com todo seu caudal de acontecimentos em Hazil (Brasil com seus personagens Samira (Marta-do "Mário a Tiradentes") e Nejma Liz Amar (Marília do "Confidências...")

[←6]

Estes dois poemas foram inscritos à págs. 150 e 151 do livro 'Sonata de Amor a 4 mãos.'

[←7]

O acidente sofrido por Marilei fora previsto numa frase que Tomás pedira publicar em letras garrafais no Sonata de Amor a 4 mãos' à pág. 164: O PREÇO DA VITÓRIA É O PREÇO DA TRAIÇÃO!

[←8]

Victor quer dizer vitorioso.

[[←9](#)]

O livro se intitulava, DONDE ESTAN? - Tomo 11 - Editora Arzobispado de Santiago - Vicaria de la Solidaridad. Os autores eram o bispo Enrique Alvear C.; o bispo Vicario Zona Oeste e Raul Cardenal Silva Henríquez, arzobispo de Santiago.